

editorial

LÍNGUA PORTUGUESA COMO INSTRUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E COMPREENSÃO DO SIGNIFICADO DAS LIÇÕES DA VIDA

O idioma adotado em qualquer país, como não poderia deixar de ser, é instrumento poderoso e o mais importante como meio de comunicação entre as pessoas e compreensão entre si, divulgação de sua cultura, difusão de seu pensamento.

Poderoso meio de identificação nacional, atua como elo de ligação e meio de expansão e divulgação das ideias e sentimentos. Elemento básico da nacionalidade, confere aos seus usuários a identidade como nação.

A nossa língua portuguesa, rica e de extenso léxico é orgulho de vários países que a adoraram, inclusive o nosso.

Acontece, todavia, que, sob a alegação e torná-la mais do povo, mais do falar cotidiano, vamos presenciando a sua paulatina mas progressiva deterioração, pelos mais diversos canais. Não se trata apenas da adoção de expressões estrangeiras que passam a ocupar de destaque no nosso falar e escrever, mas, e principalmente, a aceitação e adoção de corruptelas grosseiras, abreviação de palavras e criação de outras sem que tenham a qualidade de neologismos e que enfeiam e desvalorizam a beleza de nosso idioma.

Não sem razão ou em momento inadequado, movimentos se criam e grupos se mobilizam em defesa da língua portuguesa contra os abusos daqueles que, sem qualquer responsabilidade social e principalmente cultural vão dilapidando valores e invertendo as tabelas de critérios para a beleza e o correto em matéria de linguagem.

As Academias de Letras e evidente a nossa AGML estamos engajados neste desiderato e o buscaremos até o fim, pois o fim precípua de uma Academia de Letras é exatamente zelar pela pureza e incorruptibilidade de nossa língua portuguesa.

Para nós, especialmente, considerada a enorme carga simbólica e os preciosos significados de palavras, expressões e frases para

a compreensão do sentidos profundos e abrangentes da filosofia maçônica, a pureza da línguas em que nos expressamos é essencial e indispensável.

Nossos estudos nunca alcançariam sucesso se empobrecêssemos a língua em que nos manifestamos para atender aos anseios de parte da população que talvez por ignorância entende por simplificação a aceitação de falares que absolutamente respeitam as origens e finalidades da língua que adotamos.

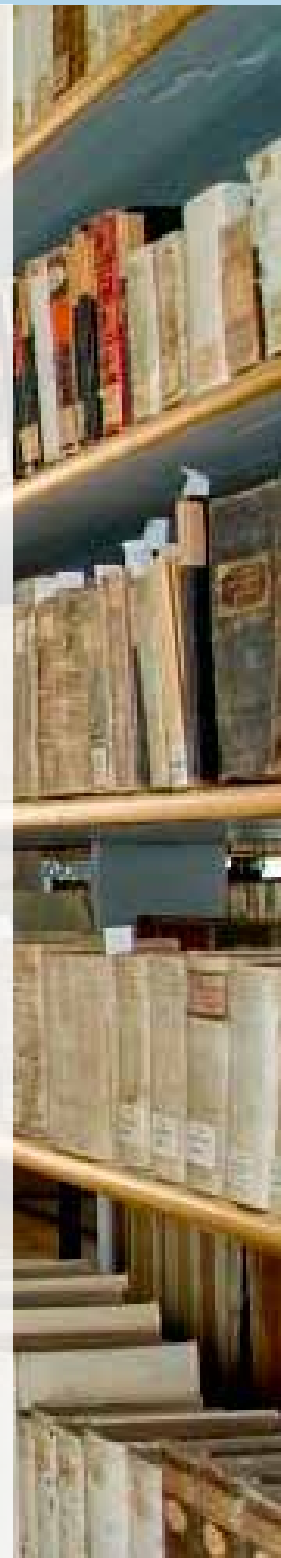
As grandes lições morais e filosóficas que as Lojas Maçônicas ministram perderiam em muito não só o seu brilho, mas o seu proveito, se ministradas em linguagem rasteira e de lindes de significação imprecisos e frágeis.

Em pouco tempo teríamos estabelecido uma tal balbúrdia de significados que a doutrina maçônica escoaria, barrenta, pelos desníveis das ruas de nosso palavrado, perdendo-se nas bocas de lobo de interesses escusos daqueles que não se importam com o desenvolvimento integral das pessoas.

Desejando o crescimento moral e social dos homens, a extensão da fraternidade todos as pessoas e a evolução pessoal de seus integrantes, a Maçonaria estaria fadada a derrota fragorosa, por conta do fato de a espada da palavra, a ser usada nos embates contra as hostes inimigas do bem da humanidade terem sido forjadas com material de baixa qualidade (as corruptelas, as abreviaturas de palavras, o falsos neologismos e a mentira da facilitação linguística) ao invés do aço puro e forte e uma língua que, popular ou castiça, sempre respeitará a pureza de sua origem e os grandes marcos de seu significado.

Estamos juntos nesta jornada. Lutamos lado a lado neste combate em defesa da língua portuguesa.

Equipe editorial



AÇÕES NA AGML





fala do presidente

A CONFRARIA É SOLO FECUNDO E ANSEIA POR UM ANO PROMISSOR ...

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Tenho o privilégio e a subida honra de saudar nesse ano que inicia a presença imprescindível de Vossas Excelências, para abordarmos importantes assuntos da nossa agenda e definirmos o rumo a seguir pela nossa Academia Goiana Maçônica de Letras durante essa temporada.

Parafraseando "John Quincy Adams, com experiências centenárias, suas palavras continuam atuais, quando disse: "Se suas ações inspiram os outros a sonhar mais, aprender mais, fazer mais e crescer mais", nessa linha de pensamento, o Confrade da AGML também é um líder por excelência e possui representatividade que transcende a instituição maçônica.

É mais, mais e mais...

Essas responsabilidades assumidas por cada Confrade, torna uma paixão pela produção intelectual no meio maçônico, além da satisfação em servir e colocar a serviço da AGML, gera um valor incomensurável que vai reverberando e torna sucesso em cada ação proposta e executada.

Agradeço vivamente a presença de todos, pois estou consciente de como é incômodo e mesmo tempo prazeroso, hoje em dia, superar cada atividade planejada e colar em ação, diante de tantos afazeres que cada membro acadêmico possui no labor diário e ainda reservam espaços para dedicarem a AGML com refinada qualidade.

Em meu nome e de toda diretoria da AGML, desejo a todos Confrades as boas-vindas a 2024, espero que possam desfrutar e compartilhar ainda mais, as belas e profícuas ideias, os projetos, contudo, repensemos nossos papéis e nossas atitudes, pois com elas, demonstramos o compromisso que queremos, para o maior crescimento da nossa confraria, tanto para a instituição quanto para maçonaria, sobretudo, para sermos referendados também, nos demais espaços de educação e cultura. Você é um marco para a Academia Goiana Maçônica de Letras



DIRETORIA – BIÊNIO 2022/2024



CADEIRA Nº 06

Presidente
José Mariano
L. Fonseca



CADEIRA Nº 21

Vice – Presidente
Adegmar José
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário
Isaias Costa Dias
CADEIRA Nº 37



2º Secretário
Hamilton Rios
de Araújo
CADEIRA Nº 33



1º Tesoureiro
Carlos A. B.
de Castro
CADEIRA Nº 32



2º Tesoureiro
Anestor Porfírio
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de
Patrimônio
Joás de Franca Barros



CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural
Anderson Lima
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação
João Batista
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário
Airton B. de Andrade
CADEIRA Nº 18



Orador
Absai Gomes Brito
CADEIRA Nº 04



Breno Boss C. Caiado

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José
Vieira



CADEIRA Nº 25

Paranyha
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



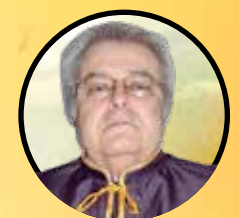
CADEIRA Nº 23

Genserico B.
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino
Lima



CADEIRA Nº 15

Jefferson S.
de Carvalho



sensibilização

MOMENTOS HISTÓRICOS – GRANDE ORIENTE DO BRASIL

Hélio Pereira Leite | Transcrição

“O caráter progressista de nossa Sublime Instituição nos impulsiona para a construção de uma sociedade mais justa e fraternal”.

Admitimos que, além de direitos, temos também deveres – e não somente para com nossos Irmãos, com nossos familiares e a sociedade, mas principalmente para com nós mesmos, trabalhando nosso Templo interior.

Na sua essência, a Maçonaria tem como lema erigir templos à virtude e cavar masmorras ao vício – uma das mais nobres atividades pregadas por todos os grandes condutores da humanidade.

Ao estimular a virtude, é preciso, ao mesmo tempo, combater o seu inimigo, o vício, que está sempre tentando o homem e o desviando da estrada correta.

Desde os tempos antigos, a virtude era tida como uma disposição adquirida de fazer o bem. Para os pensadores latinos e gregos, a virtude era um ponto sediado de maneira equidistante dos vícios, como expressa o provérbio latino “in medio stat virtus”.

Em “Ética a Nicômano”, Aristóteles afirma que tanto na Moral, no comportamento e na virtude, há uma mediação entre vícios de sentidos opostos.

Horácio, em um dos versos de suas “Epístolas”, diz que a virtude é o ponto médio entre dois defeitos equidistantes um do outro. Lê-se também nas “Metamorfoses de Ovídio”, quando o sol adverte Faetonte para que dirija seu carro de maneira equidistante da terra e do céu, para não se submeter aos perigos; conselhos estes não seguidos, que obrigou Zeus a fulminá-lo: “medio tullissimus íbis” (pelo meio irás com segurança), representando o conselho não seguido.

Roberto Lyra, professor da UnB, era totalmente contra o meio termo como conduta certa e ao tratar do comportamento humano, investiu ferozmente contra tal ideia. Segundo ele, o meio

era uma linha que passava do nariz às partes pudendas, portanto, detestável, contaminando, pois ele defendia o marxismo, que era radical nas suas ações.

Para o Apóstolo Paulo, a excelência da virtude é a caridade, como podemos ler na Primeira – Epístola aos Coríntios, versículo 13: “ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine”.

Ao tratarmos da virtude pelo político, temos a citação de versos de Petrarca em “O Príncipe” de Maquiavel, onde o termo significa: “O valor tomará armas contra o furor; que a luta se espraie bem depressa! Pois a coragem antiga não morreu no coração dos Italianos”. Para Maquiavel, virtude é a capacidade do príncipe de manter e firmar seu domínio, usando das artes da raposa e do leão.

O vocábulo “virtude” vem do latim “vir” (viri) que significa homem (como homem ou com as qualidades de homem) em oposição à feminina. Daí (VIRTUS – UTIS), varonil, coragem, vigor valor e virtude. Era qualidade física do homem, dos animais ou das coisas.

Há inúmeras virtudes, mas devemos ter em mente que a primeira das virtudes é reprimir a língua, como se pode ler na “Quinta Nemea” de Píndaro ou nos “Disticha Catonis”: “virtutem primam esse puta compescere linguam”. Também dentro de nossa Instituição, o silêncio vale ouro e é sempre solicitado do verdadeiro Maçom.

As virtudes adquiridas (ou naturais) são os hábitos que se criam através do processo de socialização, seja na família, na escola ou nas demais instituições das quais fazemos parte desde que nascemos.

Assim, as virtudes humanas não são inatas, mas sim elementos que se constroem e complementam a personalidade das pessoas ao longo da vida.

Para Confúcio, a personalidade moral do homem tinha quatro pontos de crescimento, cujo cultivo produzia as Quatro virtudes: o humanitarismo, a observação dos ritos, a diligência e a sabedoria.

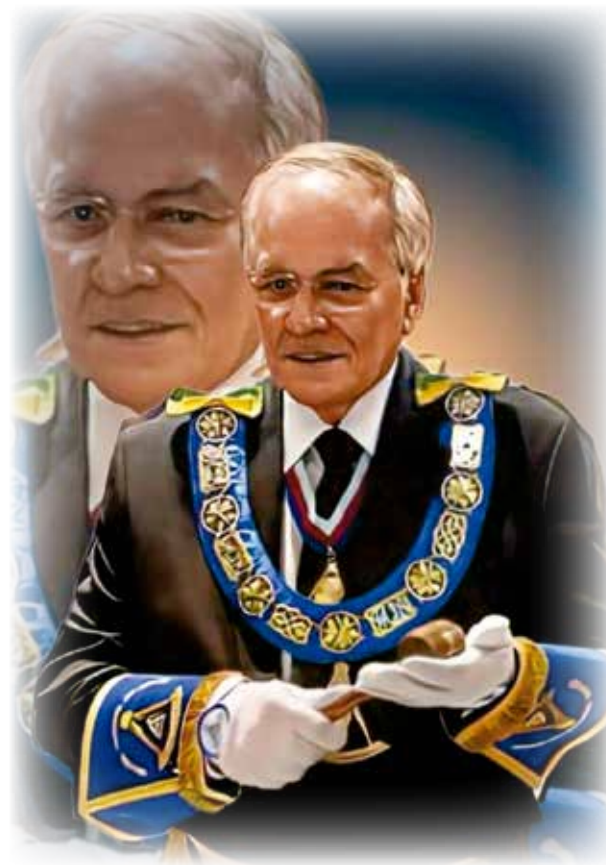
Na Igreja temos as virtudes Teológicas: a fé, a esperança e a caridade, em contraposição aos vícios chamados

capitais: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça.

Para os franceses, a preguiça é a mãe de todos os vícios. Existe um sem-número de virtudes: prudência, temperança, coragem, fidelidade, justiça, generosidade, compaixão, misericórdia, gratidão, simplicidade, tolerância, pureza, doçura, boa-fé, humor, o amor, que resume quase tudo, e tantas outras.

Todas as virtudes são aceitas e bem recebidas na Maçonaria; vamos levantar Templos à virtude, em especial os sentimentos de fraternidade, que geram a igualdade e a liberdade.

A Maçonaria não tem a capacidade de produzir homem virtuoso, o que acontece com qualquer tipo de instituição, mas o esforço que emprega para divulgar as virtudes, tem criado inúmeros homens de boa conduta, capazes de trazer à sociedade um trabalho profícuo de criar um mundo melhor.



Cito nosso Irmão João Ricardo Ribas Junior da A° R° L° S° Leon Denis, 17, do oriente do RJ, representa a cidade como vereador, tem proeminência na saúde pública e atuação humanitária em nível mundial, assim como participou da Conferência Mundial do clima em Dubai em dezembro/2023. O convite teve motivação pela sua participação efetiva salvando vidas, através de cirurgias complexas, quando da grande explosão no Líbano. Exerce também abnegada atuação nos Médicos Sem Fronteiras, que leva cuidados de saúde a pessoas extremamente necessitadas.

Assim como o Irmão João Ricardo, temos inúmeros outros Irmãos Maçons que são altruístas e que se doam para o próximo, sem esperar nada em troca.

Antonio Moraes Silva, no seu celebre dicionário da Língua Portuguesa, edição de 1831, define humildade como: “virtude, que consiste no conhecimento do nada que somos, e na prática conforme a esse conhecimento, restando o entendimento, e o amor-próprio, onde a Religião, e a razão ditam: sujeitando-nos, e obedecendo aos superiores; não tratando com soberba aos próximos”.

A humildade é uma virtude cristã, que nos inspira o profundo sentimento de nossa fraqueza, fragilidade,

No dia 20 de janeiro de 2024, no Oriente de Fortaleza, capital do Ceará, o Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil, Soberano Irmão Ademir Cândido da Silva, em solenidade programada pelo GOB CEARÁ, após dar por abertos os trabalhos do Grande Oriente do Brasil no exercício do ano em curso, proferiu palestra, sob o título: A VIRTUDE COMO IDEAL.

miséria e o sincero reconhecimento de que nada bom é propriamente nosso, mas sim, um Dom de Deus, feito da sua liberalidade e misericórdia. Nada melhor que começarmos praticando a simplicidade, a fim de que se adquira a humildade, que é virtude silenciosa, não sendo notada, se é real, nem pelas outras pessoas.

O humilde desconhece sua virtude, pois no dia que propagá-la deixa de ter o dom. Humilde é aquele que faz força para que o bem-estar atinja a humanidade, sem que seu nome seja citado.

O humilde emprega o tempo em silêncio para pensar as feridas do próximo, sem visar recompensas. Faz com a mão direita, de modo que a mão esquerda não saiba, o bem, desinteressadamente.

Aplauda anonimamente o êxito dos outros, tem o valor moral de ser isento, de não ser apaixonado, considerar a relatividade de tudo o que nos cerca, sabendo que tudo muda num piscar de olhos, pois na luta pela vida não há vencidos nem vencedores, apenas competidores, que são parte da transformação contínua que opera em toda parte.

Por isso, na prática do Amor, da Verdade e da Justiça, jamais deve o verdadeiro esoterista aguardar reciprocidade ou recompensa pelos seus atos elevados. Deve lembrar-se de que é um simples instrumento do G° A° D° U°, agindo neste plano em benefício do próximo; não deve esquecer que veio a este mundo para servir e sacrificar-se pela evolução geral, e viver feliz.

Analisando este estudo, chega-se à conclusão de que, no âmbito maçônico, não há espaço para disputa de cargos ou política. A verdadeira Maçonaria é aquela que na qual vivenciamos o Amor, a Fraternidade, a Verdade, o Dever e o Direito, nos proporcionando o prazer indescritível de abraçar um Irmão; é aquela que faz com que a convivência fraternal seja um prazer e não uma obrigação semanal.

Platão, no século V a.C., já mostrava a virtude como esforço de purificação das paixões. Dizia que o compromisso de um homem virtuoso está vinculado à razão que determina o exercício prático, o domínio do corpo.

Esses valores e virtudes, indispensáveis em todos os seres humanos, são conquistados através da vontade, imbuída de razão. Se temos direitos, temos também deveres, e não somente para com nossos Irmãos, para com nossos familiares, para com a sociedade, mas principalmente para com nós mesmos, para com nosso trabalho interior, para o desbaste de nossa Pedra Bruta.

Muitas vezes esquecemos-nos de olhar para nós mesmos, em se tratando de mudanças e transformações. Exigimos que os outros mudem, sem, no entanto, fazer nada para sair de onde estamos. Em nosso meio, não deve haver lugar para hipocrisia e muito menos para vaidade.

Por isso, na prática do Amor, da Verdade e da Justiça, jamais deve o verdadeiro esoterista aguardar reciprocidade ou recompensa pelos seus atos elevados. Deve lembrar de que é um simples instrumento do G° A° D° U°, agindo neste plano em benefício do próximo; não deve esquecer que veio a este mundo para servir e se sacrificar pela evolução geral – e assim viver feliz.

Neste ano que se inicia (2024), procuremos sempre transpor os caminhos por onde transitam as verdades vestidas de consolo, orientação e otimismo.

Sem dúvida são alguns materiais que o G° A° D° U° selecionou, para compor o refúgio e suavizar a nossa jornada dos desatinados viajadores do seu Reino.

Assim, com prudência, justiça, fortaleza e temperança, vamos percorrer esses caminhos plenamente conscientes do poder construtivo dos nossos pensamentos, que nos tornarão, indubitavelmente, canais livres, desimpedidos, por onde as bênçãos de Deus fluirão inexoravelmente, embalando nossos sonhos ao encontro de si mesmo.

Ademir Cândido da Silva
Soberano Grão-Mestre Geral



saúde & psicologia

POR QUE A DISTÂNCIA NOS SEPARA

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

Hoje eu sei que a distância que nos separam são as pessoas, pela frieza, pela falta de diálogo, pela falta de atenção, pela indiferença, pela falta de carinho, o tanto faz, isso sim formam se abismos entre nós todos.

Aceitar a própria vida buscando melhorá-la, abraçar os que te cercam, doando-lhes o auxílio fraternal e espiritual, se faz necessário. Nada exijas, trabalhe, não condene, construa a melhor relação entre todos.

Se a provação chegou acata os ensinamentos, se fiel a ti mesmo, segue e auxilie sempre.

Mostre sempre um sorriso que cause aos outros a impressão de que apesar de viver entre problemas e situações difíceis, você é capaz de demonstrar essa bondade que só existe nos bons que só pensam na prática do bem.

Não ame pela beleza, não ame por admiração, pois tudo isso pode acabar e você pode se decepcionar.

Quando um irmão ou uma outra pessoa do seu círculo errar, abra mais os braços do que a boca para repreender, o mundo tem muita opinião e pouco acolhimento. Lembre-se, a vida é um momento, é um sopro, e a gente só leva daqui o amor que deu e recebeu, a alegria, o carinho e o afeto, e mais nada.

Na vida é necessário ter três coisas básicas de vida: a humildade de não se sentir superior a ninguém, a coragem para enfrentar as dificuldades e situações adversas e a Sabedoria para ficar quieto diante da estupidez de certas ocorrências na vida. Não gaste sua energia com preocupações e com visões orgulhosas, use as para Creer, criar, Crescer e brilhar e manifestar a cura dos outros.

Saiba que na maioria das vezes nossa separação e afastamento se dá por tantas coisas indiferentes e pequenas, qualquer palavra serve para uma boa

discussão e briga e a consequente desfazimento da amizade.

Fomos criado á semelhança do Criador e nos deu uma inteligência que podemos tudo, inclusive trabalhar essas questões que afligem as pessoas.

Não precisa ser médico, psicólogo e ou terapeuta para cuidar destas questões de distância entre as pessoas e sim basta unicamente sermos AMIGOS, é o bastante para relevar as coisas e fazer uma boa reflexão para sanar todas dúvidas. Procure também dentro da sua religiosidade conversão com Deus, pois ele é capaz de te instruir e orientá-lo da melhor forma possível.

Existem pessoas que já não acreditam na espiritualidade maior, e pensam que a vida termina aqui mesmo, mas saiba que isso não é verdade, aqui é o começo para tudo, pense e reflita, ore e trabalhe!



opinião

O CAMINHO DO CRISTIANISMO

Antonísio Siqueira Borges | Colaborador

A totalidade dos cristãos acreditam que o cristianismo e a igreja cristã nasceram nos eventos de Pentecostes narrado em Atos 2 e que seu principal fundador foi Jesus Cristo, com base em Mateus 16:18 onde Jesus diz: “sobre esta pedra edificarei a minha igreja” e Atos 11:26 onde os discípulos são chamados pela primeira vez “cristãos”. Teria realmente o Messias criado uma nova religião chamada “cristianismo”?

Historicamente, por tradição, entendemos que o cristianismo surgiu na Palestina, região sob o domínio romano desde 64 a.C., tendo como origem a tradição judaica de crença na vinda de um messias, cuja vinda seria a redenção para todos aqueles que acreditassem nele.

As circunstâncias em que Jesus, já adulto, surgiu na cidade de Jerusalém eram altamente explosivas. Os judeus não se submetiam totalmente ao império romano e esse tinha uma postura repressiva em relação à população local e reagia por meio de armas a qualquer movimento que aparentasse ameaçar sua política. Era em meio a esse clima politicamente tenso que Jesus exprimia uma mensagem baseada no amor ao próximo, no perdão às ofensas e no desapego aos bens materiais.

Mas essa proposta da mensagem de Jesus foi realmente uma proposta que pretendia a criação de uma nova religião? o que nos diz o Evangelho? Jesus não falou de templos nem organizou uma religião como temos hoje. Antes, recordemos o que Jesus disse à mulher samaritana: “está chegando a hora em que não adorarão ao Pai nem sobre essa montanha, nem em Jerusalém. Mas está chegando a hora e é agora, em que os verdadeiros adoradores vão adorar ao Pai em espírito e em verdade”. Com isso Jesus afirmou que a adoração a Deus não está associada a um lugar determinado. Quando e onde então, essa mensagem se institucionalizou, tornando-se uma entidade chamada “Igreja Cristã”?

A mensagem dos apóstolos ia ganhando adeptos e crescia o número dos membros da comunidade chamada pelo apóstolo Paulo de “o caminho”, cidadãos ricos do império romano se convertiam à nova doutrina que pregava a igualdade e liberdade. O poder do cristianismo não podia mais ser ignorado. Deixou de ser um perigo social e isso passou a ser preocupação para o imperador Constantino, que temia perder seu poder a essa força pacífica da sociedade que crescia. Então resolve se “converter” à nova doutrina e estabelece no ano 325 o primeiro concílio, chamado Concílio de Nicéia, com o intuito de discutir a fé cristã.

A doutrina dos apóstolos agora conta com o apoio do império, até que no ano de 380 o imperador Teodósio proclamou o cristianismo a religião oficial, através do Edito Tessalônico. Nascia aí a Igreja Católica Apostólica Romana que aos poucos se institucionalizava, o clero se

organizava na hierarquia e surgiram os bispos e presbíteros que continuaram numa escalada enorme da hierarquia, até o surgimento do Papa, sendo Damásio I o primeiro, entretanto a Igreja Católica reconhece o apóstolo Pedro como o sendo verdadeiramente primeiro.

O território sob o domínio romano foi dividido em províncias com o governo dos bispos. As primeiras foram: Roma, Constantinopla, Antioquia da Síria e Alexandria. A crença religiosa católica cresce e alcança todo o ocidente e parte do oriente, até que em 1054 acontece o primeiro cisma, ocorrendo o motim causado pela disputa de interesses políticos e religiosos na região do Mediterrâneo, levando Constantinopla a romper com Roma e criando a Igreja Católica Ortodoxa, que não reconhece a autoridade papal. No ano de 1517 a igreja sofre nova divisão, com o movimento da Reforma Protestante por meio do Monge Martinho Lutero que escreve 95 teses contestando pontos importantes da doutrina católica, nascendo do movimento a igreja protestante Luterana.

A partir desse movimento surgem outras doutrinas, nascendo novas “igrejas”, com divergências em pontos doutrinários e teológicos, sendo as primeiras além da Luterana: Metodista, Batista e Anglicana. Cresce o surgimento de novas igrejas protestantes, até que em 1901, em Kansas, EUA, surge o “movimento pentecostal” pelos pastores Charles Fox e William Joseph, com ênfase na busca dos dons espirituais e batismo pelo Espírito Santo, doutrina essa que teve um crescimento enorme, ao ponto de enfraquecer a expansão das igrejas protestantes históricas e o grupo de adeptos passaram a ser chamados de “evangélicos”. Esse movimento primava por cuidar dos usos e costumes, ditando procedimentos, condutas e até mesmo a maneira de se vestir de seus membros, entretanto, com o surgimento de um novo movimento no meio evangélico a partir da década de 1970 esse zelo com usos e costumes foram abandonados.

Esse novo movimento trouxe transformação e adaptação às igrejas pentecostais e hoje se faz presente nas mais diversas áreas do contexto social, desde as mídias diversas até ao cenário político. Ele promete um paraíso terreno, sem dor ou sofrimento, instruindo seus membros sobre a existência da “guerra espiritual” contra poderes das trevas que trazem a doença e outros males e pregam a “teologia da prosperidade” com oferta de muita riqueza. Para dar visibilidade e autoridade a essa doutrina, seus membros se vestem com grifes caríssimas, utilizam os melhores e mais caros veículos, moram em mansões seus cultos são realizados com mensagens motivacionais fortíssimas e de arrecadações financeiras altas, com a afirmação que só doando é que se enriquece. Não há mais lugar para as mensagens de misericórdia, perdão, amor ao próximo e desapego.

É isso que estamos presenciando. Isso que grande parte da humanidade aplaude. Que conclusão podemos ter? A religião está afundando? Como fica nesse novo giro as afirmações do Evangelho?

Segundo Giordano Cimadon em “Para que serve a religião nos tempos atuais”, artigo escrito no Jornal da CIC, “a religião cumpre uma função extraordinária. Com seus rituais, orações, observações litúrgicas, atos de caridade, a religião nos educa na função da transcendência, quer dizer, ajuda-nos a irmos mais além de nós mesmos, seja em direção a Deus ou em direção a outros seres humanos. Não importa qual seja a sua religião. Ela o ajudará a ir mais além de si mesmo, a sentir-se parte de uma realidade mais significativa, e se for vivida como pretendido, será de grande valia para que se possa desenvolver amor, compaixão, sabedoria, confiança, esperança, e tantos outros valores que estão cada vez mais escassos em nossos tempos modernos”.

Ele ressaltou que pesquisas mostram que hoje as religiões já não passam mais pelas gerações e é comum ver pessoas de diferentes religiões em uma mesma família. Essa diversificação é uma forma de caminho ecumênico. Por isso ele acredita que o investimento na juventude é capaz de vencer o discurso de ódio.

A maçonaria não é religiosa, mas é espiritualista, pois reconhece a existência de um único princípio criador, absoluto, supremo, que é o GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO. É também uma sociedade que tem por objetivo unir os homens entre si, no sentido mais amplo e elevado do termo. Por isso admite em seu seio as pessoas de todos os credos religiosos sem nenhuma distinção. Cabe então aos maçons de crença cristã uma reflexão sobre o caminho do cristianismo, especialmente sobre como a mensagem cristã está passando pela nova geração, dentro dessas tumultuadas interpretações teológicas dos “modernos” movimentos.

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS
Registro na ABIN nº 083-J

Palácio Maçônico “Násseri Gabriel” – GOB-GO
Goiânia-Goiás – Fone: (62) 3211-1010

Presidente: José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06
Editor/design: Guilherme Fonseca – Colaborador
Revisor: Flávio Roldão de Carvalho Lelis

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca
Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira / Getúlio Targino Lima
Luiz Antônio Signates Freitas / Alexandre A. Giffoni Júnior

Programação/editoração: Adriana Almeida
Coordenação gráfica: Gráfica Poder – 62. 98190-5857

Tiragem desta edição: 500 exemplares
Divulgação: Físico / Digital [http://agml.com.br/]

A direção do Jornal não se responsabiliza por conceitos emitidos em matérias publicadas.



artigo

DIREITO À VIDA, À SAÚDE, À LIBERDADE E À SEGURANÇA – I

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

O direito do consumidor é o ramo do direito que regula as relações de consumo entre fornecedor e consumidor tendo por objeto os produtos e serviços introduzidos no mercado de consumo. Por isso, nas duas abordamos anteriores pontuamos a respeito de seus quatro elementos principais (o Consumidor, o Fornecedor, os Produtos e os Serviços).

Para seguir a boa técnica do Código, agora cabe focar luz nos “Direitos básicos do Consumidor” que vêm estampados no art. 6º. do CDC: direito à vida, à saúde, à liberdade e à segurança; direito à liberdade de escolha e de informação; direito de acesso à Justiça inclusive com a inversão do ônus da prova; direito à transparência e boa-fé; direito à informação; direito à proteção contratual; direito aos serviços públicos adequados e eficazes; direito à prevenção e a reparação de danos morais e materiais como assevera a professora Cláudia Lima Marques.

DIREITO À VIDA, À SAÚDE, A LIBERDADE E À SEGURANÇA.

Em preliminar, o direito à vida se constitui por si mesmo num direito natural, portanto, indisponível, até mesmo por derivação do Evangelho que entroniza o sexto mandamento do “Não matarás”.

O direito à saúde – não basta só o direito à vida –, é preciso boa disposição física e mental para que o indivíduo possa, em plenitude, desenvolver suas aptidões pessoais, profissionais, religiosas, morais. Ademais, decorrente do direito natural, é também conferido ao cidadão o direito

à “liberdade”, consistente no direito de ir, vir, transitar, ficar ou permanecer, inclusive o de fazer ou deixar de fazer algo senão em virtude de lei.

Tais direitos conhecidos em doutrina como *direitos de primeira geração*, figuram na Carta Política de 1988 como direitos fundamentais (CF, art. 5º. XV c/c/ II), até porque estão postos na ordem do direito natural e do direito positivo como inalienáveis, irrenunciáveis e indisponíveis porque ínsitos à condição da vida humana. Nesse continente de direitos estruturantes da Ordem e da Paz Social figura o direito à segurança, consistente não apenas no dever de garantir ao cidadão o direito de ir, vir e transitar como também o de garantir a sua integridade física e mental inclusive de seu patrimônio.

Nesse sentido de importância, o legislador ordinário ao editar o Código de Defesa do Consumidor (Lei nº.8.078/90) acolheu a *teoria da qualidade*, tendo por objetivo claro o de impor ao fornecedor faltoso à responsabilidade civil, administrativa e penal, contra os chamados acidentes de consumo de seus produtos e serviços introduzidos no mercado de consumo, que coloquem ou possam colocar em riscos a incolumidade física e psíquica do consumidor, assim considerado como destinatário final.

Com efeito, o Estatuto do Consumidor busca a proteção do consumidor utilizando a expressão “incolumidade física e psíquica”, que no bom vernáculo é traduzida pela *integridade física e psíquica*, que significa estar incólume; é a condição de

estar o sujeito livre de tribulação, adversidade, perigo ou dano físico, psíquico e até econômico.

Pois bem. Na defesa da integridade física e psíquica do cidadão no direito comum, o Código Penal Brasileiro mantém vivas as normas de proteção geral, especificamente através dos crimes de homicídio, infanticídio, aborto e o induzimento, instigação ou auxílio ao suicídio, lesões corporais, além do novel feminicídio previsto na Lei Maria da Penha, e outros).

Já no Código de Defesa do Consumidor, as garantias estão contidas especialmente em seus arts 63 a 74, que realçam como sanção penal a pena de detenção, ressalvado, é claro, situações específicas mais gravosas.

No que tange à responsabilidade do fornecedor na seara especial do CDC, os arts. 12 a 14 do Estatuto preconizam de forma taxativa a responsabilidade objetiva do fornecedor, pelos danos ocasionados aos consumidores, ao mesmo tempo em que já traz expresso a definição do que seja o chamado ‘defeito’ dos produtos ou dos serviços conforme alude o § 1º. do art. 12 do CDC; “O produto é defeituoso quando não oferece a segurança que dele legitimamente se espera, levando-se em consideração as circunstâncias relevantes”.

Não há, por conseguinte, espaço legal através do qual o fornecedor possa, livremente, ocasionar danos à integridade física, psíquica e econômica do consumidor sem a devida cominação legal.

No que tange à saúde, a Constituição Federal (art. 196) dispõe que a

“Saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) já definiu a expressão “saúde” como “um estado de completo bem-estar físico, psíquico e social” do cidadão, o que ganha foros de relevância pública as ações e os serviços de saúde – CF, art. 197 –, preceito por meio do qual o Estado tem o dever de garantir a todos uma qualidade de vida compatível com a dignidade da pessoa humana como, por exemplo, a educação, a saúde, a alimentação, a moradia, o trabalho remunerado, o saneamento básico, o suprimento de energia, etc.

Do ponto de vista substantivo da saúde, todos e quaisquer tipos de moléstias, achaques ou patologias envolvendo o cidadão são cuidados (tratados) na modalidade de prestação de serviços pelos agentes de saúde (o médico, os membros das equipes paramédicas, o enfermeiro, os hospitais em caráter isolado ou nos casos conveniados, além de outros agentes). Apesar dessa gama de situações pelas quais a prestação de serviço médico se efetiva – cabe salientar –, tecnicamente falando, o médico não tem a obrigação de curar o seu paciente. Esta afirmação, em princípio, transparece contraditória aos olhos e ouvidos do homem comum do povo, porém, não o é senão vejamos.

Continua na próxima edição...



sensibilização

UM CONVITE ESPECIAL

Antônio Leite | Colaborador

Antes de mais nada, é mister agradecer ao sempre generoso convite no incansável Irmão Mariano, que com sua elegância e desvelo, consegue, periodicamente fazer acontecer esta revista, que é um marco para a Maçonaria Brasileira. Meu obrigado pelo convite para, mais uma vez poder participar deste grupo de maçons escritores. Muito me honram seu convite e sua generosidade.

Nesta oportunidade, quero aproveitar este destacado espaço para informar e divulgar um evento do maior relevo e que põe nosso Estado em um patamar que o destaca não apenas nos quadros da maçonaria filosófica, como e especialmente na federação do Grande Oriente do Brasil. Senão, vejamos:

Goiás sempre foi destaque na maçonaria brasileira, seja no âmbito do Grande Oriente do Brasil, onde sua força se mostra através do exercício de altos cargos em seus postos mais importantes de comando, notadamente no Grão Mestrado Geral, para o qual nosso Estado já deu três valorosos maçons, a quem, por preito de gratidão, fazemos questão de relembrar e enaltecer. Foram os irmãos Jair de Assis

Ribeiro, Osíres Teixeira e Múcio Bonifácio Guimarães. Cada um, a seu tempo e a seu modo, deixou o nome gravado na história da maçonaria brasileira.

Não menos importante é a participação dos maçons goianos nos Corpos Filosóficos do Supremo Conselho do Brasil para o Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito. Somos hoje na jurisdição da Delegacia de Goiânia, mais de 500 irmãos em constante atividade de busca de aprimoramento cultural, intelectual e filosófico, buscando através do estudo regular um crescimento pessoal e uma mudança de perspectiva na percepção de si mesmos, da sociedade e das relações interpessoais.

Neste contexto, atendendo às reivindicações de dezenas de maçons que chegarão ao topo da simbólica Escada de Jacó, a Delegacia Litúrgica de Goiás e o Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito farão, em 6 de julho próximo, um sábado, uma Sessão de Sagração ao Grau 33 de mais de 70 maçons que, depois de quase uma década de preparação, estudos, apresentação de trabalhos, está agora apta a finalizar seu

ciclo de estudos da filosofia maçônica do Rito Escocês.

Importante ressaltar que as sessões do Grau 33 são prerrogativa exclusiva do Santo Império, e acontecem sempre na sede do Supremo Conselho, no Rio. O Supremo Conselho é o corpo diretivo dos Altos Graus Escoceses, responsável pelos graus 4 ao 33, com sede no Rio de Janeiro e capitaneado pelo Soberano Grande Comendador, Irmão Antonio Carlos Barbosa Ramos. É ele, com seus auxiliares diretos quem tem a exclusividade de realizar sessões no Grau 33, que, e, num gesto de atenção e reconhecimento da força e dedicação dos maçons goianos, virá a Goiânia realizar a sagração dessas dezenas de irmãos, que com responsabilidade e esforço, alcançam agora o coroamento de sua carreira maçônica escocesa.

Em julho estarão reunidos, além de Goiânia, representantes dos Consistórios de Anápolis, Catalão, Ceres, Iporá e Itumbiara, que reúnem em torno de si, mais 27 Lojas de Perfeição, 26 Capítulos e 6 Conselhos de Kadosh. E, para nossa enorme satisfação, o Consistório de Rio Verde, se juntará a nós nesse evento no

qual a soma de esforços muito mais que aumentar nossa força, a multiplica. Deixo aqui meu agradecimento ao irmão Márcio Bonifácio Guimarães, que abraçou de imediato a ideia de uma sessão conjunta e, com sua costumeira pertinácia, tornou possível essa parceria.

Fica então o convite a cada um dos maçons do Grau 33 para que, no dia 6 de julho de 2024, esteja conosco, participando e presenciando uma sessão histórica. Em Anápolis, Catalão, Ceres, Iporá e Itumbiara, a secretarias e os presidentes de Corpos Filosóficos podem esclarecer o orientar os interessados. Já em Goiânia, a Delegacia Litúrgica e a Secretaria do Consistório estão à disposição dos irmãos para esclarecimentos e orientações sobre como participar. No telefone 62-3211-1690 os irmãos Rubens e Valtércilio estão prontos para atendê-los.

Será uma grande satisfação e uma honra podermos estar juntos neste instante tão importante para a Maçonaria de Goiás, mas especialmente para cada um dos irmãos que alcançará o grau máximo do nosso Rito Escocês Antigo e Aceito. Estão todos convidados.

Delegado Litúrgico e Membro Efetivo do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito



tempo de estudo

A ESPIRITUALIDADE MAÇÔNICA – I

Helder Vinhal | Colaborador / Contribuição (Autor: Aurélio Rodrigues Silva)

CONCEITOS INICIAIS

MAÇONARIA – conforme consta no Ritual de Aprendiz, se define como sendo “uma associação de homens sábios e virtuosos que se consideram IRMÃOS entre si e cujo fim é viver em perfeita igualdade, intimamente unidos por laços de recíproca estima, confiança e amizade, estimulando-se, uns aos outros, na prática das virtudes.”

Também se conceitua, como sendo: “Um sistema de Moral, velado por alegorias e ilustrado por símbolos”; acreditando na existência do GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO e numa vida futura. ESPIRITUALIDADE – conjunto de sistemas filosóficos, sociológicos, estéticos, etc., que reconhecem no mundo alguma coisa além da matéria. Em regra geral, o espiritualidade é um sistema filosófico oposto ao materialismo e que admite o princípio da alma ou do espírito como base e ponto de partida das suas afirmações doutrinárias.

Dos conceitos percebemos que a Maçonaria, dentre as variadas instituições religiosas, mesmo não sendo entendida como tal, é aquela que mais confere instrumentos que nos guiam em busca da espiritualidade.

A maçonaria é uma escola de filosofia para formar líderes, homens de bem engajados no ideal desta fraternidade. Por tradição deve-se ao caráter transcendental iniciático.

A INICIAÇÃO

Esse ato dentro da maçonaria é o início do contato entre o pretensu maçom com os significados espirituais da instituição, servindo assim, como ação inaugural de todo o desenrolar da busca pela perfeição e, para isso, necessários a obediência a vários preceitos maçônicos que o conduzirá ao autoconhecimento e consequentemente evolução espiritual.

O cidadão INICIADO deve sempre ser um exemplo de comportamento humano, praticando com maestria, a justiça, a caridade, a honestidade, a fraternidade, o respeito, a tolerância, a compreensão, o amor, etc. Somente com essas virtudes poderá angariar a confiança e a credibilidade dos seus irmãos maçons e dos irmãos em espírito, cumprindo o propósito de sua iniciação. É nesse sentido que todo

Maçom deve se guiar, tendo como fundamento de sua trajetória, as fontes do ESPIRITUALISMO MAÇÔNICO.

Se, porém, analisar as fases desses ensinamentos, encontram-se nestes, verdadeiros sentidos esotéricos, buscando o crescimento espiritual de todos que passaram pelo processo da INICIAÇÃO.

Quando o Candidato é recolhido a C^odas RR^o, simbolizando a TERRA, a qual, por sua vez, representa a materialidade, nessa fase inicial da cerimônia, espera-se que o isolamento em que vai se encontrar, a atmosfera que nela existente e os objetos que ali se encontram, concorram para levá-lo a novas descobertas, proporcionando-lhe ensinamentos que o faça recuar sobre si mesmo. O choque de espírito contra a superfície refletora da Câmara há de levá-lo a examinar suas ideias, a compará-las e, deste processo, há de resultar certamente um pensamento novo.

A permanência do iniciando nessa Câmara representa o período de gestação do Maçom, pois, ao morrer para o mundo profano, ele prepara sua mente e seu espírito para o nascimento de um novo homem e de uma nova vida.

Os símbolos que na C^o das RR^o estão contidos, significam: – A LUZ DA VELA OU LAMPARINA – o clarão da vela tremeluzente simboliza a primeira luz da Maçonaria que o profano recebe, de início fraca para

que este, através dos pensamentos que o ambiente lhe sugere, possa acostumar a sua visão espiritual à luz deslumbrante das verdades que lhe serão reveladas. A luz desta vela é o reflexo e a representação da Divindade no plano terrestre.

-AS INSCRIÇÕES DA C^o DAS RR^o – O significado dessas inscrições leva o iniciando a refletir sobre o caráter da pessoa humana quanto à curiosidade; sobre seus próprios defeitos, sobre sua personalidade dissimulada, se é apegado a distinções mundanas, sobre sua coragem, sobre sua perseverança em busca do domínio do espírito sobre a matéria, cultivando as virtudes e dominando os vícios, não dispensar interesse puramente material da Maçonaria e, finalmente, pensar na morte para empregar bem sua vida.

V.I.T.R.I.O.L. – É uma fórmula alquímica e hermética, que quer dizer: Visita Interior a Terra e, Retificando que, Invenies Occultum Lapidem, que traduzindo, significa: “Visita o interior da terra e, retificando, encontrará a Pedra Oculta”. É oportuno destacar o sentido do que isto significa, segundo o autor Nicola Aslan que, “ao descer nas profundezas do seu Eu, o profano visita o interior da Terra, a fim de encontrar e retificar, por meio das purificações por que passa a Pedra dos Sábios para transformá-la em Pedra Filosofal, ou seja, no Ouro Iniciático, que os Maçons denominam de Pedra Cúbica”.

De fato, esse princípio de desbastar as asperezas humanas contidas dentro de cada um, constitui o principal trabalho do APRENDIZ MAÇOM e requer, por isso, profunda reflexão.

Além disso, vale ainda destacar três princípios Herméticos, o Enxofre, o Sal e o Mercúrio, definindo-os como: o Enxofre, símbolo do Espírito e o Sal, símbolo da Sabedoria e da Ciência, cada um numa taça. O Mercúrio, sob a forma do Galo, atributo de Hermes que na Maçonaria anuncia a Luz que o iniciado vai receber. Ele é o signo esotérico dessa Luz, indicando que deve o neófito, estar em constante vigilância e perseverança.

Continua na próxima edição...



artigo

ÉLAN VITAL: DIÁLOGO ENTRE BERGSON E OS PRINCÍPIOS MAÇÔNICOS

Elismar Rodrigues dos Santos | Colaborador

“Uma impulsão única, inversa do movimento da matéria e, em si mesma, indivisível. Todos os vivos se tocam e todos cedem ao mesmo formidável impulso” (Bergson, A Evolução Criadora, p. 190).

BREVE INTROITO

Certa feita, minha filha Hilana convidou-me a assisti-la colher algumas batatas no jardim. Obviamente lhe acompanhei, mas algo me intrigou: Como colher batatas sem tê-las plantado ou cultivado? A resposta está entrelaçada no berço da filosofia francesa.

A ideia de liberdade e protagonismo do homem como elemento central do universo experimentou relevante contorno filosófico a partir da obra do francês Henri Bergson, que há muito denuncia as formas deterministas de objetificação do ser humano.

Bergson surgiu bem depois da transformação da maçonaria operativa em especulativa, mas suas ideias de originalidade criativa e de evolução possuem grande relação com os princípios maçônicos, e este é o ponto de inflexão deste artigo. Primeiro é preciso distinguir a maçonaria em duas fases: operativa e especulativa.

A primeira se refere à origem primitiva da maçonaria, muito provavelmente na idade média, após a queda do Império Romano, que provocou uma onda de êxodo das cidades antigas para regiões mais afastadas, com o intuito de se protegerem dos bárbaros, e para isso, deveriam construir castelos e fortins.

É neste contexto que surge um grupo denominado os construtores, que haviam herdado as técnicas de construção dos gregos e romanos. Era formado por

artesãos, ferreiros, marceneiros, que limitavam a sua atuação à fronteira do feudo, e pelos pedreiros (les maçons em francês ou masons em inglês), que pela natureza e dinâmica do trabalho, tinham autorização para circular em outras regiões fora do feudo, devido ao domínio das técnicas de construção, recebiam privilégios e regalias.

A segunda fase chamada especulativa é, digamos, a modernização da maçonaria, a partir do século XVIII, quando ganha contornos simbólicos e filosóficos, deixando para trás a lógica física da construção de estradas, castelos e igrejas, e passa a admitir membros de outros segmentos para edificação social e ideal da sociedade.

O princípio basilar da maçonaria é a busca pelo autoconhecimento, a formação moral, intelectual e filosófica do maçom, em um processo contínuo de evolução interior, e a partir disso, levar o substrato desta formação ao contexto social em que está inserido. Bergson, em sua obra Evolução Criadora, tratou de uma questão elementar que é a origem da vida e apresentou ao mundo o termo élan vital, que explicado por ele mesmo é um impulso original de criação da vida e de evolução complexa do homem e a intuição da duração.

Em linhas gerais, o élan vital reputa-se como um princípio que dá origem às coisas, que permite os organismos se adaptarem às adversidades cotidianas (em perfeita harmonia com a teoria da seleção natural de Darwin), e que força o desenvolvimento e evolução.

É um desejo nato de criação e de remodelamento contínuo da perspectiva humana. Neste ponto, entendendo, há a linha de convergência entre a bela filosofia de Bergson e os princípios maçônicos. Primeiro, sob o ponto de vista histórico, já que a maçonaria surge a partir da morte profana e nascimento maçônico da lenda Hiram Abif. Nos dias atuais, a característica iniciática da maçonaria propõe que o indivíduo deve morrer profanamente para nascer como maçom.

Outro aspecto de aproximação entre as duas matérias é a capacidade de adaptação ambiental do maçom e a premente necessidade evolutiva, como espectro necessário de sua subsistência na vida maçônica, em alinhamento com a ideia filosófica da força que impulsiona a vida e que traz como elemento constituinte o desejo nato de redesignação de comportamento conforme o ambiente e os objetos nele composto.

Por fim, a característica de maior convergência entre o élan vital de Bergson e a maçonaria é a intuição da duração que elabora um esquema evolutivo resultante de uma luta entre espírito e matéria, e claro, o espírito prevalece sobre a matéria.

BINGO! Esta é talvez a maior beleza existente na simbologia maçônica: a prevalência do espírito sobre a matéria. A evolução humana é uma atividade complexa que conta com variáveis internas e externas, e o ponto de equilíbrio entre os dois mundos é o despreendimento da matéria e a orientação através do espírito, que nos permitirá enxergar o nosso mundo de fora dele, pela perspectiva de uma água.

A batata que nasceu no jardim sem que ninguém tivesse plantado e cultivado, é a manifestação natural de que mesmo em condições não favoráveis, é preciso lutar pela sobrevivência, manutenção do ciclo da vida e do desenvolvimento. Mais ainda, fixar raízes em terreno improvável.

Post Scriptum: Hilana tem quatro anos de idade e o seu nome foi escolhido a partir do princípio filosófico élan vital, que é substancialmente “o surgimento de uma nova vida”.



artigo

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS

João Batista Fagundes | Cadeira nº 16

Sebastião Elias Campos nasceu no dia 4 de fevereiro de 1938, na cidade de Jaraguá – GO. Filho de Diógenes Elias Campos e Vitoriana Rodrigues Campos. Casado com Eurídice Santos Campos. O casal teve cinco filhas.

É jornalista. Trabalhou no CERNE. Foi assessor de Imprensa em vários órgãos públicos. Iniciado na Loja Flor de Lis nº 29, no dia 26 de maio de 1972. Foi Orador e Venerável Mestre, período 86/87. No Grão-Mestrado de Rolan Martin exerceu o cargo de Grande Secretário de Relações Exteriores. Em sua administração foram fundadas as O Valor da Verdade nº 135, de Mundo Novo e Grão-Mestre Sebastião Elias Campos nº 136, de Jaraguá.

O Grão-Mestre Sebastião Elias Campos teve o seu mandato interrompido em maio de 1993, em virtude de grave acidente automobilístico. Com o seu afastamento assumiu o cargo, o Grão-Mestre Adjunto Bruno Medeiros Duarte, membro da Loja Educação e Moral nº 8, dando continuidade ao mandato até na posse ao Grão-Mestre Antônio Batista Xavier, em junho de 1993.

PRINCIPAIS REALIZAÇÕES

Foi construído um galpão destinado a instalação de uma escola de corte e costura, o qual funcionou até o término de seu mandato, atualmente desativado.

Sebastião Elias Campos
Décimo Terceiro Grão-Mestre
Período de 1990/1993



opinião

A BUSCA DE BONS E NOVOS CAMINHOS – I

Célio César de Moura Gomes | Cadeira nº 36

Essência para se ingressar na irmandade maçônica é ser livre e de bons costumes. Segue-se do requerimento de ingresso na Ordem, apresentado através de Maçon regular, que fica na condição de padrinho. A seguir o Candidato está sujeito a um processo de sindicância, realizado por Mestres Maçons com o consentimento expresso, se tiver companheira, da Esposa. Esta, após o seu ingresso, será considerada cunhada dos demais irmãos.

A partir da oficialização do ingresso na Ordem, passa ter o dever de cumprir os compromissos assumidos, promotores de LIBERDADE, IGUALDADE e FRATERNIDADE, para si e para humanidade, fins supremos da Ordem. Demonstrando de forma clara e simples a prevalência do espírito sobre a matéria e invocando sempre a um ser superior, aqui chamado de Grande Arquiteto do Universo (Deus), quando se empenhar no desenvolvimento de quaisquer das missões de sua vida. Há poucos dias encontrei na Internet a chamada para as “As preocupantes previsões de Stephen Hawking: fim do mundo está próximo”.

Fui então em busca de sua biografia face seu destaque como “sendo um dos mais renomados cientistas do século.”

“Stephen Hawking nasceu exatamente no aniversário de 300 anos da morte de Galileu. Seus pais eram Frank Hawking, um biólogo pesquisador que trabalhava como parasitólogo no Instituto Nacional de Pesquisa Médica de Londres, e Isabel Hawking. Teve duas irmãs mais novas, Philippa e Mary, e um irmão adotivo, Edward. Hawking sempre foi interessado por ciência. Em sua infância, quando ainda morava em St. Albans, estudou na St Albans High School for Girls (garotas de até 10 anos eram educadas em escolas para garotas) entre 1950 e 1953.

Entrou, em 1959, na University College, Oxford, onde pretendia estudar

matemática, conflitando com seu pai, que gostaria que Stephen estudasse medicina. Como não pôde, por não estar disponível em tal universidade, optou então por física, formando-se três anos depois (1962). Seus principais interesses eram termodinâmica, relatividade e mecânica quântica. Obteve o doutorado na Trinity Hall em Cambridge em 1966, de onde era um membro honorário. Depois de obter doutorado, passou a ser pesquisador e, mais tarde, professor no Gonville and Caius College. Depois de abandonar o Instituto de Astronomia em 1973, Stephen entrou para o Departamento de Matemática Aplicada e Física Teórica tendo, entre 1979 e 2009, ano em que atingiu a idade limite para o cargo, ocupado o posto de professor lucasiano de Matemática, cátedra que fora de Newton, tendo sido professor lucasiano emérito da Universidade de Cambridge.

Casou pela primeira vez em julho de 1965 com Jane Hawking com quem teve 3 filhos. No Natal de 1989, anunciou à família que iria viver com uma das suas enfermeiras, separando-se em 1991. Casou depois com sua enfermeira Elaine Mason em 16 de setembro de 1995, da qual se divorciou em 2006.

Hawking era portador de esclerose lateral amiotrófica (ELA), uma doença neurodegenerativa que paralisa progressivamente os músculos do corpo, mas que mais frequentemente não afeta as funções cognitivas. A ELA ainda não possui cura. A doença foi detectada quando tinha 21 anos. Em 1985 Hawking teve que submeter-se a uma traqueostomia após ter contraído pneumonia visitando o CERN na Suíça e, desde então, utilizava um sintetizador de voz para se comunicar. Gradualmente, foi perdendo o movimento dos braços e pernas, assim como do resto da musculatura voluntária, incluindo a força para

manter a cabeça erguida, de modo que sua mobilidade era praticamente nula. Em 2005 Hawking usava os músculos da bochecha para controlar o sintetizador, e em 2009 já não podia mais controlar a cadeira de rodas elétrica. Desde então outros grupos de cientistas estudaram formas de evitar que Hawking sofresse de síndrome do encarceramento, cogitando traduzir os pensamentos ou expressões de Hawking em fala. A versão mais recente, desenvolvida pela Intel e cedida a Hawking em 2013, rastreava o movimento dos olhos do cientista para gerar palavras, embora o cientista tenha afirmado em seu site oficial que preferia usar o “cheek tracking” (rastreamento da bochecha) para utilizar a interface ACAT (Sistema desenvolvido pela Intel). “No entanto, embora eles funcionem bem para outras pessoas, eu ainda acho que o interruptor na minha bochecha é mais fácil e menos cansativo de usar”.

Em 9 de janeiro de 1986, foi nomeado pelo papa João Paulo II membro da Pontifícia Academia das Ciências.

Em 2015, em Londres, Drake, Martin Rees e o empresário russo Yuri Milner, juntamente com Stephen Hawking, anunciaram suas intenções de fornecer US\$ 100 milhões em financiamento ao longo da próxima década para os melhores pesquisadores do SETI, através do projeto Breakthrough Listen, que permitiria que novos levantamentos de dados rádio-ópticos pudessem ocorrer usando os mais avançados telescópios. Em dezembro de 2017, Hawking processou o governo britânico por querer privatizar o Serviço Nacional de Saúde.

Stephen Hawking morreu na sua casa em Cambridge em 14 de março de 2018, aos 76 anos, devido a complicações da sua doença degenerativa.”

No início deste artigo trato do ingresso no quadro da Maçonaria e sobre os deveres do iniciado, um deles: de promover pelo menos um dos seus princípios supremos, no caso interessa o da LIBERDADE.

Como profissional da área da saúde, um de nossos deveres é estar atento aos processos de desenvolvimento e manutenção da LIBERDADE dos seres humanos, de acordo com a história natural de quaisquer agravos à saúde, que podem acometer os seres humanos, antes

e durante o seu ciclo vital na passagem pela Terra. Da fecundação do óvulo pelo espermatozoide, formando o ovo, que desenvolverá todo o processo de crescimento e manutenção da vida deste ser, que agregando-se aos demais seres, semelhantes formarão as sociedades humanas.

No desenvolvimento deste ciclo constrói-se a história natural de quaisquer ser humano que será refletida individualmente através do seu nível de saúde. Apesar da frase de Guimarães Rosa de que “Viver é muito perigoso” ele acredita que “aprender a viver é que é o viver.” Com esta citação vamos de encontro às preocupações naturais com a saúde desde o momento de se desejar gerar um filho, sabendo-se de há muito que os filhos podem nascer com alguns agravos à sua saúde transmitidos pelos pais, geneticamente e ou adquiridos durante o ciclo grávido puerperal, congenitamente, via irrigação placentária. Estas preocupações são avaliadas na fase pré-nupcial e durante a gestação, especialmente durante os exames pré-natais e na assistência ao momento crítico do nascer, do parto, quando se inicia este ciclo vital. A partir daí segue-se o curso natural de desenvolvimento, de amadurecimento e da velhice, no caso dos que cursam todo o ciclo sem sofrer interrupção precoce do curso da vida. Este nível de saúde, didaticamente falando, é dividido em dois períodos: o de pré-patogênese e de patogênese.

A pré-patogênese compreende os momentos da vida que, individual e ou coletivamente, os seres humanos estão em estado de equilíbrio, proporcionando-lhes condições de atender e executar atividades para si e ou para os outros, capazes de atender uma necessidade qualquer pessoal e ou coletiva para o presente e ou para o futuro. Em linguagem cotidiana, o indivíduo e a sociedade, sentem-se sadios, apesar de poderem ser portadores de algum agravo de saúde que está sob controle. Sentem-se capazes de!

Na fase de pré-patogênese do sentir-se sadio é que as sociedades buscam iniciar as atividades de promoção, preservação e proteção da saúde, através de medidas coletivas, relacionadas às moradias, às mobilidades, abastecimentos, esgotamentos, higienização, comunicação, segurança, culturais e educacionais, dentre outras.

Continua na próxima edição...



artigo

DO LAÇO AO SENADO – V

Breno Boss Cachapuz Caiado | Cadeira nº 04

Como eu mencionei nas edições anteriores deste belíssimo jornal O Confrade, resolvi apresentar (e antecipar!) a autobiografia do meu pai, o ex senador Emival Caiado, que contribuí com uma boa parte dos estudos e redação.

Tal obra iniciada por Emival Caiado, foi concluída por mim após seu falecimento. Os trechos de minha autoria normalmente são descritos na 3ª. pessoa e numa fonte de letra diferente e menor, os redigidos pelo ex senador Emival, estão na 1ª. pessoa.

Segue agora o 3º. Capítulo, que tive de resumir para a publicação nesse periódico, relatando os costumes da época e as aventuras das vaquejadas no sertão de Goiás!

“3 – Juventude de Lutas:

A minha infância, todavia, não foi um mar de rosas com se poderiam pensar. Sobre ele pesava sempre a nuvem negra da ameaça de morte do meu pai e, talvez, de toda nossa família.

Recordo-me do avanço da coluna Prestes no Estado de Goiás, por volta de 1.925, tendo eu uns 7 anos de idade, quando os “revoltosos” de certo modo passaram a ser mais temidos do que o bando de Lampião, por serem mais poderosos tanto pelo comando militar que tinham, como pelas armas de melhor qualidade e, também, pelo número de combatentes. Dos revoltosos diziam horrores de sanguinarismo, assaltos, roubos e estupros.

As populações goianas, ao tempo com mais de 80% de habitantes rurais, aterrorizadas, abandonavam suas fazendas e escondiam-se nas matas, ocultando do saque toda tropa e gado que era possível.

Se de um lado a origem de sua luta era impregnada de idealismo em favor

do bem, liberdades e de reformas, ao tempo e as dificuldades encontradas, transformaram a Coluna Prestes em verdadeiras hordas de banditismo.

Ao meu pai Totó Caiado, naquela ocasião, como líder político incontestado do Estado de Goiás e já com a experiência de participação na revolução de 1.909, com o seu cunhado coronel Eugênio Jardim, coube a tarefa de arregimentar forças, organizando batalhões de patriotas, sob seu comando, que se denominaram “Coluna Caiado”, para defender os goianos dos ataques dos revoltosos.

Antes e durante todo o período em que os “revoltosos” permaneceram dentro dos limites do Estado de Goiás, os boatos corriam soltos, pois, “tempo de guerra, mentira como terra.” Ora inventavam que papai estava ferido, ora que ele já tinha sido assassinado, ora que estava preso e amarrado, e nós, a meninada lá de casa, só pensávamos em vingança quando crescêssemos.

Quando a vanguarda dos revoltosos na região de Anápolis, Jaraguá e Corumbá trocava tiros com os legalistas da Coluna Caiado, composta de mais de 1.500 homens, então os boatos recrudesciam.

Esquentaram muito mais, quando chegaram notícias que os revoltosos iriam atacar a cidade de Goiás, a fim de tomar o governo de um Estado, para mais se projetarem frente ao Brasil e ao Governo da União. Nessa ocasião, a Coluna Caiado, que tinha como ajudante de ordens do meu pai o seu sobrinho e tenente Aguinaldo Caiado de Castro, refletiu para a Capital e organizou sua defesa.

Foi aí que os boatos fervilharam com mais intensidade. Diziam que os revoltosos atacariam a Cidade por trás da Igreja de Santa Bárbara, depois, que o tiroteio estava localizado na passagem da Serra Dourada ou que os revoltosos estavam vindo pelas cabeceiras do Rio Vermelho.

E a meninada lá de casa, sem notícias do pai, só falava que, se sobrevivessem, fariam vingança. Lei de Talião: “dente por dente e olho por olho.”

CAPÍTULO 2

Mas, quando os “batedores” da vanguarda dos revoltosos certificaram que a cidade de Goiás estava fortemente defendida, o seu comando recuou e Luiz Carlos Prestes mandou um recado, dizendo que Caiado tinha mais patriotas goianos de que bois naqueles pés de serra e, por isso, não iria sacrificar sua tropa.

A propósito, muito tempo depois, o já então tido como herói, General Aguinaldo Caiado de Castro, por ter comandado o Regimento Sampaio, na Tomada de Monte Castelo na Itália, durante a 2ª. Guerra Mundial, no seu leito de morte, confidenciou-me que nunca viu e nem comandou um tropa tão selecionada como aquela “Coluna Caiado”, que era integrada com a fina flor da sociedade goiana. Dela participavam os rapazes e homens das mais tradicionais e renomadas famílias goianas.

Diferentemente de hoje, morrer no campo de batalha era glorioso e digno dos mais altos conceitos da época. Viviam em tempos de honra, de força física, de opulência. A covardia não era qualidade do homem, a honestidade era cultivada dia a dia, a vingança da morte do seu pai ou irmão era um dever.

Dentre os diversos estrangeiros que incorporavam a Coluna Prestes figuravam vários paraguaios, como valentes combatentes e exímios cavaleiros.

No entrechoque de vanguardas, as forças legalistas goianas conseguiram prender um desses paraguaios que, por mais que fosse interrogado, em Corumbá de Goiás, nada respondia. Caiu em um mutismo impressionante. Comunicado ao Comandante Senador Caiado, este, grande conhecedor da psicologia humana, mediante prévio entendimento, mandou que lhes apresentassem o preso, que persistiu em nada responder. Interrompendo bruscamente as perguntas, Totó Caiado mandou chamar o soldado Apulcro de Alencastro, forte comerciante na cidade de Goiás e com fama de nunca rir. Assim que ele chegou, já armado de fuzil, Caiado lhe disse: “leve este homem daqui e o fuzile!”. Recebido o impacto, o paraguaio olhava para a carranca fechada, azeda e impassível do Apulcro, sua pequena estrutura,

o fuzil e para a fisionomia séria do comandante Caiado, e aí, amedrontado, soltou o seu castelhana, contando tudo que se precisava saber.

O nosso temor quanto ao assassinato do meu pai naqueles tempos era constante. Seus inimigos entendiam que, com sua eliminação, desmoriaria o Partido Democrata de Goiás.

Certa vez, dois pistoleiros emboscados cercaram, à noite, em uma encruzilhada, o automóvel que havia levado eu e meu pai à Fazenda Lages e que regressava para a cidade de Goiás apenas com o motorista. Informados de que chegaram atrasados na tocaia, um deles disse para o chofer Domingos Pena:

– Então negro safado, você vai tomar um surra.

Arrancando o “dojão” de tio Brasil Caiado, Domingos deixou nas mãos do malfeitor pedaços de sua camisa e, ainda apavorado, chegou quase sem fala na cidade de Goiás.

Naquela madrugada, fomos despertados na fazenda com a notícia trazida por grande número de pessoas. Por coincidência, ali estava Fidelis de Lima Neto, político de Pilar de Goiás e famoso rastejador, que no clarear do dia localizou os rastros dos dois animais dos pistoleiros, seguindo sua trilha até chegar no bairro João Francisco, em Goiás, quando misturaram no cascalho com grande número de animais que formavam, naquela época, a quase totalidade dos meios de transporte. Apesar dos esforços para se saber quem eram os jagunços e os mandantes, nunca se conseguiu apurar.

Eu me recordo também, da época em que meu pai foi informado de que o famoso pistoleiro Aldo Borges, tinha sido contratado para assassiná-lo na viagem de seu retorno ao Senado Federal, no Rio de Janeiro. Lembro-me bem da emoção do meu pai ao despedir de nós.

Curioso é o fato de Totó Caiado nunca ter usado guarda-costas, jagunços ou seguranças, mesmo quando prevenido do ataque. Homem de invulgar coragem pessoal, parece que confiava muito na sua própria pessoa para a defesa. Apenas nunca marcou o dia ou a hora para as suas viagens. Talvez seja por isso que o pistoleiro Aldo Borges que, também, era conhecido pelos codinomes de Dr. Pedro, Chiquinho, etc., reclamava de como tinha sorte esse Totó Caiado, pois, já tinha perdido contra ele doze emboscadas (Testemunho do General Mariante e outros).”





educação&cidadania

EDUCAÇÃO E MAÇONARIA: VISÃO, ESTÍMULO, PERTENCIMENTO

Newton Agrella | Colaborador

Como é desestimulante pensar no futuro deste país quando os mais recentes dados coletados e divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) indicam que segundo o Censo 2022, o Brasil contava com 579,8 mil estabelecimentos religiosos, enquanto havia 264,4 mil de ensino e 247,5 mil de saúde. Apenas os Estados de São Paulo, Piauí e os três Estados do Sul são as únicas unidades da federação, cuja soma entre estabelecimentos de ensino e de saúde supera a de religiosos.

Esse levantamento é uma prova inequívoca de que historicamente, entre governo, sai governo e inobstante seu viés político, a Educação continua sendo um mero instrumento de discursos vazios, cujo investimento continua sendo algo solenemente relegado a segundo plano. Fica a pergunta que não quer calar:

Como uma nação pode aspirar a melhoria de vida de seu povo se demagógicamente seus políticos estão mais preocupados em oferecer

“conforto espiritual” e isenção de impostos a estabelecimentos religiosos ao invés de oferecer eficientes e profícuos instrumentos de ensino e dispositivos tecnológicos às gerações de jovens desde o ensino elementar?

Nessa mesma esteira de pensamento, como é possível esperar o desenvolvimento da capacidade crítica, argumentativa e interpretativa do estudante brasileiro se as ferramentas de ensino são tão rudimentares e os processos pedagógicos ainda se arrastam lentamente como se ainda vivêssemos nos primórdios do século passado? Não vale contar as parcas ilhas de ensino mais avançado localizadas em poucos pontos do país.

O Brasil não se resume a três ou quatro Estados mais desenvolvidos. Esse hiato cultural que inibe a própria desenvoltura intelectual da grande maioria de seu povo, impacta diretamente na performance inclusive de instituições voltadas para o desenvolvimento e potencialidades humanas como por exemplo a Maçonaria.

É nítido perceber que o saudável hábito da leitura constitui-se numa das atividades menos incentivadas no Brasil. Em face disso e como resultado dessa política avessa à Educação é que hoje nos deparamos com um contingente cada vez maior de Maçons que pouco lêem e que por conseguinte, mal conseguem elaborar juízos de valor sobre temas de conteúdo histórico, social, antropológico e principalmente filosófico de maneira que possam trazê-los para um consistente fórum de debates.

Como consequência disso, a grande maioria das Lojas espalhadas pelo país, acabam recaíndo na superficialidade, dando corpo a discussões ocas de conteúdo e destituídas de qualquer caráter verdadeiramente dialético na busca pelo aprimoramento do maçom e na missão que se espera dele em prol da sociedade.

A permanente preocupação com o crescente êxodo de Maçons das Lojas e claro, a baixa frequência às sessões, grosso modo deve-se antes de tudo, à

própria maneira como são iniciados na Ordem.

O raquítico processo de Sindicância abdica de passar uma ideia mais consistente do que significa a Maçonaria. É e deveria ser função do Venerável Mestre instruir aos Irmãos sindicantes o “modus operandi” e o maior rigor durante as entrevistas aos candidatos.

Aliás, como proposta especulativa seria sempre interessante, além das triviais e protocolares perguntas: “O que você espera da Maçonaria?” ou “Por que você quer ingressar na Maçonaria?” Se perguntasse ao Candidato: “O que você pode oferecer à Maçonaria?”

Afinal de contas, se o candidato demonstra algum interesse em ingressar na Ordem ele deve ter algum motivo! Fato é, que o que se espera é uma relação de comprometimento e interação do Maçom com a Ordem.

Essa interação e o interesse contínuo pelo estudo, sempre incentivados pelos Veneráveis Mestres, é o que acabam gerando o tão decantado e relevante sentimento de “Pertencimento”, que se traduz como a real percepção de alguém fazer parte de uma comunidade, de um grupo, e ao mesmo tempo sentir-se verdadeiramente integrado.

Não há como erigir um templo começando pela sua cobertura, sem que sua base esteja solidamente sedimentada.



opinião

SER MAÇOM OU ESTAR MAÇOM?

Charles Wellington de Matos Pinheiro | Cadeira nº 38

O irmão Cassiano Teixeira de Moraes, na sua obra *Evasão Maçônica: problemas e soluções*, aborda uma questão que aflige a maçonaria de todos os países, que é a falta de compromisso maçônico e a saída de irmãos da nossa instituição. Problema recorrente nos estudos e debates sobre a atualidade da nossa instituição. São muitas as prováveis causas do afastamento, que vai desde problemas financeiros até pequenos atritos entre irmãos. Claro que cada um vai justificar à sua maneira e à sua conveniência a causa de pedido para sair da ordem, no entanto as raízes desse problema estão aprofundadas em questões administrativas, sociais e comportamentais.

Saliento que vivemos uma crise de falta de comprometimento das pessoas em relação às responsabilidades, estamos com uma sociedade preguiçosa e sem vontade de assumir compromissos, senão vejamos: escolas, escotismo, DeMolay, Filhas de Jó, igrejas, empresas, grupos sociais e outras instituições passam por uma falta de pessoas que se dediquem de forma séria e assumida. Não é à toa que em alguns casos veremos sempre as mesmas pessoas assumindo

funções administrativas nessas e outras instituições.

Voltando para nossas Lojas, sempre que chegamos às vésperas de eleições de veneráveis mestres temos o velho dilema de, na maioria delas, irmãos que se esquivam de assumir a responsabilidade e por isso em alguns casos temos irmãos que repetem várias vezes pela falta de quem se disponha. E muitas vezes vemos que alguns querem o status, mas não o trabalho.

E aí vem o questionamento: ser maçom ou estar maçom? Ao pé-da-letra, maçom é todo aquele que foi iniciado segundo o rito próprio e que é reconhecido como tal pelos seus iguais. Mas será que isso é a única condição para alguém se declarar maçom? Ostentar uma carteira de maçom, apor os três pontinhos na assinatura, vestir um terno e saber sinais torna alguém maçom? É suficiente?

É suficiente frequentar as reuniões de sua loja no dia e hora estabelecidos? Será que a maioria dos irmãos levam e aplicam nas suas vidas os ensinamentos ali transmitidos? Colocamos em prática no nosso trabalho, família e outros grupos sociais aquilo que simbolicamente aprendemos nos nossos templos? Entendemos

de fato a simbologia ali ensinada ou somente somos meros repetidores? Enfim, vivemos a maçonaria ou a praticamos com dia e hora marcados?

O objetivo dessas questões é nos colocarmos a pensar sobre o que fazemos em nossa ordem, é chegar a uma autorreflexão sobre a percepção se a ordem provocou uma mudança de atitude em nós. E assim responder: sou maçom ou estou maçom?

Ser maçom é ter postura diferenciada na sociedade em relação ao que a maioria das pessoas fariam em situações cotidianas e assim ser “diferente” em relação às atitudes dos demais.

Nos nossos rituais aprendemos que a virtude deve ser nada menos que a obrigação de todo maçom, nada de inusitado ou excepcional, pois vivemos para o bem. Somos ensinados a exaltar e honrar o que é bom e honesto, a nunca praticar atos de baixo valor, a buscar ser justos quando for necessário e lutarmos pela perfeição do mundo que nos cerca.

Não é maçom aquele que apenas carrega o pin na lapela do seu terno sem honrar seu significado. Não é maçom aquele que colabora para a desigualdade social e não defende a justiça, a democracia e a honestidade. Não é maçom aquele que se afasta de sua loja a maior parte do tempo e não participa dos trabalhos e das decisões importantes. Não é maçom quem exalta o aproveitamento da instituição a seus interesses pessoais, e se esquece de que nós que devemos servir à ordem e não o contrário. Esses são iniciados na maçonaria, são pessoas que desonram seu juramento e buscam todo tipo de desculpa para justificar sua falta de compromisso.

O verdadeiro maçom defende a sua loja, defende sua instituição e seus preceitos não com palavras, mas com atitudes e trabalho, coloca-se a disposição pelo bem dela, sabe que os homens são falhos e por isso não espera deles nada em troca pelo seu trabalho. O verdadeiro maçom entendeu que a transformação começa dele, e sacrifica-se pessoalmente para isso desbastando em si o que precisa ser limpo. O verdadeiro maçom percebeu que a ordem é uma escola, e como tal, devemos querer aprender para avançar, melhorar para evoluir. Enfim, o verdadeiro maçom é aquele que entendeu a finalidade de sua iniciação, e não a percebe apenas como um ato ritualístico para ingresso na maçonaria, não a tendo como um “clubinho” social.

Os antigos pedreiros de ofício criaram a maçonaria como forma de protegerem seus conhecimentos, depois a transformaram em sociedade de aceitos e hoje nós a temos como escola de aprendizado e melhoramento humano. Pois bem, ou entendemos e ensinamos isso ou perderemos nosso foco e nosso caminho, afinal tornar feliz a humanidade pelo amor, pelo aperfeiçoamento dos costumes, pela tolerância, pela igualdade e pelo respeito a crença de cada um se faz com estudo, participação e trabalho em loja, não fosse assim, não seria necessário a existência da loja ou da instituição.

Ensinemos corretamente nossos aprendizes, cuidemos de nossos companheiros e não precisaremos punir nossos mestres. Os problemas de amanhã podem ser evitados hoje. Sejamos maçons de fato, não apenas de direito.



ciência & saúde

PESSOAS SATISFEITAS COM A VIDA CUIDAM DO CORAÇÃO

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

Pessoas que estão satisfeitas com a vida têm mais chances de manter a saúde do coração em dia, enquanto ter um baixo nível de satisfação está associado ao maior risco de mortalidade precoce por qualquer causa. A conclusão é de uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que analisou dados de quase 13 mil participantes do Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (ELSA Brasil), que monitora há 15 anos a incidência e a progressão de doenças crônicas não transmissíveis (como diabetes e hipertensão) em servidores públicos e instituições de ensino de seis capitais do Brasil.

Na ocasião, pela primeira vez, foram coletadas informações sobre os níveis de satisfação com a vida, os quais

foram analisados por meio da Escala de Satisfação com a Vida (SWLS), que varia de 5 a 35 pontos. Dentro de todo o grupo, a pontuação média foi de 26,7. A escala apresenta cinco afirmativas, para as quais as respostas variam de 1 (“discordo totalmente”) a 7 (“concordo totalmente”). Entre as afirmativas, estão: “As condições da minha vida são excelentes”; “Estou satisfeito com a minha vida”; e “Se pudesse viver a minha vida outra vez, não mudaria nada”.

Segundo os pesquisadores, o conceito de satisfação com a vida é algo muito individual, uma vez que engloba uma avaliação global que o indivíduo faz de todos os domínios de sua própria vida, incluindo questões como família, trabalho, saúde, renda e outros fatores. Muito bem, então como foi avaliado o coração?

A saúde cardiovascular dos participantes do ELSA foi avaliada pelo Índice de Saúde Cardiovascular Ideal, proposto pela American Heart Association (AHA) em 2010. Segundo Santos, esse índice é composto por sete itens divididos em dois subescores: fatores comportamentais e fatores biológicos. Os fatores biológicos levam em consideração medidas como glicemia de jejum, pressão sanguínea e colesterol total. Já os fatores comportamentais avaliam aspectos como prática de atividade física, alimentação saudável, ausência de tabagismo e índice de massa corporal (IMC).

Neste estudo categorizou a pontuação em três níveis: baixa saúde cardiovascular (para pontuações de 0 a 2); intermediária (pontuações de 3 a 4) e ótima (pontuação de 5 a 7). O estudo apontou que somente 10,5% dos participantes alcançaram a pontuação que indica saúde cardiovascular ótima, enquanto 42% atingiram a pontuação intermediária e 47,5% dos participantes foram classificados como tendo baixa saúde cardiovascular.

Vale observar a associação entre a satisfação com a vida e a classificação da saúde cardiovascular e analisar que

a cada aumento na pontuação da satisfação com a vida, aumentava a chance de o indivíduo ter uma saúde cardiovascular intermediária ou ótima. Este é o caminho da resposta.

Pessoas com maior nível de satisfação com a vida é uma pessoa que tem um amortecimento dos efeitos deletérios do estresse do dia a dia, porque consegue lidar melhor com situações que vão levar a uma cascata de efeitos biológicos deletérios, como por exemplo, maior produção de cortisol e de fatores inflamatórios.

Nesta linha de pensamento, uma pessoa que tem níveis maiores de satisfação com a vida tem uma motivação maior para aderir a comportamentos saudáveis, ou seja, vai cuidar mais da alimentação, vai praticar mais atividade física, terá menores níveis de tabagismo, entre outros.

Entendo ser fundamental que as pessoas estejam satisfeitas com sua própria vida, para galgarem uma melhor saúde cardiovascular. E isso não deve ser imposto, é uma busca constante em torno de mais cuidados com a saúde mental, com o estilo de vida, com o cumprimento de uma vida mais saudável. Pense nisso.



artigo

O ESCULTOR DA LIBERDADE: ALEIJADINHO – I

Carlos A. Barros de Castro | Cadeira nº 33 – Colaboração*

Manuel acordou tarde naquela sexta-feira. Já era meio-dia em Lisboa e o sol estava particularmente mais quente naquele verão lusitano de 1720. As estações em Portugal são exatamente ao contrário do Brasil. Por lá, o calor acontece entre os meses de junho e agosto, enquanto por aqui as temperaturas são mais amenas nessa época do ano. Recordou-se da noite anterior, quando exagerara no vinho. O vinho português era sem dúvida, um dos melhores do mundo naquela época. Saía direto do barril de carvalho francês para as jarras que as garçonetes

levavam às mesas das famosas bodegas do Chiado. Sim. Ele havia exagerado no vinho e agora pagava caro com uma enorme dor de cabeça. Naquele tempo não havia medicamentos para esse sintoma cruel da ressaca e Manuel sabia que apenas no dia seguinte poderia sentir uma melhora, caso não bebesse mais na noite seguinte. Levantou-se sem pressa, soltando arrotos cetônicos e sentindo o estomago ferver. Ficou sentado na beirada da cama por alguns instantes, esperando a vertigem melhorar. Quando conseguiu ficar de pé, olhou pela janela do seu quarto e, como fazia todos os dias da sua vida, ficou a contemplar aquela paisagem maravilhosa do Rio Tejo, vendo os barcos que agitavam o Cais da Ribeira. A casa de seu pai, onde ele ainda morava aos seus 20 anos de idade, ficava na Costa do Castelo de São Jorge, bem próximo da Igreja de Santo António d’Lisboa, recém inaugurada à época. Manuel passava horas a contemplar a nave daquele Templo magnífico, que respirava a mais bela arquitetura e as grandes novidades em construção do momento. Seu sonho, desde a infância, era projetar e construir

igrejas com aquelas que ficavam cada dia mais belas em Lisboa. Ainda mirando o cais, lembrou também do convite que recebera horas atrás. Ainda estava embriagado pela vitis vinífera naquele instante, mas lembrou bem das palavras de seu grande amigo e companheiro de aventuras Francisco, que confidenciou a ele que estaria prestes a ser admitido na Ordem dos Arquitetos, um tipo de confraria de construtores ou de Guilda, ainda das épocas medievais.

Essa Guilda admitia aprendizes que tinham interesse em aprender os ofícios de arquitetura e construção de igrejas, pátios, altares e catedrais. Se alguém fosse admitido como aprendiz, ficaria um tempo trabalhando para os Mestres e em contrapartida, aprendia todos os segredos que eles mantinham a sete chaves. Com certeza não era fácil erguer uma majestosa construção, repleta de ornamentos e enfeites, colocados com muito carinho e maestria em seus lugares. Havia detalhes mínimos a serem calculados com precisão sobre cada entalhe de pedra ou sobre a maciez da argamassa ou ainda sobre a qualidade das madeiras. Era muita coisa a se aprender. Manuel ouvia aquelas elocubrações de Francisco e pensava sobre o quanto ele queria estar em seu lugar.

Após conseguir se esgueirar pela parede do quarto e chegar ao pátio da casa, sentou-se em uma cadeira sob a sombra fraca de uma parreira e sentiu o mudo girar. Prontamente vomitou um líquido vermelho forte, sujando o chão do local onde seu pai estaria em poucos instantes. Tentou limpar com suas mãos, mas viu que era uma tarefa inglória, precisando fílar sua camisola branca e passar por cima daquela poça escarlate de vinho acético. Infelizmente, seu pai chegou justamente quando não poderia. Fez um semblante de desaprovção e rosou raios, criando uma sensação a que Manuel já estava um pouco cansado de ter que passar. Como ainda estava sob a

tutela de seu pai, era obrigado a escutar calado e respeitosamente, pedir seu perdão quase cotidianamente. O ranzinza genitor exigiu que Manuel tomasse um jeito na vida e tratasse de se alistar na marinha de El Rey. A Escola de Sagres deveria ser seu futuro.

Não era aquele destino que Manuel almejava para si. Trocou de roupa e foi ao encontro de Francisco, na esperança de se tornar arquiteto também. Pediu ao amigo que falasse sobre ele ao Mestre que o havia convidado. Naquela mesma tarde, se encontrou com o Mestre Arquiteto João Frederico Ludocive. A ele revelou seus sonhos das épocas tenras e sua vontade de trabalhar. Permaneceria seu escravo se assim o quisesse. Então o Grande Mestre replicou, dizendo que jamais aceitaria trabalho escravo e que o acataria, mas na condição de Aprendiz, assim como seria com Francisco.

Os dois passaram por um processo iniciático, quando juraram sobre a bíblia sagrada, que jamais revelariam os segredos a que lhes fossem confiados e que seguiriam estritamente as ordens do Mestres. Por 5 anos trabalhavam como pedreiros, carregando, lapidando e lixando pedras, que eram levadas para ser encaixadas na construção. Era trabalho pesado apenas. Após cinco anos, o Mestre reuniu alguns dos Aprendizes e perguntou a eles se desejavam permanecer firmes na Ordem. Eram mais de vinte e foram unânimes em concordar com a manutenção do desejo de serem arquitetos. Assim, entre aqueles escolhidos, foi realizada uma nova cerimônia com um novo juramento, quando foram aceitos como Oficiais, um novo Grau recebido e com consequente aumento de seus salários. Nesse segundo estágio, realmente vieram os ensinamentos com ferramentas, fórmulas, contas, medidas e teoria aplicada à prática. Valera o esforço do ano que se passou, pois agora estavam realmente aprendendo novidades a que somente eles teriam acesso.

* Extraído de rede social: *Maçonaria Ensinamentos*, texto de João Vicente Silva
Continua na próxima edição...





educação&cidadania

ÁGUA E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – II

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Um desenvolvimento sustentável requer planejamento e o reconhecimento de que os recursos são finitos. Ele não deve ser confundido com crescimento econômico, pois este, em princípio, depende do consumo crescente de energia e recursos naturais. O desenvolvimento nestas bases é precário, pois leva ao esgotamento dos recursos naturais dos quais a humanidade depende.

O conceito de desenvolvimento sustentável procura harmonizar os objetivos de desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e a conservação ambiental que foi reconhecido internacionalmente em 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, Suécia.

A comunidade internacional adotou a idéia de que o desenvolvimento sócio-econômico e o meio ambiente, até então tratados como questões separadas, podem ser geridos de uma forma reciprocamente benfeitora.

Em 1983, é estabelecida a Comissão Mundial das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Esta comissão foi encarregada de investigar as preocupações alçadas nas décadas anteriores acerca dos graves e negativos impactos das atividades humanas sobre o planeta, e como os padrões de crescimento e desenvolvimento poderiam se tornar insustentáveis caso os limites dos recursos naturais não fossem poupados. O resultado desta investigação foi o Relatório "Nosso Futuro Comum" publicado em abril de 1987.

O documento ficou conhecido como Relatório Brundtland, em referência à Gro Harlem Brundtland, ex-primeira ministra norueguesa e médica que chefiou a comissão da ONU responsável pelo trabalho. O Relatório Brundtland formalizou o conceito de desenvolvimento sustentável e o tornou conhecido do público.

"Satisfazer as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades", cerne do conceito de desenvolvimento sustentável se tornou o fundamento da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92), realizada no Rio de Janeiro em 1992.

O encontro foi um marco internacional, que reconheceu o desenvolvimento sustentável como o grande desafio dos

nossos dias, e também assinalou a primeira tentativa internacional de elaborar planos de ação e estratégias neste sentido.

O campo do desenvolvimento sustentável pode ser dividido em quatro componentes: a sustentabilidade ambiental, a sustentabilidade econômica, a sustentabilidade sociopolítica e a sustentabilidade cultural.

A sustentabilidade ambiental consiste na sustentação das funções e componentes dos ecossistemas para assegurar que continuem viáveis – capazes de se auto reproduzir e se adaptar a alterações, para manter a sua variedade biológica. É também a capacidade que o ambiente natural tem de cultivar as condições de vida para as pessoas e para os outros seres vivos, tendo em conta a habitabilidade, a beleza do ambiente e a sua função como fonte de energias revigoráveis.

A sustentabilidade econômica é um conjunto de medidas e políticas que visam a incorporação de preocupações e conceitos ambientais e sociais. O lucro passa a ser também medido através da perspectiva social e ambiental, o que leva a otimizar o uso de recursos abordados e à gestão de tecnologias de poupança de materiais e energia. A exploração sustentável dos recursos evita o seu colapso.

A sustentabilidade sociopolítica é orientada para o desenvolvimento humano, a estabilidade das instituições públicas e culturais, bem como a diminuição de conflitos sociais. É um veículo de humanização da economia, e, ao mesmo tempo, pretende ampliar o tecido social nos seus componentes humanos e culturais.

Vê o ser humano não como objeto, mas sim como objetivo do desenvolvimento. Ele participa na concepção de políticas que o afetam, decide, controla e executa decisões.

A sustentabilidade cultural leva em consideração como os povos encaram os seus recursos naturais, e, especialmente como são construídas e tratadas as relações com outros povos a curto e longo prazo, com vista à criação de um mundo mais sustentável a todos os níveis sociais.

A uniformidade das especificidades culturais na concepção, medição e prática do desenvolvimento sustentável é essencial, uma vez que afiança a participação da população local nas diligências de desenvolvimento.

Em 8 de janeiro de 1997, foi criada a Lei nº 9.433, mais conhecida como Lei das Águas, que instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH) e criou o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (Singreh).

Até então, a proteção legal das águas brasileiras seguiu um caminho análogo ao da proteção ao meio ambiente: ela se dava de forma indireta. A água era acessória a outros interesses, assim seu uso era verificado por normas de caráter econômico e sanitário, ou relativo ao direito de propriedade.

Numa fase posterior, a água ainda tratada com um bem foi alvo de legislação própria, o Código das Águas de 1934. Foi a partir da Constituição de 1988 e, mais tarde a lei de 1997, que houve a importância da necessidade de proteger as águas dentro da estrutura global ambiental, a partir da gestão que se preocupasse em integrar os recursos hídricos ao meio ambiente, como garantia do desenvolvimento sustentável e ao custeio do meio ambiente ecologicamente equilibrado.

A lei, no artigo 1º, elenca os principais fundamentos da Política Nacional. Ali há a compreensão de que a água é um bem público (não pode ser controlada por particulares) e recurso natural limitado, dotado de valor econômico, mas que deve priorizar o consumo humano e de animais, em especial em situações de escassez.

SA água deve ser gerida de forma a ajustar usos múltiplos (abastecimento, energia, irrigação, indústria) e sustentáveis, e esta gestão deve se dar de forma descentralizada, com participação de usuários, da sociedade civil e do governo.

O item seguinte cita seus objetivos: assegurar a disponibilidade de água de qualidade às gerações presentes e futuras, promover uma utilização racional e integrada dos recursos hídricos e a prevenção e defesa contra eventos hidrológicos (chuvas, secas e enchentes), sejam eles naturais ou decorrentes do mau uso dos recursos naturais.

Segundo a lei, o Estado compartilha com os diversos segmentos da sociedade uma participação ativa nas decisões. Cabe à União e aos estados, cada um em suas respectivas esferas, programar o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (Singreh), legislar sobre as águas e organizar, a partir das bacias hidrográficas, um sistema de supervisão de recursos hídricos que atenda as necessidades regionais.

Dentro do Singreh, o Poder Público, a sociedade civil organizada e os usuários da água integram os Comitês de Bacias Hidrográficas (CBH) e atuam, em conjunto, na definição e aprovação das políticas acerca dos recursos hídricos de

cada bacia hidrográfica. Também fazem parte do Sistema, o Conselho Nacional de Recursos Hídricos, a Agência Nacional de Águas (ANA), os Conselhos de Recursos Hídricos dos Estados e do Distrito Federal; os órgãos dos poderes públicos federal, estaduais, do Distrito Federal e municipais cujas competências se relacionem com a gestão de recursos hídricos e as Agências de Água, órgãos assessores dos CBH.

A Lei das Águas (Lei nº 9.433) surgiu em um contexto em que a água se torna cada vez mais insuficiente, com a preocupação de que a sua distribuição seja equitativa. O território brasileiro contém cerca de 12% de toda a água doce do planeta. Ao todo, são 200 mil microbacias espalhadas em 12 regiões hidrográficas, como as bacias do São Francisco, do Paraná e a Amazônica (a mais extensa do mundo e 60% localizada no Brasil).

É um enorme potencial hídrico, capaz de prover um volume de água por pessoa 19 vezes superior ao mínimo estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) – de 1.700 m³/s por habitante por ano.

Apesar desta abundância, os recursos hídricos brasileiros não são inesgotáveis nem bem distribuídos. A água não chega para todos na mesma quantidade e regularidade: as contestações geográficas de cada região e as mudanças de vazão dos rios causadas pelas mutações climáticas ao longo do ano afetam a distribuição. Outro ponto é o uso indiscriminado tanto dos mananciais superficiais quanto dos subterrâneos.

Quem sabe o principal problema seja o processo de urbanização acelerado que não apenas gerou um aumento da demanda em áreas mais populosas, como também gerou a contaminação dos corpos hídricos por resíduos domésticos e industriais. O crescimento da população concentrada em grandes centros urbanos, principalmente no litoral do continente, gerou problemas de insuficiência localizada de água, agravados por sistemas de saneamento básico deficientes – falta de sistemas de coleta, tratamento e drenagem. Isso torna boa parte das águas impróprias para o uso humano.

3 A PRODUÇÃO DA ÁGUA NOS ÚLTIMOS ANOS E COMO UTILIZÁ-LA DE FORMA SUSTENTÁVEL.

Não há vida sem água. Avaliado o bem natural mais valioso do planeta, o líquido é finito na sua forma potável e precisa passar por uma drástica mudança em seu gerenciamento para evitar a escassez a médio prazo. O alerta é da Organização das Nações Unidas (ONU), em relatório divulgado no mês de março.

Continua na próxima edição...



crônica

AS AMIZADES VERDADEIRAS E SINCERAS

Carlos Roberto Neri Matos | Cadeira nº 35

Talvez, sejamos levados a desacreditar um pouco na existência das boas e sinceras amizades por termos tido decepções com amigos, ou melhor, com pessoas que se diziam ser amigas.

Se ainda existem ou não amizades sinceras, é uma discussão desnecessária,

pois, cada um tem a sua própria opinião e nela se fixará. E assim, independente da discussão, pelo menos nós, podemos demonstrar que somos pessoas sinceras e que merecemos toda confiança.

É comum ouvirmos alguém dizer que não se pode confiar em ninguém. Mas,

os outros podem confiar em nós? Então?! Mesmo que as pessoas que convivem conosco cometam falhas, sejam incoerentes ou mesmo falsas, etc..., procuremos oferecer uma amizade sincera. Se assim fizermos, haverá uma pessoa falsa a menos, não é verdade?

Apesar de todos os riscos, é importante cultivarmos as boas amizades; procurar nos relacionar com pessoas que realmente mereçam a nossa confiança e companhia. Isto não quer dizer que devamos fazer distinção de pessoas.

Devemos amar, respeitar e ajudar a todos, mas, quanto a qualificação dos amigos podemos levar em conta uma máxima popular: "Quem anda com lobos

aprenderá a uivar, quem anda com pássaros aprenderá a cantar".

Tenhamos em mente que existem amizades que podem nos levar à perdição, e amizades que podem ajudar a nos salvar nos momentos difíceis. Saibamos escolhê-las com sabedoria!

Texto adaptado de um autor desconhecido mas eu o assinaria com 1000% de fé nas palavras escritas.

Apenas acrescento que para uma amizade verdadeira e sincera não existe distância e nem um eventual tempo de afastamento, que pode ser por anos, pois, um breve encontro físico regado a um abraço resgata tudo de bom que existe entre nós, amigos de verdade.



artigo

FILOSOFANDO SOBRE O PENSAMENTO

Paulo Marra | Cadeira nº 17

Pascal vê no homem um ser pequeno diante da natureza e de Deus, um ser finito e limitado, porém capaz de se elevar por sua consciência e por seu pensamento, o que o destaca dos demais seres da Criação.

Blaise Pascal (1623 – 1662) – filósofo e cientista francês

Em sentido denotativo, o Pensamento, do *latim cogitatio*, é o ato ou efeito de pensar. Faculdade de pensar logicamente. Poder de formular conceitos. O produto do Pensamento; ideia. Recordação, lembrança. Modo de pensar; opinião. Frase que encerra um conceito moral. No sentido filosófico, Pensar é uma atividade da mente através da qual esta tematiza objetivos ou toma decisões sobre a realização de uma ação. Atividade intelectual, raciocínio, consciência. Descartes (1596 – 1650), ao formular sua 3ª Meditação, afirma: “Sou uma coisa que Pensa, isto é, que duvida, que afirma, que nega, que conhece poucas coisas, que ignora muitas, que ama, que odeia, que deseja, que não deseja, que imagina também e que sente”. Atividade intelectual através da qual o espírito humano forma conceitos e formula juízos. Faculdade de julgar. Para Kant (1724 – 1804) “Pensar é conhecer através de conceitos” e unir as representações na consciência”.

Diferentemente do conhecimento, que visa apropriar-se dos dados empíricos ou conceituais, o Pensamento constitui uma atividade intelectual visando a produção de um novo saber pela medição da reflexão. Em outras palavras, o Pensamento é o “trabalho” efetuado pela reflexão do sujeito sobre o objeto, num movimento pelo qual a matéria-prima, que é a experiência é transformada, de algo não sabido, num saber produzido e compreendido.

Pode-se distinguir quatro significados do termo: 1º – **Pensamento como atividade mental ou espiritual.** É o significado mais amplo do termo, que indica qualquer atividade ou conjunto de atividades espirituais, introduzido por Descartes: “Com a palavra ‘pensar’, entendo tudo o que acontece em nós, de tal modo que o percebamos imediatamente por nós mesmos; por isso não só entender, querer e imaginar são Pensar, mas também sentir é pensar”. Esse significado é conservado pelos cartesianos e aceito por Espinosa (1632 – 1677), que inclui entre as maneiras do Pensamento “o amor, o desejo e qualquer outra afecção da alma” (Ética, II, axioma III). Locke (1632 – 1704), fazia alusão a esse significado, mesmo notando que em inglês pensamento significa mais propriamente “operação do espírito sobre as próprias ideias” (Pensamento Discursivo) e preferindo, por isso, a palavra “percepção” (*Ensaio, II, 9,1*) citado por ABBAGNANO, 2007. O mesmo significado era aceito por Leibniz (1646 – 1716), que definia o Pensamento como “uma percepção unida à razão, que os animais, pelo que nos é dado ver, não possuem.

2º – **Pensamento como atividade do intelecto ou da razão, em oposição aos sentidos e à vontade.** Neste significado, o termo designa a atividade do intelecto em geral, distinta da sensibilidade, por um lado, e da atividade prática, por outro. Para Platão (427 – 347 a.C.), Pensamento é todo Pensamento discursivo e o intelecto intuitivo, e também, como definição geral de Pensamento é o diálogo da alma consigo mesma. “Quando

a alma pensa” – diz ele – “não faz outra coisa senão discutir consigo mesma por meio de perguntas e respostas, afirmações e negações, e quando, mais cedo ou mais tarde, ou então de repente decide, assevera e não duvida mais, dizemos que ela chegou a uma opinião” (ABBAGNANO, 2007). No mesmo sentido geral, Aristóteles (384 – 322 a.C) afirma: “Pensável significa aquilo sobre o que existe um Pensamento” (Met, V, 15, 1021 a 31), citado por (ABBAGNANO, 2007). Este significado, que é o mais amplo (depois do precedente), tornou-se tradicional e é compartilhado por todos os que admitem a noção de intelecto como faculdade de Pensar em geral: na realidade as duas noções coincidem. Santo Agostinho (354 – 430) e Santo Tomás de Aquino (1277 – 1274) admitem esse significado genérico ao lado do significado específico de Pensamento discursivo. Neste sentido, o Pensamento constitui a atividade própria de certa faculdade distinta do espírito humano, mais precisamente à faculdade à qual pertence a atividade cognitiva superior (não sensível). Wolff (1679 – 1754), filósofo e matemático alemão, definia neste sentido: “Dizemos que estamos pensando quando estamos cientes daquilo que acontece em nós, que representa as coisas que estão fora de nós” (Psychol. Empiria, § 23), citado por (ABBAGNANO, 2007). Para Pascal (1623 – 1662), em sua obra: *Pensamentos*, afirma que “Toda dignidade do homem está no Pensamento... O Pensamento é, pois, uma coisa admirável e incomparável por natureza”. Uma das ordens analisadas por Pascal é a do espírito que caracteriza-se pelo saber científico e filosófico, o uso da razão enquanto método investigativo. Pascal define que a condição humana é o Pensamento, a busca pelo saber, neste sentido: *O homem é visivelmente feito para pensar. É toda a sua dignidade e todo o seu mérito; e todo seu dever está em pensar direito. Ora, a ordem do pensamento é começar por si, e por seu autor e fim. Ora, em que pensa o mundo?* Portanto, para Pascal a ordem do espírito aponta para o uso exclusivo da razão, a busca das verdades científicas. Um pensar calculante de acordo com o espírito da geometria, ou seja, a busca de explicações lógicas dedutivas através da razão. Na investigação realizada pelos geométricos busca-se por princípios que expliquem as coisas.

3º – **O terceiro significado do Pensamento especifica-o como Pensamento discursivo.** É esse o Pensamento de que Platão chamava de *dianoia* (*razão discursiva, que procede por meio de definições e demonstrações*) considerando-o órgão das ciências propedêuticas (aritmética, geometria, astronomia e música), encaminhamento e preparação para o pensamento intuitivo do intelecto (Rep., VI, 511 d). Santo Agostinho negava que o Verbo de Deus pudesse chamar-se Pensamento nesse sentido; o mesmo fazia Santo Tomás de Aquino, por que neste sentido Pensar é “uma consideração do intelecto acompanhada pela indagação, sendo portanto anterior à perfeição que o

intelecto atinge na certeza da visão e segundo Aquino, este é o significado “mais apropriado” da palavra “Pensamento” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006).

O empirismo referia-se à mesma noção de Pensamento quando Hume (1711 – 1776), por exemplo afirmava que tudo o que o Pensamento pode fazer consiste “no poder de compor, transportar, aumentar ou diminuir os materiais fornecidos pelos sentidos e pela experiência” (ABBAGNANO, 2007).

O conceito dado por Kant (1724 – 1804): “Pensar é interligar representações numa consciência”. O que significa “Pensar é o conhecimento por conceitos, e também “os conceitos, como predicados de juízos possíveis, referem-se a algumas representações de um objeto ainda indeterminado”; portanto, quando esse objeto não é dado à intuição sensível, tem-se um “Pensamento formal”, mas não um conhecimento propriamente dito, que consiste na unidade de conceito e intuição” (Crít. R. Pura, Anal dos conceitos, seq 1, § 22).

Desse ponto de vista, a atividade do Pensamento é definida em termos de síntese, unificação, confronto, coordenação, seleção, transformação, dos dados que são oferecidos ao Pensamento, mas não por ele mesmo produzidos. Portanto, a característica do Pensamento, discursivo nunca se identifica com seu objeto, mas versa sobre ele, ou seja, caracteriza-o e expressa-o.

4º – **O Pensamento como atividade intuitiva.** A característica do conceito de Pensamento como intuição é a sua identidade com o objeto. Neste sentido, Pensamento é atividade do intelecto intuitivo, ou seja, do intelecto que é visão direta do inteligível, segundo Platão (Rep., VI, 511c), ou que, segundo Aristóteles (384 – 322 a.C), identifica-se com o próprio inteligível em sua atividade (Met., XII, 2, 1072 b 18ss). Para o Pensamento neste sentido os antigos usaram constantemente a palavra *intelecto*; como já visto Agostinho e Tomás de Aquino se recusaram a estender a ele o significado de Pensamento. Mas no idealismo romântico ao mesmo tempo em que o intelecto era rebaixado a faculdade imóvel, o Pensamento era alçado à posição já ocupada pelo intelecto intuitivo e identificado com ele. Fichte (1762 – 1814), foi o primeiro a fazer isso, quando identificou o Pensamento com o Eu ou Auto, consciência Infinita; o mesmo fizeram Schelling (1775 – 1854) e Hegel (1780 – 1831), Schelling afirmava: “Meu eu contém um ser que precede qualquer pensamento e representação. É porque é pensado; produz-se com meu Pensamento, graças a uma causalidade absoluta”. Hegel, por sua vez foi quem expressou com mais clareza a identificação do Pensamento com a autoconsciência criadora, ou seja, como atividade que coincide com sua própria produção. Ao definir a lógica como “Ciência do Pensamento”, afirmava que “ela contém o Pensamento porque é ao mesmo tempo a coisa em si mesma, ou contém a coisa em si mesma porque é ao mesmo tempo o “Pensamento Puro”. E partindo do conceito discursivo de Pensamento, Hegel chega ao seu conceito intuitivo: “O Pensamento no seu aspecto mais próximo mostra-se sobretudo em seu significado subjetivo comum como uma atividade ou faculdade espiritual, ao lado de outras (sensibilidade, intuição, fantasia, apetite, querer...). O produto dessa atividade, caráter ou forma do Pensamento é o universal, o abstrato em geral. O Pensamento como atividade é, por isso, o universal ativo, é propriamente aquilo que se fez, visto que o feito, o produto, é justamente o universal. O Pensamento representado como sujeito é o pensante; e a expressão simples do

sujeito existente como pensante é o seu eu”. Em outras termos, o Pensamento é ao mesmo tempo a atividade produtiva e o seu produto (o universal ou conceito): ele é portanto, a essência ou a verdade de tudo (COMTE-SPONVILLE, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como abordado, encontramos em Descartes, criador da Filosofia Moderna, uma definição por extensão (ampla) e incompleta: “O que sou eu portanto? Uma coisa que pensa. O que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que não quer, que imagina também e que sente. É definir o Pensamento, se não pela consciência pelo menos a partir dela, como uma experiência ou uma dimensão do sujeito (“o pensamento é um atributo que me pertence”), e sem dúvida não podemos defini-lo de outro modo, pois que toda definição o supõe e se dirige a um sujeito. Quem não pensasse, como lhe dar a entender o que pensar? “Pensar”, dirá Kant, “é unificar representações numa consciência”. É por isso que nenhum computador pensa.

Então, podemos dizer que toda consciência é pensada? Num sentido *lato*, sim: é esse o sentido de Descartes. Num sentido mais estrito, falar-se-á de pensamento apenas para a dimensão intelectual ou racional da consciência, digamos que para representações logicamente relacionadas, mesmo de maneira imperfeita, e submetidas juntas à ideia de uma verdade pelo menos possível. Pensar, etimologicamente, é pesar: isso supõe a unidade de uma balança ou de uma relação. O Pensamento é o que pesa. Completando Kant com Espinosa, e Espinosa com Montaigne temos a definição: “Pensar é unificar” representações numa consciência, sob a norma da ideia verdadeira dada ou possível”

Dessa forma o Pensamento é de fato esse “diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma” que Platão evocava, mas na medida em que ela busca o verdadeiro (pois que é preciso “ir ao verdadeiro com toda a sua alma”) e, de antemão, a ele se submete.

Vale destacar também o que Francilene Corrêa Silva afirma a respeito da sociedade contemporânea quanto ao ato de Pensar, que a mesma encontra-se em meio a uma anestesia reflexiva sobre ela mesma. A nossa cultura idealiza o sujeito acerca de como ele deve ser, viver, desejar e pensar, impossibilitando a totalidade de conhecimento e Pensamentos que podem ser alcançados.

Outro aspecto a ser pontuado é que temos a necessidade existencial de fazer perguntas, de conhecer a nós mesmos, de nos incomodar com o *status quo* das coisas e do mundo. Enquanto disciplina, a Filosofia se propõe a induzir o ato de pensar, originando nossas formas de ver o mundo. Ela permite essa atitude de interrogar-se, à medida que se dirige ao próximo Pensamento, se efetivando enquanto reflexão. Portanto, o Pensamento filosófico é ativo, pois é uma atividade que examina e avalia racionalmente uma ideia. Portanto, a filosofia tem uma ligação íntima com o Pensar. Ela é uma forma de exercitá-lo, permitindo ainda uma experiência de pensamento à medida que proporciona uma abertura para que o pensar não se mantenha em um ponto fixo, fechado e acomodado. Essa dimensão do pensar, enquanto experiência já traz consigo essa possibilidade de abertura. Ela é o Pensamento vivo, que não conforma com o que já foi pensado, que recoloca novas possibilidades para se pensar de outras formas, e que ainda é capaz de criar, a partir de uma forma que expande esse pensar.



conto

O ORÁCULO DO MAÇOM É A FAMÍLIA

Adolfo Ribeiro Valadares* | *(in memoriam)*

O homem que ingressa na maçonaria assume um compromisso inquebrantável de honrar, respeitar, proteger e dignificar sua família. Nenhum indivíduo é recebido em nossa fraternidade sem ter aprovação prévia da mulher que seja a dona de seus afetos. Se for solteiro é preciso que sua mãe concorde com sua pretensão, ou uma irmã mais velha, que lhe seja responsável. No caso de ser casado ele só será admitido em nossa Ordem se sua esposa lhe der autorização expressa.

Isso é um preceito imutável para deixar claro que nenhum de nós prescinde de ter um pequeno universo para onde retornar ao fim de cada dia para depositar suas esperanças, refrescar sua alma e se alegrar na paz

e no amor que somente os indivíduos que prezam suas famílias podem gozar. É na família que cada maçom revigora suas forças para prosseguir em seu trabalho diário para o bem estar da sociedade em que vive. É na família que podemos ver materializar um dos mais nobres sentimentos: o amor.

A família tem para o maçom que vive os conceitos que pregamos o significado de um sacrário. É no ambiente familiar que colocamos na prática os ensinamentos mais sublimes que abstraímos das lições e instruções que recebemos diariamente de nossos mestres e que estão contidos nos mandamentos mais ativos, que estão no Livro Sagrado. É em nossas famílias que fazemos nossas orações em forma de gestos, carinhos e sorrisos

para os que convivem conosco no ambiente familiar. Em nossas famílias praticamos valores como tolerância, cordialidade e auxílio mútuo e rejeitamos a falta de ética nas relações humanas.

Um maçom não inicia seu dia sem interagir com o Supremo Criador, agradecendo pela sua vida e dos que ama, fortalecendo-se para a luta diária e reafirmando os compromissos de ser justo nos embates que travará ao longo de sua jornada. Um maçom traz de seu ambiente familiar um sorriso estampado no rosto para facilitar a convivência com seus iguais e mantém vigília sobre seus atos para não alimentar a maldade com pensamentos, gestos e palavras que ofendem.

Um maçom olha sempre sua esposa com olhar de ternura e agradece a companheira que o destino colocou em sua vida. Fita-a com um leve sorriso no semblante e quando ela lhe pergunta por que a olha ternamente responde: contemplava sua beleza, mas no fundo de sua alma ele fazia uma ligeira oração para que o Grande Arquiteto do Universo

proteja aquela que com sabedoria edifica sua casa. Um maçom não permite que seu dia chegue ao fim com algo mal resolvido com sua amada, não se acanha em pedir desculpas e apaga qualquer resquício de mágoa. E ao se recolher para o descanso agradece ao Supremo Criador pela dádiva de dia vivido.

Um maçom olha seus filhos sempre com amor redobrado e agradece ao Criador de todas as coisas pela bela obra que Ele lhe permitiu conduzir na vida. É firme na correção de rumos e terno no diálogo que edificará o caráter de seus filhos. Recebe em seu lar todos com alegria redobrada e partilha sua vida com quem dele se aproxima.

Assim, nós maçons, precisamos renovar todos os dias os compromissos de fazer com que nossas famílias sejam sempre fontes de luz e ajudar os outros que nos cercam. De tal modo que as esposas de outros homens que ainda não conhecem a luz verdadeira expressem, quando perguntadas sobre o que gostariam que seus maridos fossem, respondam de pronto: gostaria que ele fosse maçom.

*Texto extraído do livro *CRÔNICAS, TEXTOS & OUTRAS PUBLICAÇÕES*, de Adolfo Ribeiro Valadares.



crônica

A LIBERDADE DA PEDRA

Getúlio Targino Lima | Cadeira n° 13

Já estou morando há algum tempo no mesmo endereço, em Goiânia. Adaptei-me ao local naturalmente, por diversos motivos. Aprecio sobretudo a área de lazer do condomínio: ampla, bem povoada de plantas de diversas qualidades, muito bem cuidadas, exibindo suas folhas verdes brilhantes ou o colorido diversificado e forte de suas flores.

Diversas vezes na semana e, especialmente, aos domingos, atravesso o longo corredor, desde a entrada do condomínio até à porta dos elevadores, apreciando, de um lado, do outro e em frente o poder mágico das plantas a nos inebriar os olhos e o pensamento. Especialmente se estiver soprando uma brisa moderada, as folhas das árvores e especialmente das palmeiras parecem cumprimentar o vento benfazejo e se cumprimentarem entre si com seus movimentos suaves... É fácil constatar no reino vegetal a vida exuberante ou a morte devastadora.

Plantas parecem conversar entre si e se lhes dedicarmos um pouco mais de atenção sugerem conversar conosco, numa linguagem de sinais perceptíveis somente aos olhos mais perspicazes e numa fala de sons somente audíveis através das ondas sentimentais de corações mais receptivos e almas mais vibráteis.

Como cordas de instrumentos que, tangidas, emitem sons maravilhosos mas que vão se distanciando e se transferindo para a eternidade onde só verdadeiros ouvidos de ouvir os podem perceber e captar...

Diferente disto, as pedras, na sua brutalidade e fixidez não nos transmitem estas emoções tão, como que, palpáveis, constatáveis com o simples fato de passarmos ao lado delas... As pedras, não!

— 0 —

Alto lá!, adverte-me o espírito da verdade ou o vigia da consciência. Alto lá! Neste mesmo caminho que você tem percorrido há anos, tem-se deparado com uma pedra. E foram inúmeras as vezes que você parou diante dela,

rodeou-a para observação mais minuciosa, olhou de um lado, do outro e sem qualquer sinal da mínima cerimônia, dirigiu-lhe palavras silenciosas de carinho e admiração.

E agora vem com este discurso pretensamente literário de que as plantas transmitem a sensação de vida e as pedras não?

— 0 —

Notei que a minha consciência estava brava. E tratei de colocar as coisas todas nos seus devidos lugares.

Realmente, perdi a conta das vezes quando parei diante daquela pedra trabalhada, escultura que ornamenta a área de lazer do condomínio e fiquei me perguntando sobre o que conduz as mãos do artista para produzir aquela imagem, aquela figura tão inspiradora e tão aberta à imaginação de quem a aprecia...

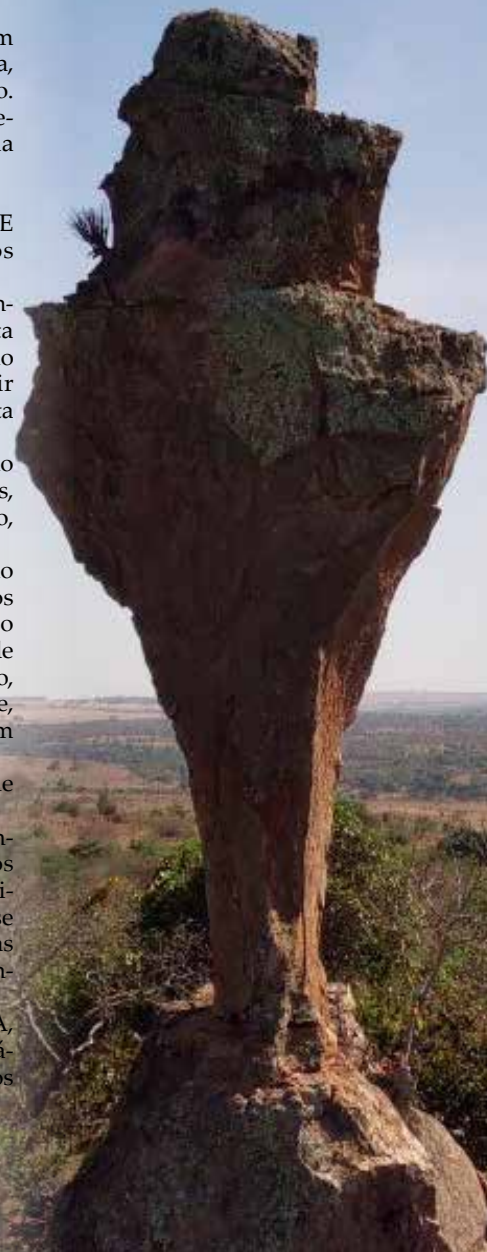
Se olhada de um ângulo, parece um pássaro alçando voo vertical... Se de outro, imagino duas figuras humanas, masculina e feminina, num abraço integral e carinhoso, que se funde numa só...

Se me afasto lentamente, ela me acompanha, como pássaro, como mulher, como sentimento e por muitos minutos, mesmo já estando longe do lugar, ainda posso ver levitando como uma pena, aquela pesada figura de pedra a se proclamar viva e a pedir meu reconhecimento, que chega suave com a leveza de seu pesado ser e forte, com a fragilidade tráfuga do traço que a contorna, em meio ao espaço infinito onde se projeta...

Que poder mágico este da liberdade da pedra, que nos faz ver a vida em tudo.

Que estranha mas agradável sensação de movimento, de liberdade e de libertação que a pedra pode nos transmitir e esta, especialmente, me confere, ao me livrar, ainda que por alguns minutos, da pesada e quase insuportável carga da pena que tem de escrever sobre as mazelas da vida e combater as desigualdades e incongruências humanas.

Obrigado, muito obrigado, MARIA GUILHERMINA, excepcional artista desta pedra, que com suas mãos hábeis e seu espírito pleno de arte, nos permite estes voos libertários, embora o cárcere da matéria.



galeria poética

**AMAR**

Anderson Lima da Silveira

Cadeira nº 02

(De Florbela Espanca)

Eu quero amar, amar perdidamente!
 Amar só por amar: Aqui... além...
 Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
 Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
 Prender ou desprender? É mal? É bem?
 Quem disser que se pode amar alguém
 Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:
 É preciso cantá-la assim florida,
 Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
 Que seja a minha noite uma alvorada,
 Que me saiba perder... pra me encontrar...

**FRAGMENTOS**

Flávio Roldão | Cadeira nº 11

De tudo,
 não sabemos, natural.
 Do nada,
 nos afastamos.
 Na busca do aprimorar,
 cabe escolher.
 Nas tentativas,
 cabe melhorar.
 Nos erros,
 cabe aprender.
 Nos acertos,
 cabe reconhecer.
 Cabe, a quem cabe,
 o fazer.
 O porvir,
 será sempre o porvir.

**NINGUÉM
COMO VOCÊ**

Getúlio Targino Lima

Cadeira nº 13

Ninguém como você foi tão perfeita,
 No artifício do amor incontrolável.
 Nunca o prazer foi algo tão palpável,
 Nem a paz do alcançado tão aceita.

Ninguém como você fez tão estável
 O dom do gozo, mesmo em cama estreita.
 Ninguém a superou nesta receita
 De em tudo se fazer mais agradável.

Por isto, amor, passado não é findo,
 Nem futuro é porvir, embora lindo,
 Mas tudo será hoje, sempre agora.

Você dentro de mim e eu em seus braços,
 Serão inquebrantáveis nossos laços:
 Nenhum dos dois jamais irá embora!

**NOVAMENTE
É NATAL!**

Castro Filho | Cadeira nº 14

Jesus Cristo renasceu! Vem orientar contra o mal, que aqui na terra cresceu. Com Ele está o bom Velhinho, Papai Nobel das crianças. Em seu traje vermelhinho, traz alegria e esperança.	Possa toda a humanidade esta data festejar, cheia de felicidade. E que o nosso Redentor nos conduza, ano vindouro, pelos caminhos do amor.
---	---



ENSINAR

Adilson Zotovici
Colaborador

Um singelo verso merece
Sublime Ordem disciplina
Quando a igual se enaltece
O qual a ensinar se inclina

Do Grande Arquiteto a benesse
Neste mundo, a oficina
Que aprende, não envaidece
E ao seu igual se obstina

Quando a cultura floresce
E ao Livre pedreiro rotina
A conjectura esclarece

Valor do obreiro vaticina
“Não é aquilo que conhece...
Está naquilo que ensina” !



DO ÓBULO

João Batista da Silva Paiva
Colaborador

Tão Feliz quem recebe
Agradecido, um Óbulo...
No valor que concebe
E, a não fazer cálculo
Pois, se foi como medida
Na Vida, faz o efeito
Para que do nada se diga
Vale como um Preto
Aos esforços desmedidos
Que são bem Recompensados
Sem contar os já cumpridos
E na Fiel Fé foram Abençoados



O MAR QUE EU ENTREVEJO

Aidenor Aires | Cadeira nº 03

O mar que eu entrevejo
esplende nos corais.
Um mar de amara aragem
traz do mar além
a maresia e a miragem.
O mar em ciclos reconstrói
a hora da chegada
e da viagem.
O mar revomita seus corpos
inflando a água amarga,
a vaga traz à tona,
ao pé do vento
as lendas dos navios afogados
nos braços dos marujos
naufragados.

O mar que eu entrevejo
vem galopando
nos hipocampos de espuma.
Vem se gerando mar de mistério
e estranheza,
mar de mito e bruma.



TODA A TERNURA

Anderson Lima da Silveira
Cadeira nº 02 /
Mia Couto, in 'Raiz de Orvalho'

Beber Toda a Ternura
Não ter morada
habitar
como um beijo
entre os lábios
fingir-se ausente
e suspirar
(o meu corpo
não se reconhece na espera)
percorrer com um só gesto
o teu corpo
e beber toda a ternura
para refazer
o rosto em que desapareces
o abraço em que desobedeces



artigo

A SOLICITUDE NO DESPERTAR!

Francisco Feitosa | Colaborador

conhecer-se e sentir-se livre para liberar seu lado criativo e impulsos motivadores.

O primeiro caso, é quando você busca um encontro voltando-se para fora, procurando ser feliz por meio da dependência de algo ou de alguém. A verdadeira Solidão é o sentimento de estar sozinho mesmo na companhia de pessoas e até mesmo em meio a multidões. Já, o segundo caso, é quando você busca esse "Encontro", dentro de si mesmo. Para este caso, existe um termo específico, chamado "Solitude".

Segundo o escritor Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965), filósofo da religião e considerado um dos mais importantes teólogos do século XX, em seu livro "The Eternal Now", discorre com propriedade sobre o significado da palavra solitude: "originária do latim, Solitude pode ser descrita como "a glória em estar sozinho". Isso implica em querer estar, e em aproveitar esses momentos únicos consigo mesmo. Solitude é, basicamente, escolher ser sozinho e ser feliz com essa escolha. É algo feito de forma deliberada, consentida e positiva".

Ainda, de autoria de Tillich, temos essa definição: "A linguagem criou a palavra solidão para expressar a dor de estar sozinho. E criou a palavra solitude para expressar a glória de estar sozinho".

De acordo com o Doutor em psicanálise Fernando de Souza, "a Solitude permite o tempo e o espaço, e o silêncio para fazer o útil ou o belo. Também, permite não fazer nada. Permite, também, desenvolver a espiritualidade, encontrar-se enquanto uma pessoa diferente dos demais e se aceitar como se é – independentemente da aprovação do outro".

De acordo com o dicionário Michaelis, a palavra solitude é uma palavra de uso poético. A poética, por sua vez, remete tanto à produção de algo novo como à apreciação e criação da beleza. **É claro que aqui se trata da beleza da Alma!**

O Professor Henrique José de Souza, fundador da Sociedade Brasileira de Eubiose, afirma que: "o Homem que se eleva espiritualmente (Processo do Despertar), a princípio, choca-se com a família; ao se elevar, ainda mais, choca-se com o povo; se mais ainda, choca-se com a nação e, por fim, com o mundo inteiro".

Despertar para a realidade é sair da frequência comum e atingir uma frequência mais alta, mais sutil. A exemplo de um rádio, em que cada estação possui uma frequência específica, ao despertarmos para uma nova realidade, deixamos a sintonia comum das massas e passamos a captar uma sintonia um tanto diferenciada. Com isso,

ascendemos a uma faixa vibratória mais elevada das dos demais que, ainda, não despertaram.

Por estarmos vibrando em uma frequência diferente, passamos a nos sentir um tanto desconfortáveis no convívio de determinados grupos. Em nosso seio familiar, nossas ideias começam a divergir dos demais membros; começamos a não mais encontrar interesse nas conversas de determinadas pessoas, assim como, nossos assuntos de interesse, não mais ressoam nos corações desses e passam, também, a incomodar ou parecer estranhos.

Ao despertarmos para uma nova realidade, começamos a nos despir das velhas roupas, dos velhos hábitos. A nova frequência que passamos a sintonizar, possibilita-nos livrar nossos olhos das vendas da ignorância e somos tomados por uma insaciável sede do saber. Com isso, passamos a ser um tanto ignorados pela maioria dos que nos rodeia, pois, nossos assuntos, vibrando em frequência diferente, já não mais reverberam como antes. Esse desencontro é, apenas, questão de sintonia; de frequências diferentes. Os Despertados, como buscadores da Verdade que são, passam a vibrar em outra faixa frequencial.

Muito embora, estando conscientes de que deveremos seguir ascendendo em busca da Luz, não nos cabe, em nenhum momento, julgar aqueles que optaram em se manter em sua Zona de Conforto, estagnados na mesma frequência, saciando-se, apenas, com os prazeres da

Grande Bibliotecário do Supremo Conselho do Grau 33 do REAA da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

vida terrena, os quais, diga-se de passagem, são por demais tentadores. Vamos combinar!

O Processo do Despertar é individual. O Desperto não pode pensar que as pessoas a seu redor são obrigadas a atender seus reclames e seguir juntos os seus passos. Cada um tem seu próprio tempo. A vida é uma corrida de longo percurso e todos, um dia cruzarão a linha de chegada, mas, cada um no seu tempo, no seu passo, no seu ritmo. O chamado "Retorno à Casa do Pai", somente se dará após a coleta de todas as experiências necessárias, independentemente de acertos ou erros, pois, o mais importante é o Aprendizado. E, para tanto, passaremos pelas mesmas lições até atingirmos, de fato, seu aprendizado, quantas vezes for necessário.

Um outro termo que poderíamos até analisar aqui é a "Solidariedade". Embora, em sua escrita, tenha o prefixo bem parecido com os termos aqui tratados, seu significado é bem outro. Inserir esse termo no contexto, apenas, para reforçar que a real solidariedade para com os que, ainda, não se atentaram para o Processo do Despertar, é saber respeitar o tempo de cada um e, por meio de seus bons atos, servir de exemplo!

O Desperto é o rebelde que se livrou das vendas que lhe cobria os olhos, passando a ver a vida diferente, com outros propósitos, e com isso, já não mais encontra contentamento nas maquiavélicas distrações oferecidas às massas. Por sua vez, opta e tem prazer em estar sozinho.

Prefere o ecoar da sinfonia do silêncio e não se sente na solidão, pois essa, por ele já foi sublimada.

O Desperto já adentrou ao Templo da Solitude, mergulhando dentro de si mesmo, e nele encontrou o conforto, a pureza e o aconchego de um "Sanctus Santorum", sentindo-se pleno! Não mais depende de algo ou de alguém para se completar. Desconhece o vazio existencial e a cegueira da Alma, e entende que não mais deverá flexionar seus joelhos e olhar para o céu, voltando-se para fora, em busca da Divindade, pois está consciente de que **ESTA**, não se encontra em outro lugar, senão dentro de si mesmo.

A Solitude no Despertar só poderá, de fato, ser percebida pelos já Despertados. Por aqueles que ousaram sintonizar seus "rádios em uma nova frequência", suas vidas em uma nova frequência, atingindo a "Glória de Estar Sozinho". Na verdade, Despertar é o Encontrar de si mesmo. É quando se promove o Encontro de Eus (Eu material e o Eu Espiritual), melhor diria, aos que têm ouvidos de ouvir: o Encontro de Eus, ou o Encontro de D'Eus.

A estrada da evolução é de veras longa e a cada passo que ousamos avançar seremos estimulados a descartar mais um velho hábito de nossa pesada mochila da vida, tornando-nos mais leves e sozinhos, embalados pelo som do silêncio de uma solitude inaudível. Olhar para trás não é uma opção. Sigamos em frente, orientados pelos rastros daqueles que nos antecederam e deixando as marcas de nossas humildes sandálias, em solidariedade e como referência, para aqueles que ora despertam e iniciam suas jornadas em busca da Verdadeira Luz.

Bem-vindo à Solitude no Despertar! Por favor, faça Silêncio!

O termo "Solidão", segundo o etimologista Benjamin Veschi, tem sua origem no latim "solitudinem", "solus", associando-se ao termo solidão e a respectiva forma em latim "solitatem". Refere-se à qualidade de estar sem ninguém, ou seja, sozinho. É um dos estados e sentimentos mais comuns que as pessoas passam em suas vidas, caracterizando-se pela ausência de companhia.

A solidão pode ser apreciada a partir de dois pontos de vista: do lado negativo, por sofrer muito, isso acontece com as pessoas que não gostam de ficar sozinhas, assim se tornam tristes, melancólicas e nos casos mais extremos, desenvolvem patologias graves, como a depressão. Já, pelo lado positivo, desfruta e permite esse estado caracterizado pela tranquilidade e ausência de outros, podendo refletir, pensar, meditar,





artigo

O SER, A EXISTÊNCIA E A ÉTICA DA NOVA MODERNIDADE: QUEM É O HOJEM, HOJE?

José Eduardo de Miranda | Cadeira nº 07

Quando Hamlet, pela pena de Shakespeare, em 1602, entoa o emblemático «Ser ou não Ser? Eis a questão...», deflagra, inconscientemente, um transe analítico pela busca da resposta que suplante a incerteza de existir ou não existir.

Impelido pelo desejo de vingança do fantasma do pai, que fora assassinado por seu tio Cláudio, que casara-se com sua mãe Gertrudes, para assumir o Reino da Dinamarca, Hamlet enfrenta o dilema de matar o tio, vingar o pai, preservar um relacionamento que fracture a ética e a moral, ou suicidar-se e ter que enfrentar os sonhos oferecidos pelo sono da morte. “O que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, ou armar-se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim, tentando resistir-lhe? Morrer... Dormir... Mais nada...” (Shakespeare, 2004)

Hamlet, em cada cena de todos os atos da prima obra do eterno escritor inglês, oferece, até aos mais incautos, uma verdadeira incursão pela essência da natureza humana, da moralidade, da ética, e, inexoravelmente, do fluxo do tempo.

De uma ou de outra forma, Hamlet ensina que o pessimismo, a indecisão, o fatalismo, o relativismo, a indiferença, a vingança e a supressão da ética são sinalizadores absolutos da ausência do amor, inexistente no coração do vivo, que não tem vida, ou que vive a vida atrelado aos fantasmas da desesperança, da incredulidade, da inércia, do descaso, da insensibilidade, do materialismo, do egoísmo, e, por que não, da egolatria...

Hamlet e Shakespeare, Shakespeare e Hamlet, de maneira incrível, antecipam fenômenos atitudinais marcantes no contexto da nova modernidade, ou da pós-modernidade, que provocou uma indiscutível transmutação da moralidade e da ética do ser, do existir e do relacionar-se.

Da Dinamarca de Hamlet, e da Inglaterra de Shakespeare, aos dias de hoje, a humanidade atravessou um processo evolutivo, que permeou o alcance de

um arquétipo existencial sob o resguardo dos mínimos preceitos de existência digna, acobertados pelo manto da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

Nesse contexto, não se pode ocultar o paradoxo que demarca a nova modernidade, dentro da qual o homem está inserido, ou mergulhado, literal e absolutamente até o pescoço, celebrando uma existência velada que ofusca a necessidade de conhecer, compreender e não desperdiçar a história, o tempo, a solidez da vida e a perenidade dos vínculos.

Atualmente, no ápice do relacionamento com a evolução tecnológica, e procurando administrar a dualidade facilidade-insegurança provocada pelo espectro da Inteligência Artificial, o homem experiencia a involução atitudinal inerente à sua condição de ser e existir no âmbito de um contexto de coletividade, de sociabilidade borrada.

Distante de qualquer enunciado pessimista, mas fiel a análise dos fatos e atos que constituem a existência humana após o advento da queda do Muro de Berlim, da Perestroika, da Glasnost, da dissolução da União Soviética e do fim da Guerra Fria, da tragédia de Brumadinhos, da Guerra da Ucrânia, do Conflito Israel e Palestina,..., tem-se que a nova modernidade, ou a pós-modernidade, provocou uma radical modificação nos processos ético-morais, banalizando a ética historicamente construída e corrompendo a moral como vetor necessário para abalizar o comportamento humano.

No seio inflamado de uma sociedade disruptiva, em que as adversidades são constantes, e a instabilidade é perene, experimenta-se um estágio de quase morte da ética, que fenece diante da proeminência da estética distorcida pelo belo dissolvido da beleza da arte, mas potencializado pela forma individual através do-que-é-belo-para-mim. Por este caminho, a moral é burilada num plano débil, que priva a própria moralidade da indispensável nuance obrigacional e

sancionadora, ajustando-a de acordo com o que é satisfatório ao ego.

Se outrora, no transcurso da modernidade, o substrato da ética e da moral ganhou contornos decorrentes do modelo de pensamento, do exercício cognitivo e da ação do homem, incansável na busca pela distinção entre o certo e o errado, produzindo uma aproximação lógica entre juízos de uns e de outros, hoje se observa um alargamento preocupante entre padrões individuais sobre a percepção de utilidade, necessidade, verdade, beleza, propriedade e até prioridade.

Houve, claramente, um seccionamento de tempo-espaco-postura que distanciou os homens, uns dos outros, e desnivelou o plano, ou o grau de importância e do entendimento sobre o certo e o errado. Com isso, há um tombamento do código de autenticidade e fortalecimento do selo da inautenticidade do eu-no-mundo, e o ser, que se revela, ou deveria se revelar como o fundamento primeiro do *modus* de existir em consonância com uma vida concreta, e congênera com a realidade humana, deixa-se dominar pela situação, privilegiando unicamente a sua circunstância e desprezando que a existência pressupõe, também, a correlação com a circunstância do outro.

Não se pode negar que certo e errado, dentro de um preceito ético-moral, sempre emanaram de compreensões subjetivas, inerentes à abrangência do mundo por um e por outros. Ocorre, entretanto, que a subjetividade de antes não colocava em xeque o interesse coletivo ou o bem-geral-de-todos. No exercício de observação e definição do certo e do errado, havia, a toda evidência, a promoção sistêmica de uma prática alicerçada sobre a tríade axiológica formada pela empatia, pela solidariedade e pela compaixão, associadas, ou derivadas, da noção plena de liberdade, igualdade e fraternidade.

Enquanto o homem moderno, herdeiro do legado do ser-eu-homem-na-essência-do-humano, dimensionava o grau de

afetação dos seus atos sobre a existência do alheio, e era no mundo da vida um eu-de-verdade, insensível aos conceitos e pré-conceitos externos, o homem que atua no apogeu da nova modernidade sobreleva os estereótipos externos, preocupa-se com a aparência, intensifica a realização dos seus desejos e vive no vértice do mostrar e do consumir para emancipar devaneios relacionais dele com ele próprio.

Impassível ao outro, e ao meio, o homem que transita pela nova modernidade encerra-se na carapuça da individualidade, aderindo aos contingentes éticos heterônomos, de imposição externa, com os quais não estabeleceu um liame reflexivo de causa e efeito, mas que os valida em detrimento da cada vez mais quase extinta responsabilidade autônoma do eu-moral, que traduz a responsabilidade do eu-de-cada-um pelo mundo, e pelos atores da vida, provocando a deterioração sucessiva do eu-moral-autêntico.

Há, com isso, a reconfiguração do ser na existência dentro da nova modernidade...

O homem da nova modernidade é e faz aquilo que lhe importa. Sua relação com o mundo e com o outro é superficial, volátil, vazia, veloz, própria para a formatação de uma ética conectada com a estética rasa, que emerge do olhar intrassubjetivo, decorrente da maneira pela qual o ser transforma a existência, adequando-a à concretude do que ele é, ou acredita ser, para mostrar e fingir algo que seja mais favorável para massagear o seu ego.

Dissimulando a crise que resulta da instabilidade entre o ser e estar, o homem da nova modernidade silencia seus impulsos morais para canalizar o juízo de moralidade para desígnios ambigualmente definidos por uma parcela do todo social, os quais podem até refletir, como refletem, na conformação de propósitos imorais, amorais, colidentes com a ética.

O homem se tornou, assim, uma alegoria dele mesmo; uma imagem opaca do preceito universal do amor incondicional.

Amando, intensa, excessiva e despu-doradamente os rótulos, com os quais se relaciona, o homem hodierno exorciza o amor pelo alheio, mas elabora realizações protocolares que simulam a empatia, a solidariedade e a compaixão, que passam a ser selos cerimoniais do ser quem não é, e existir o que não vive na alma.

O homem, hoje, é uma cópia mal-acabada dele mesmo!



crônica

O SER HUMANO

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

O ser humano é considerado racional, tem inteligência, ele pensa, escreve, pinta quadros com flores e riachos belíssimos, compõe lindas músicas que acalma o ego de quem está sofrendo, é aceito em em sociedades como maçonaria e rosa cruz etc. O ser humano é tido como a obra perfeita de Deus, ele é capaz de fazer quase tudo, reza, ora, alguns acreditam que podem falar com o criador, outros sem escrúpulos e sem nenhuma sabedoria são capazes de vender o poder divino para pessoas que acreditam nas promessas que lhe fazem os falsos profetas, apesar de terem esses atributos de serem racionais.

Alguns seres humanos às vezes são irracionais, são piores que animais ferozes, pois eles tem ódio, vaidades, são corruptos e corruptores, são ávidos por valores que não lhes pertence, os mais letrados e empossados como autoridades têm o discernimento de fazer seus comandados a portarem um instrumento letal para manter a tranquilidade de um povo, fazem guerras destruído o que foi construído e ceifando a vida de inocentes como estão fazendo na Ucrânia, em Israel, e na faixa de Gaza, tudo isso para obter e mostrar o quanto são poderosos, o ser humano é capaz de mudar de humor constantemente, odeiam logo após dizer que amam, matam

logo após de dizer que a vida é importante, fecham o semblante logo após de sorrirem.

Ao iniciarmos nos mistérios maçônicos recebemos o avental de aprendiz, não importa a potência ou o rito o neófito passa a ser um maçom, na primeira instrução aprendemos os sinais, toques para sermos reconhecidos como maçom quando formos visitar outras lojas, quase sempre elas fazem o telhamento, é de praxe perguntarem a palavra semestral para o maçom poder participar da sessão do grau I.

O aprendiz fica ansioso para que passe rápido seu tempo para ser elevado a companheiro e logo em seguida ser um mestre maçom. É fácil dizer eu sou maçom, é fácil vestir um terno preto, fazer uma assinatura diferente e impressionar quem está olhando, ir às festas pomposas e ostentar os bens adquiridos no mundo profano. É bonito e bom quando o mestre de cerimônias reveste o irmão com o colar que tem uma jóia pendente e pede para o irmão trabalhar. Mais lindo ainda

é exercer um cargo na administração da loja, cargos que foram escolhidos e votados, cargos como orador, secretário, primeiro vigilante, segundo vigilante, chanceler, tesoureiro, e outros cargos existentes dentro de cada loja. É fácil dizer meu poderoso irmão, sendo que na verdade estou com ódio, raiva porque não me indicaram para um cargo de relevância, esqueço que sou um maçom e me porto como um ser humano profano que não conhece a luz, que vive de traições, mentiras, corrupções em busca de poder

Seria ótimo que os seres humanos se portassem como tal ao invés de guerra fizessem a paz, ao invés do ódio pregassem o amor, como pode o ser humano acusar sem ter certeza, julgar o que não viu só porque estava escrito, alguém defender e inocular quem está errado e condenar quem estava certo, o ser humano está deixado muito a desejar, não todos, sendo que ainda tem muitos que acreditam no Grande Arquiteto do Universo.



sensibilização

O SIMBOLISMO DO REI SALOMÃO PARA A MAÇONARIA

Michael Winetcki | Colaborador

Nos ritos maçônicos de origem francesa, como o REAA, costuma-se chamar a cadeira do Venerável Mestre de “Trono de Salomão”. Essa denominação tem caráter simbólico e significa que o VM, deve exercer, na condução da Loja, sabedoria, bondade, justiça e boa administração, assim como fez aquele Rei de Israel.

É oportuno saber, especialmente nos altos graus, como viveu o Salomão, quais foram as suas ações, seu pensamento e a simbologia de seus atos. Salomão, em hebraico “Schlomo”, em árabe “Suleiman” deriva da raiz Shalom, que significa PAZ, no caso “pacífico” ou também “pacificador”. Sua história se encontra nos capítulos 1 a 11 do primeiro Livro de Reis e no segundo livro de Crônicas (capítulos 1 a 9).

Governou Israel de 960 a 922 AC. Diplomata sensato e habilidoso não só manteve o reino herdado do seu pai, o Rei Davi, como o levou a a máxima extensão, governando de Damasco (hoje na Síria) a Petra (atualmente na Jordânia). Muitas de suas alianças econômicas e militares foram proporcionadas por seus casamentos. Consta que teve 700 esposas e umas 300 concubinas, o que é uma espécie de recorde mundial de matrimônios.

Dotado de grande sabedoria e habilidade nos negócios construiu uma grande frota, criou e explorou rotas comerciais com o

Egito, Arábia, Mesopotâmia, entre o Mar Vermelho e Ofir, a atual Somália, comercializando ouro, prata, madeiras nobres, joias, marfim e alimentos. Construiu fundições de cobre, minas de prata no Sinai, as famosas Minas do Rei Salomão, desenvolveu a criação de animais e a construção civil, as artes e ciências como a literatura, história, filosofia e música, e na sua época se inicia a redação do Pentateuco, a Torah.

Construiu instalações militares e comerciais, palácios, tribunais, e sua obra máxima, o Templo de Jerusalém que levou sete anos para ser construído e foi inaugurado no 11o ano de seu reinado.

Importante para o simbolismo maçônico é o pedido que fez ao Senhor para lhe dar sabedoria. A prece foi feita em GABAON, cidade conquistada por Josué ao norte de Jerusalém, Como o hebraico não tem vogais, as letras que denominam a cidade também podem ser lidas GIBEON, GIBRAN OU GIVON. O Livro Santo nos conta em I Reis, 3:4 “Foi o Rei a Gabaon para lá sacrificar, pois era o altar principal e mil holocaustos sacrificou Salomão naquele altar” quando solicitou sabedoria.

A tradição da Igreja Ortodoxa Copta da Etiópia conta que Salomão teve um filho com a Rainha de Sabá, chamado Menelik I, que viria a ser o futuro Rei da Etiópia e cuja descendência ainda

permanece atualmente. A história conta que foi Menelik que tirou a Arca da Aliança do Templo de Israel e a levou para seu reino, onde está até hoje numa gruta, na Igreja de Santa Maria do Sion, na cidade de Akum, norte da Etiópia.

A construção do Templo foi provida com trabalho escravo ou forçado e praticamente esvaziou o tesouro para pagar as despesas oriundas de importações de materiais e construtores especialmente de Tiro, atual Líbano. O aumento dos impostos gerou grande descontentamento popular. Nesta época criou 12 distritos administrativos que não coincidiam com a fronteiras históricas das tribos, e além disso obrigou cada distrito a pagar por um mês as despesas da corte e isso criou graves crises e seu reinado.

Nos últimos anos de vida sua moral também decaiu. Por influência das esposas passou a adorar deuses pagãos, teve comportamentos e atitudes que desagradaram a ortodoxia do judaísmo e ao morrer seus herdeiros dividiram e enfraqueceram o Reino e sua dinastia por fim acabou.

Salomão escreveu três dos livros bíblicos e alguns salmos: O Livro dos Provérbios, o Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos. O Livro dos Provérbios é sobre a sabedoria da vida. Eclesiastes (aquele que congrega) é um livro de autorreflexão sobre a filosofia humana e Cântico dos Cânticos é um livro de amores eróticos, carnis, sublimado em linda poesia. São lhe atribuídos também outros livros apócrifos, como a Chave de Salomão, o Testamento de Salomão e ainda outros, todos falsos.

No Livro Eclesiastes encontramos o pensamento de Salomão, que passeia por sua mente sem plano definido, que se repete e se corrige, mas é repleto de filosofia e sabedoria.

Todos conhecemos os seus ensinamentos: *Vaidade das vaidades... Que proveito tira o homem com o trabalho com que se afadiga debaixo do sol. Uma geração vai, uma geração vem e a terra sempre permanece... e prossegue lamentando até o final – O que foi, o que se fez, se tornará a fazer, nada há de novo debaixo do sol!*

Para Salomão, que a história conta ter sido o mais rico e mais sábio entre os homens, tudo é decepcionante, a riqueza, o poder, o amor, até mesmo a vida. Ele escreve: *a finalidade da vida é a velhice e a morte. Diz ainda: A morte atinge a todos, sábios e néscios, ricos e pobres. Salomão se alegra com as modestas alegrias da existência. É atormentado pelo mistério do Além. Afirma que Deus não deve prestar contas. Enfim, lista um longo código de ética baseado nas leis naturais.*

A vida de Salomão é um exemplo de erros, acertos e contradições. Para os maçons fica o exemplo da fase brilhante do Rei: sabedoria, justiça, paz, boas relações, enfim, AS VIRTUDES. Mas sua vida nos alerta também para o declínio e decadência moral, a inépcia e ignorância, OS VÍCIOS.

É a maçonaria que estabelece os marcos do caminho reto que devemos seguir, do esforço e dedicação necessários, simbolicamente o desbastar da pedra bruta, para que ao final do trajeto possamos finalmente vislumbrar a luz.

Como ensinam nossos rituais: *Irradiar por toda parte a luz que recebestes, procuraí na sociedade as inteligências livres, os corações bem formados, os espíritos elevados, que fugindo dos preconceitos e da vida fácil buscam uma vida nova, e podem se tornar elementos poderosos para a difusão dos princípios maçônicos, – assim como são os ensinamentos do Rei Salomão.*



artigo

ESCRITOS MAÇÔNICOS

Luiz Gonzaga | Colaborador

A noite é sempre mais escura onde não haja claridade (iluminação), configurando-se esta como o marco almejado para afastar a escuridão que cercam as coisas à nossa volta nas noites escuras, e a nos permitir enxergar com acuidade perceptiva, os espaços físicos; o que fazemos e os passos por onde caminhamos. Na escuridão podemos ouvir voz daqueles que nos falam e nos guiam, mas não podemos visualizar quem nos falam ou guiam. E há nisto uma meia-verdade: Também na escuridão (ignorância) se pode viver, conhecer, aprender, e ser sábio por intermédio dos sentidos, à exceção da visão.

As trevas, ou a escuridão, são o nada e o tudo para as pessoas cegas. De igual forma, para os que não são cegos, a luz ou claridade, também pode ser o tudo e o nada, se afigurando a luminosidade como a longa noite escura ou as trevas da ignorância, a nova forma de escuridão e de cegueira, ou seja, a longa noite escura da ignorância ou da cegueira intelectual. A cegueira intelectual, dentro todos os tipos de cegueira, é a mais danosa ao ser humano.

Reciprocamente, uma e outra pode nos absolver ou condenar em julgamento no Tribunal da Curiosidade, vez que a curiosidade humana sempre se caracterizou como algo benéfico, se compreendido

como o desejo intenso de ver, ouvir, conhecer, experimentar, e degustar algo novo, original e desconhecido. A curiosidade é parte integrante da natureza humana e engendra a exploração da verdade, a investigação, a pesquisa e o aprendizado, melhorando a cognição do individual e da coletividade.

Embora o chamamento à literatura maçônica seja um dos focos desse artigo, interessa-nos dizer, primordialmente, que a curiosidade pela literatura maçônica é um dos portais de acesso à maturação intelectual e está para o maçom assim como as bibliotecas estão para os livros, preenchendo em um e no outro caso, a busca pelos ensinamentos, saber e erudição; fomentando a cultura de maçonaria e o enlevo do maçom entre os maçons. Na vasta literatura maçônica estão depositados informações e mais informações sobre a Ordem Maçônica, sua história, filosofia, filosofia dos graus, simbolismo, esoterismo, misticismo, doutrina, ritualística e sobre os Maçons.

Compreensivelmente, o maçom que só tiver acesso à literatura dos próprios rituais de trabalhos, acessa somente parte dos saberes maçônicos, assim como os maçons que acessarem a literatura maçônica, sem o acesso aos rituais, acessam, igualmente, partes dos saberes. Um e outro colhem, por assim dizer, frutos verdes

que estarão a carecer de tempo para amadurecimentos. A vasta literatura maçônica representa uma parte, uma metade dos ensinamentos da maçonaria, enquanto os rituais preenchem a outra metade. Não é o suficiente conhecer uma ou outra metade isoladamente. Ao Maçom, para bem perceber as dimensões dos saberes maçônicos, é necessário adquirir conhecimentos das duas metades.

A iniciação maçônica é a porta principal que permite o acesso às duas metades (e a outras tantas partes dessas metades) dos saberes maçônicos. Então, solicitar aos que chegarem às portas da iniciação para que se afastem se estiverem movidos pela curiosidade, nos parece nonsense, e contradiz, inclusive, o enunciado de que a maçonaria busca revelar os seus segredos somente aos Iniciados nos seus mistérios, e sendo ela uma “Escola de Saberes”, uma Instituição Iniciática e Filosófica, tem por objetivo incutir e desenvolver valores como humanidade, aclassismo, e os princípios de liberdade, igualdade, fraternidade e o aperfeiçoamento intelectual.

De modo que nos parece não soar razoável sugerir ou pedir aos que se apresentam à Iniciação movidos pela curiosidade, o seu afastamento do processo iniciático. E faz muito pouco sentido sugerir ou pedir ao candidato para que desista da iniciação que está apenas se iniciando, se afigurando a frase “se a curiosidade aqui te conduz, afasta-te”, em verdadeiras “letras mortas”, pois nunca se soube de alguém que recusou a prosseguir na Iniciação por se encontrar movido apenas pela curiosidade no ato de ingressar na Maçonaria. A frase sobre a curiosidade parece não desestimular a quem quer que

seja, ou melhor, cremos, parece incentivar o candidato a persistir no desejo de conhecer, ingressar e ordenar-se Maçom.

Acreditamos que se os candidatos não forem curiosos e não estiverem movidos pela curiosidade, certamente, não insistirão em querer pertencer a Maçonaria. Os Iniciados, também acreditamos, poderão deixar a Maçonaria ao largo, quando esta deixar de atender aos seus anseios por conhecer, aprender, instruir-se e crescer nos temas que são caros aos maçons: liberdade, igualdade, fraternidade. Mas, igualmente, quanto à filosofia, o direito e à cultura. Ressaltamos, por oportuno, que se discute hoje, e se discute muito, sobre as razões ou justificativas para as altas taxas de absentismo e evasões, e lista-se entre algumas das possíveis causas, a desilusão com os ensinamentos perpassados e a deficiente formação intelectual reservada aos iniciantes.

Acesso aos Portais Maçônicos

Na sombra das ideias, esse título nos parece por demais convidativo às especulações dos Maçons. Como se sabe, na Maçonaria, como na História, existem correntes e escolas do pensamento maçônico. E estas se dividem em Escola Autêntica ou Documental, Antropológica, Mística, Ocultista e Contemporânea (Simbólica ou Convencional). E as variantes, em Tradicional, Agnóstica e Mística. Não vamos adentrar em detalhes sobre nenhuma delas, vez que a nossa intenção é discorrer muito rapidamente sobre parcelas da tradição esotérica, gnóstica e mística que lastreiam os portais dos ensinamentos maçônicos, e dizer que cada Maçom pode ser influenciado em suas crenças e convicções ao explorar, mesmo superficialmente, cada uma delas.



conto

CONTO DE FADA

Antônio Victor | Colaborador

Beija-me com os beijos da tua boca; porque melhor é o teu amor que o vinho. Cantares de Salomão 1:2

Era chuva. Plúvia chuva. E eu andava feito o Sol. Ardia em gotas flamejantes e morava atravessando o arco-íris da paixão. Ah, senhora, os vossos olhos, duas clareiras abertas na mata dos meus desejos. E vossos

beijos, senhora? Oásis de pouso e brisa no areal da minha vida.

E às vezes eu sofria pela distância, a ausência, mas vossa boca, senhora, era a minha redenção. Doce é o tempo de amar. Amarga, a colheita da saudade. Vossas mãos me recebiam com a ternura dos anjos, e os meus pés vos procuravam com a fé dos peregrinos.

Os vossos olhos, senhora! Não esqueço os vossos olhos: Fotografavam-me inteiro e vosso corpo era o templo que acolhia minh'alma. Minha alma combatida de caminhos e andanças ganhava fôlego e vida debaixo de vossa língua. Mel de abelha e de sonho, sabor de valsa, hortelã. Amanhã foi outro dia, eu era o hoje feliz. Corpo molhado de chuva, depois da ceia do amor, canção na boca da noite, cantiga em vosso louvar.

Ah, senhora, os vossos braços, polvos perdidos no mar das minhas alucinações! E o Sol em vossos cabelos eram meus olhos brilhando, luzindo nas vossas ondas, encrespando os vossos cachos, cachoeiras de afogar.

E tudo era perigoso, porque viver era assim:

É um tempo de não-sei-quando, mas quando menos se espera, desespera e faz-se o amor.

As árvores da vossa rua eram sempre primavera, e os faróis dos vossos olhos me cegavam de paixão. Ainda tenho febre. Ainda deliro e preparo altares para adorar vossa imagem.

Era chuva, pluviava, e eu andava feito o Sol.

E ainda vos desejo: como se fora o dia da minha primeira lágrima, do primeiro toque e das minhas primeiras alucinações!



artigo

A LIBERDADE E BEM-ESTAR SOCIAL A PARTIR DOS FUNDAMENTOS DA ORDEM MAÇÔNICA

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

A consciência humana sempre foi moldada para levar ao homem a reflexão sobre a construção de leis, normas ou princípios que busquem a justiça e a igualdade, capaz de impor a harmonia entre o poder econômico e o poder político. E assim foi construído ao longo dos tempos o entendimento sobre as verdadeiras formas de condução e consolidação do bem-estar social.

A maçonaria tem sido objeto de questionamento com o objetivo específico de entender a necessidade de se buscar variados contextos de conhecimentos, cujas abordagens vão dos aspectos de socialização filosófica e educacional até questões que envolvem práticas políticas, a partir das quais derivam o processo de distribuição do poder que se direciona ou se manifesta na sociedade.

Estudos desenvolvidos pela maçonaria, em especial os que se obrigam de investigações precedidas da necessidade de fundamentos e preceitos com origem na sua historicidade, mostram por meio de ensinamentos que ignorar informações seria considerá-la monolítica e alheia aos aspectos históricos que a classifica como instituição milenar. Neste sentido evidencia-se que as ideias, de liberdade e bem-estar social, aqui propostas devam ser apresentadas mediante pressuposições teóricas que fundamentam a ordem maçônica.

Quando se considera a maçonaria como uma instituição milenar e universal, com origem em doutrinas realizadas e imutáveis ao longo dos tempos, assumidas pelos seus membros registra-se com clareza a dificuldade de demarcar o campo conceitual maçônico, apesar dos escritos na "Constituição de Anderson", que mostram preceitos fundamentais da Ordem Maçônica.

A partir desses fundamentos tornam-se evidentes as fases do "progresso, da razão, da liberdade, da igualdade, da moral e da fraternidade" e nesse sentido, buscar a fraternidade, como dever do homem para com seus semelhantes. A fraternidade na visão de um por todos e todos por um; a igualdade que decorre da fraternidade; e a liberdade cuja origem vem do conjunto das duas.

O oposto da fraternidade constitui a norma do egoísmo e o orgulho, maior inimigo da igualdade, por buscar a dominação e viver de privilégios, e assim destruir a igualdade social. De forma sistemática, as metáforas biológicas envoltas nos grandes temas políticos, econômicos e sociais, confundem características psicológicas com anatômicas e a sociedade avança no frenetismo das massas, e vislumbra-se o embaralhar do significado da ética, da democracia e do bem-estar social. Esta realidade é claramente retratada nos dias atuais pelos meios de comunicação.

A observação cíclica dos acontecimentos sociais, leva à necessidade de reflexão e questionamentos no meio maçônico, pois no uso da retórica democrática como lençol de fundo, se conduz a sociedade humana com o mínimo de democracia até às políticas reacionárias e extravagantes, ofuscadas em batalhas doutrinárias, com pequenos espaços para os que cultuam a ética e a justiça social, na busca do lema maior da "Ordem": igualdade, fraternidade e liberdade.

Esta página de reflexão permite mostrar com evidência que os ensinamentos maçônicos, permitiram e permitem que para se despir do orgulho e da superioridade o ser humano deve entender que todos são iguais; que a igualdade é um fato, e não uma teoria filosófica, mas

essência da alma humana. Isto é, na verdade a justiça e a honestidade devem ser asseguradas por uma autoridade capaz de se impor, em tempo comum, aos dois outros poderes, "o econômico e o político".

É entendimento ser causa do sofrimento no mundo, o egoísmo humano; a questão da busca à felicidade; e a necessidade do combate aos impulsos hostis. Para isto a Ordem maçônica não é meramente uma sociedade secreta ou Escola de Mistérios, por ser ela, responsável pela influência de ordem moral, pelo exemplo efetivo dos seus membros e por meio da aplicação dos seus princípios fundamentais.

A fraternidade no meio maçônico é notória entre irmãos da ordem, embora quando se depara com os casos de vários necessitados verifica-se que em igual situação a caridade é vista como item prioritário. No meio maçônico o auxílio prestado aos irmãos se resume em casos específicos a contexto material, além do socorro às viúvas. A fraternidade ainda pode ser atendida como uma propositura de convívio entre os irmãos, pautada na cordialidade, no respeito comum e na conduta de boa convivência e harmonia. Em se havendo desconfortos entre maçons, estes devem ser submetidos a júri maçônico e nunca levados à justiça profana, preceito observado por vezes.

Nessa caminhada, ao se passar pelas linhas moldadas pela história será possível ver trechos fleumáticos em que a liberdade esteve em jogo nos polos derivados do instinto de conservação: o interesse e o orgulho. Nessa caminhada os homens num determinado momento, cansados do subjugo dos derivados procuram o sentido mais nato da vida, a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Os Irmãos maçons são "guardiões dos Sagrados Ensinamentos" e por essa razão responsáveis pela busca e condução da forma ética de alcançar esses preceitos e continuar fazendo da maçonaria um espaço de encontro onde seria possível vislumbrar anuladas as diferenças de classe, de religião ou de nacionalidade, fazendo-se buscar o mérito individual como diferenciação, paradigma que nasceu na "Constituição de Anderson". E assim definir como legítimos na "Sublime Ordem" os preceitos de liberdade e bem-estar social.



tempo de estudo

ESPELHO DA VERDADE

Cláudio José da Silva | Colaborador

É evidente que a história é o espelho da verdade, fonte de sabedoria e estudo da filosofia pelos exemplos, registrando o desenvolvimento da humanidade no tempo e no espaço. Originariamente narrativa, logo depois transformou-se em ciência, notadamente a partir do século XVIII, quando ela foi considerada Escola de Moral.

A Maçonaria tem uma história tradicional, lendária, demonstrando que esta milenar Ordem existia "antes mesmo que a história fosse tratada com

exatidão e o espírito crítico necessário". Na época operativa medieval essa história lendária era apenas simples e desprezioso aglomerado de fatos, contos, escritos e outros trabalhos de alguns monges mais instruídos que os passavam para os operários, reis e nobres. Ao ser criada a Maçonaria Especulativa, os documentos antigos foram examinados adequadamente, corrigidos e redigidos segundo um novo e aperfeiçoado método. E, a partir do século XIX, o método científico

passou a ser usado no âmbito da história maçônica, principalmente na Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica e em alguns países das Américas.

Ressaltamos as obras do Ir.: James Anderson, que em 1721 foi incumbido pelo Duque de Montague, então Grão-Mestre, para elaborar a História e os Regulamentos da "Antiga Confraria". E baseado nas narrações das "Old Charges" e na própria Bíblia, elaborou importante trabalho que até hoje é luz no seio da Divina Instituição. Outros historiadores também nos legaram valiosos documentos, como: Mackey, Pike, Lantoin, Bernardin, Ragon, Cock e Corneloup.

Com o passar dos tempos, os fatos maçônicos foram sendo registrados de épocas em épocas, por historiadores que foram surgindo gradativamente.

Paralelamente, apareceu a literatura antimaçônica que, de algum modo serviu até mesmo como incentivo, no sentido de que as pesquisas fossem feitas com mais critério e retratando a verdadeira história da Maçonaria.

É válido ressaltar também que a era maçônica, na maior parte dos Ritos, tem início no princípio do mundo, de acordo com a cronologia hebraica, da qual a própria Maçonaria se vale e passou a adotar no seu calendário histórico.

O célebre Ir.: Jacques De Molay estabeleceu a história da nossa Ordem em três grandes períodos: a Maçonaria Antiga, que data de antes de Cristo e vai até mais ou menos o ano 1000 d.C.; a Operativa, do ano 1000 até 1717 d.C.; e a Maçonaria Especulativa, de 24 de junho de 1717 d.C. com a instalação da Grande Loja da Inglaterra, até os dias atuais.



tempo de estudo

CADEIA DE UNIÃO

Paranyhya Santana | Cadeira nº 25

Ser maçom, antes de tudo, é ter vocação para servir ao próximo. É adentrar em um mundo que respeita o GADU, como sendo o artífice, o sumo pontífice de toda vida humana. Maçonaria é fraternidade, laços humanitários e princípios filosóficos a apontar o crescimento interno de cada obreiro, para que o mesmo possa levar conforto espiritual aos seres humanos.

É sabido que a Maçonaria é uma instituição voltada para o crescimento humano. O simbolismo maçônico é algo expressivo na vida, não só dos maçons, mas sobretudo no proceder de cada maçom como integrante a mais no complexo mundo em sociedade.

Tudo é simbolismo na vida maçônica. Como exemplo de riqueza dos símbolos e sua significação é algo que transpassa, em muito, qualquer explicação. Não há que esquecer o tríduo maçônico, herdado da Revolução Francesa – Liberté, Igualité et Faternité – que se espalhou pelos quatro cantos do mundo, chegando, materialmente, entre nós, por intermédio da bandeira do Estado de Minas Gerais, na qual está grafado “liberta quæe sera tamem”, ou seja, “liberdade antes que tardia”. O movimento insurreto mineiro, chamado de Inconfidência Mineira, foi capitaneado por inúmeros maçons, dentre eles José Alvares Maciel, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Joaquim Antônio da Silva Xavier, o Tiradentes, Domingos Vidal Barbosa, José Joaquim da Maia, Francisco de Paula Freire de Andrade e Inácio José de Alvarenga Peixoto. A semente lançada em Minas

Gerais, sob liderança Maçônica, foi um dos alicerces da Independência do Brasil que ocorreria em 07 de setembro de 1822.

Dentre todo o simbolismo no cotidiano da vida maçônica, temos um que pode ser considerado como dos mais importantes, dado suas características: A CADEIA DE UNIÃO!

Normalmente, nos ritos praticados no Brasil, a CADEIA DE UNIÃO dá-se para a recepção da Palavra Semestral, no dimensionamento da fraternidade maçônica, fazendo mostrar que os irmãos são fraternos na espiritualização da unidade. Constitui-se no coroamento de uma proveitosa sessão em Loja. A exceção é o Rito de Schroeder, onde a Cadeira é obrigatória após o término de todos os trabalhos.

No R.E.A.A., para a transmissão da Palavra Semestral, somente os membros do quadro da Loja é que poderão fazer parte da CADEIA DE UNIÃO, que constituir-se-á de um círculo, estendendo-se do oriente para o ocidente e que se forma, dando-se as mãos, com braços cruzados, direito sobre o esquerdo. Seus pés em esquadria, tocam pelas pontas os dos Irmãos aos lados, enquanto os calcanhares se mantêm unidos. No R.E.A.A., o VigilanteM. ocupa o lado mais oriental da CADEIA e terá à sua direita o Irmão Orador e à esquerda, o Irmão Secretário. O Irmão Mestre de Cerimônia ocupará o lado mais ocidental, bem de frete para o VigilanteM., tendo à sua esquerda o Irmão 1º Vigilante e à direita o Irmão 2º Vigilante.

Para a transmissão da Palavra Semestral, o VigilanteM. diz, em voz baixa, na orelha esquerda do Irmão que

está à sua direita e na direita do que se encontra à sua esquerda. Em seguida a Palavra circulará pelos dois lados, sendo recebida pelo Irmão M. C., em ambas as orelhas, ocasião em que esse Oficial levará, ao VigilanteM., as palavras recebidas, dizendo, na orelha direita a palavra recebida no lado direito e na esquerda, a palavra correspondente a esse lado. Se a palavra estiver errada, todo o processo será repetido.

Estando correta, o VigilanteM. simplesmente dirá; “Meus Irs. a Palavra está correta, guardemo-la como condição de regularidade e penhor de nossa fraternidade. Desfaçamos da Cadeira e retiremo-nos em paz”. Após isso, os Irs. farão uma saudação de regozijo, abaixando e levantando os braços, sem desfazer a CADEIA, por três vezes, dizendo “Saúde, Força e União”.

Finalizada, a CADEIA DE UNIÃO simbolizará a igualdade mais preciosa e a fraternidade mais pura que se estende do Or. ao Oc. e do N. ao S. do templo, da mesma forma como o princípio da civilização se estendeu por todo o mundo. Ela recorda a todos que são verdadeiros Irs..

A CADEIA DE UNIÃO lembra que a Instituição Maçônica abraça todo o mundo conhecido, unindo com ramos de flores, raças, povos, nações e continentes. Bem distante das preocupações da vida material, abre-se para o maçom o vasto domínio do pensamento e da ação. Devemos, antes de nos separarmos, elevarmos em conjunto para o nosso ideal, que ele inspire a nossa conduta no mundo profano, que guie a nossa vida, que seja a luz de nosso caminho.

Maçonicamente, devemos considerar a CADEIA DE UNIÃO como sendo uma corrente de anéis que unem as partes teóricas e as práticas. O símbolo formado por múltiplos anéis interligados entre si, sem princípio nem fim, evidencia a união perfeita, igual e imutável, daqueles que aceitam se unir por laços fraternos, em

uma demonstração e confirmação de bons propósitos.

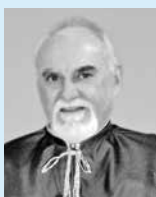
A CADEIA DE UNIÃO, formada no interior de um Templo Maçônico, não simboliza a união fraterna. Ela demonstra ser a própria fraternidade.

A CADEIA DE UNIÃO é formada por tantos “elos” quanto o número de maçons presentes. Os “elos” nunca são os mesmos, porém por terem os maçons amor fraterno e universal, estão acorrentados aos seus Irmãos de Loja, na solidadriedade do bem comum e do crescimento espiritual, podendo ser descrita como uma prisão mística e sendo o mais belo símbolo dentro de uma Loja, isto é a CADEIA em DIREÇÃO à UNIÃO, por isso o Salmo 133 “Oh! Quão bom e agradável viverem unidos os Irmãos”, que nos revela que a união entre os Irs. os faz uma só pessoa, não podendo ser mais bem demonstrada do que pelo símbolo da CADEIA DE UNIÃO.

O objetivo primário da Maçonaria é unir os Irs.. De tal forma que devam parecer um só corpo, uma só vontade, um só espírito. Demonstração disso é a abertura do L. da L., que é um ato de cerimônia que conduz o pensamento dos obreiros à Divindade.

Cada participante da CADEIA DE UNIÃO no início é um “elo”, mas logo passa a ser “corrente” plena, e dentro de cada um de seus participantes, no seu centro, se encontrará nos centros dos demais, e sem perceber, formará um centro único, o centro da vida eterna. A Maçonaria não é o “abrir e fechar” de um Ritual, mas vivenciá-lo.

Por fim, que a sabedoria de Salomão nos inspire, que a força de Hiram, Rei de Tiro, nos mantenha firmes, unidos e que a beleza do Mestre Hiram Abif, adorne os nossos pensamentos, as nossas palavras, gestos e atitudes, para que possamos passar essa imagem da Maçonaria, na vivência de todos os instantes do cotidiano de cada um de nós.



reflexão

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: APROXIMAÇÃO PRIMEIRA

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

Sou professor de Metodologia do Trabalho Científico aposentado, mas ativo nos ofícios de pesquisa acadêmica, agora de forma autônoma, independente. Na Universidade de Rio Verde, lecionei para estudantes das mais diferentes Faculdades e níveis, o que me possibilitou transitar por diferentes áreas do conhecimento, de forma transdisciplinar e complexa.

A minha vida acadêmica foi privilegiada, pois pude estudar com excelentes professores (aliás, desde o ensino fundamental) e em excelentes Universidades, desde a graduação em Letras, diversas Especializações (em diferentes áreas); Mestrado em Educação Brasileira, Doutorado em Educação, até o Pós-doutorado.

Tenho a alegria de encontrar alguns dos meus milhares de alunos nos mais diferentes locais de trabalho, lazer e outros. Aprendi muito com eles e pude fazer muitos amigos. Eu tentava tornar as aulas mais leves, a partir dos interesses,

motivos e necessidades deles, com brincadeiras (às vezes picantes) e muito bom humor. Para tanto, a minha ferramenta era a Didática Histórico-Cultural, ao abordar as teorias do conhecimento científico ou Epistemologia (um nome bonito para colocar na filha dos outros...), filosofia e história das ciências, elaboração e administração de projetos científicos, redação de artigos, monografias, dissertação e teses (com as “terríveis” normas).

Os problemas para a pesquisa, a partir da sala de aula, sempre nasciam do cotidiano dos meus estudantes, o que gerava debates acalorados (especialmente no Direito) e muitas vezes engraçados, mas sempre enriquecedores. As questões eram abordadas de forma complexa, pelo professor, que mostrava os caminhos transversais da sociologia, da psicologia, da filosofia, da economia etc., sempre com o tempero das éticas.

Recentemente, um dos meus ex-alunos da Faculdade de Educação Física, agora meu Personal Trainer na academia

do Clube Campestre, levantou diversas questões sobre a Inteligência Artificial (IA), em nossos treinos que são permeados pelos mais interessantes diálogos (Socráticos?). Ele me apresentou os sistemas de IA Chat GPT, da OpenAI; o Siri (Apple); o Google Assistant; o Alexa, da Amazon; o Cortana, da Microsoft e outros. Eles possuem finalidades diferentes, mas recebem comandos dos usuários, respondem a perguntas ou executam tarefas eletrônicas as mais diversas, através da linguagem falada ou escrita, bem parecida com a coloquial.

Desde então, comecei a fazer-lhe inúmeras perguntas que geraram diálogos interessantíssimos: o que é inteligência? Qual a diferença entre artificial e natural? O que é realidade? O que significa virtual? O que é imaginação? A Inteligência Artificial pode ser usada em pesquisas científicas? E nas artes ou na educação? Como é a sua aplicação nas relações interpessoais, sociais, afetivas? Quais as implicações psicológicas, sociais e até neurológicas, éticas ou morais do uso da IA? Um excelente exercício, que deixo para os nossos leitores, foi o de comparar as respostas a essas perguntas, fornecidas pelos sistemas de IA mencionados acima.

Em uma de nossas aulas, contei ao meu Personal Trainer e Coach de qualidade de vida que havia conhecido uma pessoa que se tornou amiga de um robô, em seu computador pessoal. Eles aprofundaram

o relacionamento e começaram a namorar. Já estavam, inclusive, praticando sexo virtual (é seguro?). O depoimento dela é incrível: com a ajuda de um psicanalista para entender o relacionamento, já pode se conhecer melhor e resolver seus problemas pessoais na realidade não virtual, se é que podemos nomear assim. Após as gargalhadas descontraídas, a nossa imaginação criou situações muito interessantes para o futuro do namoro: o noivado, o casamento, os filhos, a educação dos filhos etc.

Ele me falou de um amigo que estava no Mestrado e desenvolvia toda a sua pesquisa e textos científicos com o uso da Inteligência Artificial. Surgiram, então, as perguntas inevitáveis: o que seria considerado plágio? Como se dava a aprendizagem e a apropriação do conhecimento pelo acadêmico? Haveria mudanças qualitativas na estrutura psicológica do estudante, sob o ponto de vista dos processos de desenvolvimento humano? Haveria, de fato, um processo de ensino e aprendizagem, com o professor orientador? Quais os desafios para os educadores, a partir da popularização da IA?

Nos próximos artigos dialogaremos com os nossos leitores sobre essas e outras questões. Poderá ser de forma virtual, “on line” e até mesmo pessoalmente. Este jornal, O Confrade, poderá ser lido fisicamente, no papel ou no site da AGML. Poderá ser uma áudio-leitura, também, com os mais novos recursos do Google, da Microsoft ou outros.



opinião

A MAÇONARIA E OS MAÇONS CATÓLICOS PERANTE O CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO – II

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

A excomunhão maior, aqui mencionada apenas com o propósito meramente comparativo em relação à excomunhão menor, é aplicada contra os cristãos que incorrerem em heresia, em determinados pecados de escândalo etc. Nesse caso (de excomunhão maior) há necessidade de formalização processual e decisão proferida pela autoridade eclesiástica competente (o papa) e a excomunhão se consuma não no momento da ocorrência do fato, mas no da decisão eclesiástica.

Finalmente, diante do que disciplina o Código de Direito Canônico, bem como das declarações da Congregação para Doutrina da Fé e do acima exposto,

pode-se afirmar que, se a maçonaria fosse associação que maquina contra a Igreja (o que todos os maçons sabem que não é), o católico nela iniciado ficaria em estado de pecado grave, ou seja, o mesmo que pecado mortal e sobre ele pesando uma justa pena; essa justa pena seria a proibição de receber a Santa Comunhão; quem fica proibido de receber a Santa Comunhão está excomungado, conforme se constata na definição da palavra “excomunhão” acima citada; essa excomunhão pressupõe ser do tipo menor se relacionada à pena a ela correspondente, ou seja, tão somente a da não aproximação da Santa Comunhão, que também é

menor em comparação a outras punições previstas no Código de Direito Canônico. E claro está que esse tipo de excomunhão se confirma pelo ato, isto é, em decorrência da sua efetivação, de modo automático e não por decisão eclesiástica. Para se livrar da excomunhão, o católico maçom teria que se arrepender, de modo genuíno, confessar e pedir perdão, abandonando a maçonaria.

O cânone 1.374 tem como força de aplicação da excomunhão a “fé” religiosa e a “consciência” do fiel: a primeira força (a fé) acusa e a segunda (a consciência) julga.

Desta feita, à vista do distorcido entendimento da Congregação para Doutrina

da Fé, que afirma estar em pecado grave quem se “associa” à maçonaria, bem como, da abrangência dos efeitos dos atuais termos do cânone acima, ou ainda, mesmo diante de um possível retrocesso em sua redação em relação ao tema aqui tratado, conclui-se, à luz da verdade, que os católicos maçons, pelo seu ingresso na maçonaria, ao contrário do que admite a citada congregação, não se tornam afastados da graça de Deus, já que não consta das finalidades da mencionada sublime ordem maquinação alguma contra a Igreja.

Enfim, ainda há que se falar de um aspecto imponderável sustentado pela Congregação para Doutrina da Fé que, embora não mais admitindo a maçonaria como uma instituição que maquina contra a Igreja, não a retira do rol das associações a que alude o cânon 1.374. Em ato inexplicável, mantém imutável o seu parecer negativo sobre ela desde 1.983.

Sobre esse assunto, a intransigência em que se mantém a Congregação para Doutrina da Fé, para os maçons é um contrassenso deliberado, pois não encontra explicação diante dos fatos.



artigo

A FRATERNIDADE

José Ricardo Roquette | Colaborador

Maçonaria se sustenta em três princípios básicos, a LIBERDADE, a IGUALDADE e a FRATERNIDADE. Esses princípios estão inseridos no primeiro artigo da nossa Constituição e são ali considerados como os nossos fins supremos. Estabelece, a nossa Carta Magna, que o trabalho maçônico deve ser sustentado pela prática desses três princípios, desde a Iniciação, como obrigação do Maçon. Os maçons, portanto devemos pregar e lutar pela LIBERDADE, propagar a IGUALDADE e praticar, sempre, a FRATERNIDADE.

Abordo, nesse texto, o tema que me é caro dentre esses três pilares, a FRATERNIDADE. Os dicionários definem a FRATERNIDADE em vários parágrafos. O AURELIO (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 5ª Edição, 2010) diz lá que a fraternidade é “3. *União ou convivência como de irmãos; harmonia, paz, concórdia, fraternização*” definição que traduz muito bem o que pretendiam os que fizeram a Revolução Francesa, que adotou como lema o trinômio “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”: defender e lutar pela “liberdade”; propagar a “igualdade” entre os homens e praticar a “fraternidade”. Quando a Maçonaria, copiando a Revolução Francesa, adotou esse trinômio como seus fundamentos básicos, pretendeu que nós, Maçons, assim procedêssemos na prática da nossa atividade.

Os Maçons se primam pela prática da FRATERNIDADE. Não me canso de propagar esse princípio em todas as oportunidades que tenho, e deles tenho exemplos marcantes, um com a minha própria família, que resumo adiante.

Em 1972 mudei-me para Barretos onde fui exercer as funções de contador de um fazendeiro goiano que ali residia. Cheguei numa quinta-feira, com a mulher e três filhos, instalei-me na casa alugada e o único contato que tive com barretenses foi com um irmão da Loja Maçônica “Fraternidade Paulista”, daquele Oriente, proprietário de uma mercearia. No dia seguinte viajei com o novo patrão para a fazenda e a minha mulher ficou sozinha com os nossos filhos na cidade desconhecida. Na sexta-feira, à tarde, o Rodolfo, 6 anos de idade, começou a sentir mal, com fortes dores abdominais e a Léa o levou na Santa Casa, hospital perto de onde morávamos. Entendeu o médico que o menino precisava ser internado, depa-
rando a Léa com o problema provocado pela cobrança,

pelo hospital, de um depósito, na época de cerca de CR\$ 20.000,00, para concretizar o internamento do menino. Sem as comodidades do telefone (não existia ainda o celular e na fazenda não tinha a comodidade) para um contato comigo, não tendo esse dinheiro, mas lembrando da condição de maçom do dono da Mercearia, ela foi até a ele procurar socorro. Prontamente esse irmão foi até o hospital, fez o depósito, o Rodolfo foi internado e atendido, resolvendo-se o problema. E ele sabia apenas que eu era Maçom, nem sabia do meu nome!

Isso foi FRATERNIDADE!

Tem ainda, entre tantos, outro “caso” que gosto de contar sempre que o tema é esse.

Na fundação da minha loja-mãe, “Estrela do Sudoeste”, por volta de 1966, em São Simão, construído o templo, os móveis foram encomendados a um marceneiro da Mateira, cidade vizinha, Francisco Chiquito Palazzo, dono da única marcenaria da região. Prontos os móveis, alguns dos fundadores da Loja, dentre eles Norberto, Guilherme, Arcílio, Antomélio e outros que me fogem os nomes, foram ao dito marceneiro, Chiquito, para acertar, já temerosos pelo preço, visto que dito cujo era careiro. Sentaram, prosearam, viram os moveis, excelentes por sinal (passados quase sessenta anos, lá ainda estão!) e quando falaram do preço o marceneiro contou-lhes uma história que resumo aqui.

Contou o Chiquito:

– “Há alguns anos atrás, uns quinze, vinte anos, antes de mudar-me para cá, eu tinha um caminhão de frete. Certa feita, peguei um frete de Uberlândia para Goiás e a minha viagem passava em Piracanjuba. Lá era o ponto de almoço e abastecimento do caminhão.

Na volta da viagem, parei ali, almociei e o dono do posto abasteceu o caminhão, mediu o óleo do cârter e sugeriu que fizesse a troca, pois já estava passando da hora.

Abastecido, toquei a viagem e antes de sair da cidade um cidadão “deu” com a mão mandando que eu parasse: “O seu óleo tá escorrendo”, disse ele. Desci do caminhão e verifiquei, consternado, que o cârter estava sem a tampa e todo o óleo tinha se escoado pelas pedras da rua! Voltei no posto, a pé, (era perto) e encontrei o dono, que foi logo se desculpendo, “O cara, encontrei a tampa do cârter, parece que o Negrinho (o trocador de óleo) não apertou ela direito”. “Como é que fica, então? O senhor vai me repor o óleo?” “Não, foi um acidente, não posso tomar esse prejuízo.” E nada adiantou discutir com o dono do posto, eu teria que pagar o óleo

– Ai é que a porca torceu o rabo, pois eu não tinha mais dinheiro. “Olha, cidadão, o senhor fica com o meu relógio, que vale bem mais que o óleo”, “eu te mando o dinheiro pelo correio assim que chegar em casa” mas nenhum argumento convenceu o dito cujo, num assunto que eu estava coberto de razão, visto que ele era o culpado.

– A discussão tinha chegado a um impasse e, francamente, eu não tinha mais argumentos e estava me vendo enalacrado

ali naquele (então) ermo de Goiás, sem dinheiro e sem condições de voltar para casa. A minha insistência já estava deixando o cara nervoso, nisso um cidadão que estava ouvindo a conversa na “boleia” de uma camionete Ford, nova, desceu e chegou no insensível comerciante e disse “pode entregar o óleo pro homem, eu vou pagar.”

– Foi como se um anjo descesse do céu, como se abrissem para mim as portas do Paraíso. Recebi o óleo e a tampa do cârter e agradei o “bom samaritano” e peguei lápis e papel para anotar o seu nome e endereço para mandar o dinheiro, tão logo chegasse em Uberlândia. “Numa precisa anotar nada e nem me mandar o dinheiro. Quando o senhor voltar para sua terra, procura uma Loja Maçônica ou algum maçom conhecido, e entrega o dinheiro para ele e diga que foi um “filho da viúva” quem mandou, para botar no “tronco”.

O Chiquito, então, concluindo, continuou:

“Eu nunca consegui fazer isso, as dificuldades da vida nunca me permitiram. Então, agora, estou entregando esses moveis pra vocês em pagamento desse dinheiro que esse maçom de Piracanjuba me emprestou. Depositem o valor desses moveis no tal de “tronco”, que eu não sei o que é, e assim eu terei cumprido o meu dever com esse cidadão que me salvou naquele sufoco!

O óbolo depositado pelo Chiquito no “tronco” da “Estrela do Sudoeste” foi valiosíssimo, e tenho certeza, está se multiplicando até hoje pelo trabalho que aquela Loja tem feito ao longo desses cinquenta anos.

Isso também foi FRATERNIDADE!

Prego, meus irmãos, sempre que posso, a FRATERNIDADE. Todo encontro de um Maçom com outro, ainda que desconhecidos, tem o primado da FRATERNIDADE. Na maioria das vezes, o apertar de mãos ou o abraço efusivo entre dois irmãos que ali se conhecem, traduz esse sentimento tão caro a todos nós, a FRATERNIDADE!





falando francamente

A TROCA DE NAMORADA

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Na década de 1960, eu fazia parte de um Trio Sertanejo, o Trio Caçula. Fomos contratados para tocar num circo, na festa de Trindade. Era num domingo. Nossa apresentação aconteceu por volta das 20hs. Apresentamos três músicas e entrou outro trio para se apresentar. O acordeonista do outro trio era o Goianinho, meu colega do Programa Roda de Violeiros da Rádio Anhanguera do saudoso Silvio Medeiros. Terminado o show, Goianinho convidou-me para barraca de dança que ele tinha na festa, fomos. Chegando lá, ele apresentou-me à sua irmã, Maria Lopes.

Com poucas palavras, a gente se engraçou. Convidei-a para uma saíndinha pela rua (apreciar a festa). Ela pediu-me que a esperasse um pouquinho, enquanto ia lá dentro da barraca falar com seu irmão. Eu fiquei esperando-a do lado de fora, pensando: "Ela é muita areia para o meu caminhãozinho".

Do lado da barraca do Goianinho, (emendadas), tinha outra barraca de dança. Enquanto eu esperava lá de fora com o pensamento nas nuvens, saiu

da outra barraca, um senhor e veio na minha direção.

– Você por aqui, Aparecido?!

Virei-me meio assustado, conheci o homem. Era o meu tio Antônio Rodrigues, irmão de minha mãe, ele era um tio largado no Mundo, desligado da família, raramente aparecia.

A barraca do lado a do Goianinho era dele. Convidou-me para entrar.

– Estou esperando uma pessoa aqui, tio! Justifiquei.

Neste momento, apareceu uma amiga dele que estava na barraca. Meu tio apresentou-me a ela:

– Este é o Aparecido, meu sobrinho!

Ela, muito desinibida, tentou me convencer a entrar na barraca para dançar com ela e meu tio incentivando e eu resistindo, preocupado com a Maria Lopes. Ela entrelaçou o braço dela no meu, tentando forçar minha ida. Nesse vai, não vai, chega a Maria Lopes toda feliz e deu com aquela cena, a moça segurando no meu braço e rindo da minha resistência. Vendo aquilo, Maria Lopes simplesmente virou-se nos cascos para trás e se mandou barraca a dentro. Tentei falar com ela, mas não deu resultado. Resumo da ópera, fiquei com aquela que meu tio me apresentou.

Pensa que eu sou um cara de sorte, presado leitor maldoso? Está redondamente enganado. Maria Lopes era uma mocinha delicada, bonitinha, sorriso lindo, média altura, de cabelos alourados e lisos, e a que sobrou para mim era uma solteirona, balzaquiana sem nenhum atributo de beleza. Foi horrível a troca.

Perdi a Maria Lopes. Para não ficar sozinho, fiquei com a balzaquiana, sem entusiasmo, mas melhor do que nada, não tinha como voltar para Goiânia, os ônibus, naquela época, só circulavam até à meia noite. Amanhecemos juntos.

Seus pais eram fazendeiros na região de Ipameri. Penso que que eles devem de ter pensado: "até que enfim, a filha encalhada teria arrumado um futuro marido".

Amanhecido o dia (segunda feira) eu tinha que trabalhar. Despedi-me da moça, da família dela que parece ter gostado de mim, derramando em gentilezas, escreveu, num pedacinho de papel o endereço da fazenda e eu prometi que um dia iria lá.

Vim embora com o papel da balzaquiana que não me lembra mais do nome, mas da Maria Lopes, nunca me esqueci. Naquela época, pagava a passagem nos coletivos e recebia um papelote (passagem) que, não saída, depositava-o numa espécie de urna, perto da porta de saída do ônibus, sob a observação do motorista.

Cheguei no meu quarto (era república), lavei a soneira dos olhos e fui para sapataria. Lá chegando, fui logo contando para os colegas sapateiros, minha frustração de ter perdido a chance de namorar a Maria Lopes e de ter ficado, sem querer, com a fazendeira de Ipameri.

Quando fui pegar o papel com o endereço da fazenda da moça, encontrei no bolso da camisa a passagem do coletivo. Tinha colocado na urna do ônibus o endereço dela. Tive que tolerar as gozações dos colegas sapateiros, por muito tempo. Era o fim da picada, Francamente! Até a próxima!



artigo

A POLÊMICA: O TERROR DOS DIRIGENTES

Milton de Souza | Colaborador

Dirigente, geralmente, quando apresenta uma proposta espera adesão total. E quando alguém, presente ou não à reunião se manifesta contrário, questiona ou pede esclarecimentos, pode ferir de morte o proponente e as pessoas simpáticas à proposta. Algumas reações podem significar não se tratar realmente de uma simples "proposição" e sim, de uma imposição, imexível. As vezes a pessoa é taxada de polêmico só pelo fato de sempre se posicionar em todas as matéria a que tem direito, então fica marcado. Assim, é super interessante e justo que se qualifique as qualidades das repetidas abordagens, uma a uma.

ALGUNS DOS VÁRIOS TIPOS DE POLÊMICA

Polêmica construtiva: Refere-se a debates e controvérsias que surgem visando à busca por soluções, melhorias ou a obtenção de consensos. Geralmente, essas polêmicas são baseadas em argumentos racionais e contribuem para o avanço do conhecimento ou da sociedade.

Polêmica superficial: Ocorre quando uma controvérsia não é baseada em argumentos relevantes ou sólidos. Muitas vezes, é caracterizada por discussões acaloradas e emocionais, sem uma base lógica consistente.

Polêmica sensacionalista: Envolve a criação de controvérsias com o objetivo de atrair atenção e ganhar audiência. Essas polêmicas geralmente são exageradas, manipuladas ou espalhadas de forma sensacionalista para criar um impacto emocional nas pessoas.

Polêmica politizada: Surge quando uma questão controversa é explorada e manipulada por grupos ou indivíduos com interesses políticos. Os debates muitas vezes são polarizados e direcionados para atingir objetivos políticos específicos.

Polêmica moral/ético: Envolve questões relacionadas a valores e ética. Essas polêmicas geralmente envolvem dilemas morais ou éticos complexos, nos quais diferentes grupos ou indivíduos têm opiniões divergentes.

DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO

A polêmica é um elemento essencial na construção do conhecimento e no avanço das ideias. No entanto, muitas vezes, é encarada como algo negativo, especialmente pelos dirigentes e administradores de projetos.

Qualquer dúvida ou opinião contrária pode ser vista como um ataque pessoal à pessoa do apresentador, à sua inteligência e uma afronta à sua autoridade e competência. Essa postura compromete a abertura ao diálogo e impede o aprimoramento das propostas.

A figura do polêmico, muitas vezes, é tida como alguém incômodo, que causa desconforto e provoca discussões acaloradas. No entanto, é importante compreender que muitos daqueles que se manifestam de maneira considerada polêmica têm o objetivo de promover reflexões e questionamentos, visando o aprimoramento. É por meio da contraposição de ideias que se desenvolve o pensamento crítico, a inovação e a busca por soluções mais eficientes.

Ao marginalizar o polêmico, os dirigentes privam-se de um valioso recurso para aprimorar seus projetos. A diversidade de perspectivas é fundamental para evitar a estagnação e o conformismo, estimulando a busca por soluções cada vez mais criativas e eficazes. Ignorar o polêmico é limitar a possibilidade de crescimento e sucesso na implementação de novas estratégias.

Além disso, é importante ressaltar que a polêmica não deve ser confundida com o desrespeito. É possível discordar e debater de forma construtiva, mantendo a cordialidade e o respeito mútuo. A diversidade de opiniões é benéfica quando encarada como uma oportunidade de aprendizado e melhoria contínua.

Em vez de temer a polêmica, os dirigentes devem incentivá-la, abrindo espaço para o questionamento e para a participação ativa de todos os envolvidos em um projeto. O diálogo construtivo é a chave para a evolução e o sucesso de qualquer empreendimento.

Portanto, é fundamental que os dirigentes compreendam que a polêmica não é o "terror" que muitas vezes é tida como. É necessário encarar as discordâncias como oportunidades de crescimento, buscando sempre ouvir e considerar diferentes perspectivas. Somente dessa forma é possível construir projetos mais sólidos e promover um ambiente propício à inovação e ao progresso.

A POLÊMICA NA MAÇONARIA

Sim, a polêmica na Maçonaria certamente existe. Algumas características distintas são:

Em loja aberta é bem menor – Nas reuniões maçônicas, é permitido que cada irmão tenha a oportunidade de expressar sua opinião e participar dos debates. Isso é feito de forma estruturada, com cada um falando em sua coluna e no Oriente, respeitando a ordem estabelecida e sem interrupções, da seguinte forma:

"Submeter minha vontade": Dentro da Maçonaria, é valorizado o princípio de que cada irmão tem o direito de "submeter a sua vontade", ou seja, expressar sua opinião e ter sua vontade levada em consideração durante os debates e tomadas de decisão. Depois da decisão final, há que se observar que "voto vencido Obreiro calado e trabalhando".

O uso da palavra: Cada irmão tem um tempo determinado para expor suas ideias e argumentos durante os debates. Esse tempo é controlado para que todos tenham a oportunidade de falar dentro de um tempo estabelecido, sem que um ou outro membro monopolize a discussão.

O orador: Após os debates, cabe ao orador, que é o responsável por conduzir as discussões, toma uma decisão. Essa decisão é baseada nos argumentos apresentados pelos irmãos, na busca pelo consenso e na lei maçônica, buscando o bem-estar e a concórdia entre os membros. **Saindo desse comportamento sinaliza ritualística a ser aprimorada.**

Em reuniões administrativas há possibilidade da polêmica acontecer é maior – Assuntos polêmicos felizmente quase que passaram a ser levados às reuniões administrativas, ou seja, fora do Templo, onde os irmãos têm a oportunidade de apresentar suas opiniões e argumentos sobre o assunto em questão, sem a ordem rígida da ritualística. Aí sim, pode haver aumentar o caráter polêmico profano, caso o dirigente não conduza a reunião primando por ensinamentos maçônicos.



artigo

O LIVRO DE RUTE E OS CONSTRUTORES SOCIAIS

Jader Frederico Abrão | Colaborador

A decisão por utilizar o Livro de Rute que integra o corpo de Obras Bíblicas, especificamente compondo o Velho Testamento, não o faço nesta oportunidade com o intento de doutrinação dogmática, mas por referência e destaque a valores tão necessários que determinam prioritariamente a plena saúde de qualquer instituição, seja um país, uma empresa, uma associação sem fins lucrativos, ou, a nossa própria família.

O que é saudável para os nossos núcleos sociais está intimamente dependente do nível de saúde encontrado nos nossos próprios COMPORTAMENTOS morais, sociais, intelectuais, emocionais e espirituais, e o nosso comportamento quando saudável, assim está, porque se alimentou da DECISÃO efetiva pela Virtude, como prioridade sobre todos os vícios.

Algo considerado como prioridade ou de grande valor para uma pessoa, talvez não represente tanto valor para outra. Isto, a depender da sua faixa etária, do histórico vivido e ainda por viver, dentre outros fatores. Mas, cada um – homem ou mulher – à sua perspectiva, valorizará algo segundo aspectos de prioridade, e isto, por consequência, deveras influenciará de maneira individual ou social, no nível de felicidade ou de tristeza, de inutilidade ou utilidade, de participação nas más condutas ou nas boas, de punições ou de exaltações, de derrotas ou de vitórias, de pessimismo ou de otimismo, de destruição ou de construção. Tudo sempre dependerá do que escolhemos como prioridade.

A título de reflexão, consideramos que o Maçom que deixa a maçonaria entrar em si, deve trabalhar para acostumar o próprio espírito a curvar-se às grandes afeições e a não conceber senão ideias sólidas de bondade e de Virtude, porque é só regulando os nossos costumes pelos princípios eternos da Moral, que poderemos dar à nossa alma esse equilíbrio de força e de sensibilidade que constitui a sabedoria, ou, antes, a ciência da vida. (Cartilha GOB Apr., REEA, pag. 116). E isto deve reinar no campo das PRIORIDADES.

O Livro de Rute retrata os comportamentos iluminados e virtuosos que

devemos priorizar e que levam qualquer homem e qualquer mulher, à condição de CONSTRUTORES SOCIAIS, apesar de todos os infortúnios e de todas as resistências, inclusive as sociais e culturais.

A Obra Bíblica inicia contando a história de um casal – Elimeleque e Noemi –, que fugindo de sua terra natal devido à fome, foram viver nas terras de Moabe com seus dois filhos – Malom e Quiliom. Após algum tempo Elimeleque veio a falecer. Pouco tempo se passou e os dois filhos se casaram com duas mulheres Moabitas – Orfa e Rute.

Quase 10 anos se passaram e algo terrível aconteceu, Malom e Quiliom também faleceram, deixando as três mulheres viúvas. Noemi abençoa e ordena que as noras voltem para as suas famílias, deixando-a sozinha. Rute não aceita abandonar à própria sorte aquela mulher de idade avançada, decidindo honrá-la, protegê-la e acompanhá-la de volta a Belém de Judá, terra natal de Noemi, onde o Senhor Deus de Jerusalém voltara a abençoar com muito trabalho e muita fartura. Rute disse: “*Não insista comigo que te deixe e não mais acompanhe. Aonde fores irei, onde ficares, ficarei! O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus!*”

Orfa, ao contrário, abandonou as duas mulheres e retornou à sua família para se casar novamente.

A viagem foi longa, cruel e realizada a pé, as duas mulheres chegaram ao destino em época de colheita da cevada. Rute logo arrumou trabalho nas lavouras de Boaz, homem valente e poderoso, da família de Elimeleque.

Boaz sempre justo e caridoso, respeitado por todos, crente no Deus único e vivo de Israel, com sua fé inabalável, muito trabalhador, dava oportunidades a todos e pagava corretamente pelo serviço prestado, o que naquela época e região, era comportamento raro. Boaz sempre cuidava pela boa alimentação e pela hidratação daqueles trabalhadores. Ele não permitia que homens abusassem das mulheres e os separavam na lida do trabalho diário.

Rute se desdobrou na colheita e Boaz logo se encantou, admirado pelo

comportamento vencedor e honesto daquela mulher que havia recém-chegado dos campos de Moabe em companhia de Noemi. Boaz sabia que Rute havia desistido do retorno ao conforto e à segurança de sua família, e mesmo fragilizada pela viuvez, teria honrado e protegido a própria sogra após perder o marido e os filhos. Então Boaz diz à Rute: “O Senhor retribua o seu feito; e te seja concedido pleno galardão da parte do Senhor Deus de Israel, sob cujas asas te vieste abrigar.”

Rute apresentava comportamento de dignidade e de humanidade em todos os seus atos, até mesmo quando após um longo dia de trabalho se dignava em guardar comida para agraciar a ceia da sua sogra. Noemi orientava Rute com muita maturidade e experiência, e a precavava quanto aos aspectos da cultura local.

Com o passar do tempo, Boaz percebendo o quanto Rute era uma mulher virtuosa, honrada e leal, a desposou. Logo tiveram um filho – Obede – que teve Noemi como a sua ama e que futuramente seria o avô de DAVI.

Esta história bíblica demonstra o perfil do casal que deve existir como regra na família maçônica. Rute, uma mulher que mesmo estando totalmente desprotegida e fragilizada, conseguiu proteger, acolher, honrar, sendo leal aos seus e a Deus. Boaz, em tempos difíceis e de raros valores morais, grande negociante e agricultor, se comportava com extrema honestidade, respeito e independência moral, fazendo justiça e promovendo o progresso de todos através do trabalho. Deus os abençoou por isto!

Boaz decidiu desposar Rute pelo seu COMPORTAMENTO que expressava solidamente valores nobres, espirituais, morais, intelectuais, emocionais, diferentes à seca condição ética daquela população.

Por todos estes exemplos, a urgente reestruturação moral a ser realizada nas instituições, nunca nos foi tão prioritária. Devemos entender que as amarguras e os desafios existentes nos dias atuais, estão dependentes e ligados umbilicalmente com as essências advindas dos comportamentos individuais das pessoas envolvidas. Não existe pequeno pensamento, palavra ou diminuto ato, que não influencie diretamente na saúde das instituições e das pessoas. O Grande Arquiteto do Universo quer também nos HONRAR e nos ABENÇOAR através da nobreza dos nossos comportamentos e pensamentos, como o fez com Boaz e Rute!

Perante todo o cenário atual é preciso que nos perguntemos: O que diferencia

um Maçom para destacar-se dos demais a ponto de nominá-los de profanos? Seria a figura de Boaz uma bela alegoria e um exemplar símbolo de comportamento reto, virtuoso e sagrado? O que significa cavar masmorras aos vícios e levantar templos à virtude? O homem e/ou a mulher só serão consagrados por seus comportamentos e pensamentos sagrados? Teria Rute as qualidades que tanto necessitamos enxergar nas nossas esposas, que sempre lideram grupos e atividades sociais e familiares? Estamos nós e as nossas esposas, alinhados com os comportamentos de Boaz e de Rute? Buscamos Deus constantemente? Sacralizamos cada momento de nossas vidas agradecendo ao Grande Arquiteto do Universo por cada oportunidade vivida? Somos bons exemplos e repassamos ensinamentos para os nossos filhos sobre a necessidade de sacralizar nossa saúde, nossos momentos em família, nosso trabalho, nossa educação, os mais velhos, a vida, as nossas relações sociais que devem ser bem escolhidas? Somos virtuosos perante a ignorância, os preconceitos e os erros, ou nos sucumbimos a descer ao mesmo nível da intolerância e do atraso que sempre criticamos?

Qual é o comportamento que o casal da família maçônica deve nutrir e conservar, sendo estes escolhidos para a função maçônica de CONSTRUTORES SOCIAIS? Nos sentimos responsáveis pelos menos favorecidos, pelos menos esclarecidos? Qual o nível de compromisso temos com o próximo? Aquele mesmo da Parábola do Bom Samaritano.

Percebemos nos outros a omissão, a preguiça, a indisciplina, os defeitos... E em nós? Vigiamos? Oramos? Agimos? Estudamos? Controlamos e guiamos com firmeza os nossos pensamentos sob o compasso da virtude?

Boaz e Rute foram CONTRUTORES SOCIAIS em seu tempo! Ergueram todas as pontes da honestidade e da virtude humana, unindo as pessoas e dando progresso na sociedade! Boaz e Rute, ergueram vidas, multiplicaram a palavra do Deus único e vivo, e estes comportamentos os destacaram aos olhos de Deus! Deus os abençoou!

Cada casal da nossa família maçônica é uma célula de CONTRUTORES SOCIAIS, as nossas virtudes e a nossa fé, o nosso compromisso com o Grande Arquiteto do Universo, representados pelos nossos comportamentos, são luzes aos olhos de Deus, alimento sagrado aos corações que sofrem e balsamo benfazejo que mantem as instituições virtuosas e úteis, Abençoadas pelo Grande Arquiteto do Universo!



opinião

A ESCOLA E A NOVA ONDA DA PANDEMIA DO COVID-19

João de França Barros | Cadeira nº 29

Diante da nova onda do Covid-19, com anúncios preocupantes de retorno às regras rígidas de segurança sanitária, cancelamento do carnaval em algumas cidades goianas e o provável fechamento de espaços públicos, como a escola, levam-nos, mais uma vez, à reflexão.

Não restam dúvidas de que a privação da liberdade de milhões de pessoas em exercerem com plenitude a cidadania, especialmente no ambiente escolar, fragiliza a cidadania e o desenvolvimento dos nossos jovens, notadamente portadores de QI médio bem abaixo

da população mundial, tendo a escola um papel fundamental para minorar essa disparidade.

A escola tem a árdua missão de educar as gerações futuras e vencer o descrédito do sistema e a violência simbólica social. Garantir acesso pleno à cidadania é uma das funções do corpo escolar, humanizando as relações sociais, superando preconceitos e formando senso crítico, embora seja alvo de ataques do senso comum que lhe atribuem um papel alienador.

Embora o discurso pedagógico não contenha neutralidade, ele não busca alienar, mas influenciar o aluno a enxergar que cada um tem suas próprias crenças e experiências. Logo, o papel da educação e dos professores é fundamental para garantir a cidadania.

A violência simbólica se manifesta como divisor de águas do conhecimento. Segundo o sociólogo Pierre

Bourdieu, o conhecimento é acessado por aqueles que detêm acesso à cultura, ou seja, ao poder econômico. Isso porque a violência se manifesta pelo orgulho daqueles que pensam ser superiores dentro e fora da sala de aula.

Dessa forma, é fundamental à escola formar cidadãos conscientes, mas para isso, torna-se necessário infraestrutura e profissionais qualificados, que se encontram defasados principalmente na esfera pública.

Em suma, as instituições de ensino possuem uma importante função para a formação da cidadania, facilitando a integração entre os alunos e o corpo social.

Nesse sentido, é preciso o senso comum por meio de campanhas governamentais que informem os pais e a sociedade sobre os valores empregados na escola e investir financeiramente no futuro do povo brasileiro, vencendo as consequências das instabilidades sociais.

Dito isso, é importante refletirmos sobre o isolamento da escola, nesses momentos cruciais de crise mundial, como citado anteriormente, diante da nova onda de “terror” que se avizinha.



artigo

A SOMBRA DAS IMPRESSÕES – IV

Gleisson Ferreira | Colaborador

História, memória, fronteira e alteridade nas cartas de Goiás de Carlos Pereira de Magalhães.

No entanto, uma visão externa, baseada em nossas concepções *a priori*, “*a voo de pássaro*”, como dizem os franceses, nos levarão irremediavelmente a equívocos lamentáveis, a ideias rasas. Jamais se poderá ignorar os fatores tempo e espaço. Esse espaço é o lugar; lugar de referência que fornece o sentido de pertinência, a cuja natureza os indivíduos são moldados e constroem o seu sentido do “ser”. Sentido esse que não é fixo, mas que foi moldado a um imaginário ou um conjunto de fatores que formam o imaginário, diretamente relacionado ao lugar.

Segundo Arturo Escobar em seu artigo intitulado “O lugar da natureza e a natureza do lugar”:

[...] o fato é que o lugar – como experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa – continua sendo importante na vida da maioria das pessoas, talvez para todas. (ESCOBAR, 2005. p. 63)

É preciso relacionar o lugar à sua dinâmica espaço – temporal, isto é, histórica, para compreender as especificidades humanas, individuais e coletivas, uma vez que são formados pela interação com o ambiente. Assim, questões econômicas, sociais e culturais não podem ser alijadas de questões políticas e geográficas, que por sua vez estão relacionadas às problemáticas do lugar.

Nesse sentido, Escobar afirma que:

Dito de outra maneira, uma reafirmação do lugar, o não-capitalismo e a cultura local opostos ao domínio do espaço, o capital e a modernidade, os quais são centrais no discurso da globalização, devem resultar em teorias que tornem viáveis as possibilidades para reconhecer e reconstruir o mundo a partir de uma perspectiva de práticas baseadas no lugar. (ESCOBAR, 2005. p. 63)

O não-capitalismo do sertanejo goiano, isolado geográfica e politicamente o levou a uma resignificação do social, do econômico e por consequente, do religioso, que culminaram em uma resignificação cultural. Assim, o goiano criou novas formas de vida social e econômica em relação com a natureza, o mundo que o cerca, as necessidades de seu espaço, seu lugar. A distância dos grandes centros econômicos, a falta de braços e pés para dinamizarem o trabalho nos moldes capitalistas e percorrerem as distâncias fez parte do todo que gerou uma visão da decadência e do atraso sobre Goiás e o goiano.

Para Magalhães:

O Estado de Goiás, esquecido durante mais de um século pelo governo central, criou no seu isolamento uma civilização própria. O sangue paulista que lhe corre nas veias o levou a expandir-se no Centro-Oeste. O tropeiro de Goiás vai a Cuiabá, à Bolívia e até aos contrafortes dos Andes e tem sido até hoje a espinha dorsal da economia desse estado. Explicou-me o senhor Fróes que a prova disso estava na prata boliviana em franca circulação como moeda divisionária no Estado. Agora, com a via férrea, tudo isso se alteraria, tendo São Paulo como centro. (MAGALHÃES, 2004. p. 40)

Outro aspecto observado por Magalhães e que mereceram registro foi a formação étnica do povo goiano. Embora pareça influenciado pelas ideias racialistas, Magalhães vê na mestiçagem a grandeza histórica e o futuro glorioso do país. Para ele a

mestiçagem aliada à dureza da vida cotidiana e um ambiente inóspito no qual o indivíduo foi moldado lhe conferiria tenacidade e coragem. Qualidades essenciais para a superação de adversidades de toda ordem. Segundo Magalhães, em carta escrita a 08 de março de 1919, de Goiás, Capital, falando sobre a formação do goiano em seu ambiente:

Dizem os estudiosos que três fatores formam o homem: a hereditariedade, o ambiente e a vontade. Ora, esta gente goiana, segregada há dois séculos do mundo civilizado, tem como herança dos antepassados paulistas o heroísmo; quanto ao ambiente, é de combate, tanto se mata boi no matadouro como gente na chapada. A força do querer desta raça, quando despertada é de ferro, para o bem ou para o mal. Este pequeno núcleo de população contribuiu grandemente para a grandeza do Brasil. Desde os tempos coloniais aparece um general Curado batendo os castelhanos e tomando o Uruguai; hoje temos o marechal Braz Abrantes, do Paraguai, Eduardo Sócrates, generais Espírito Santo Cardoso, Joaquim Inácio, etc., todos goianos, brilhante contribuição de uma minoria, cuja capital consta de 7 mil habitantes. (MAGALHÃES, 2004. p. 57)

Em outra carta na qual relata sua chegada a Goiás, em Roncador, observando aspectos fenotípicos, com uma visão claramente racialista, expressa suas ideias sobre a mestiçagem e a influência do lugar sobre o indivíduo. Na mesma reforça aspectos positivos, a seu ver, da questão:

SEm dia festivo, movido pela curiosidade étnica, eu percorria os labirintos dos casebres repletos de gente bronzada e estranha, uns mais focinho que cara, outros mais demônio que gente. Em imaginação transportava-me para São Paulo em seus primórdios, quando a formação dos primeiros grupos de mestiços germinava sem o concurso da mulher branca. Todas as nações tem populações marginais, mas nenhuma em escala tão assustadora como o Brasil. Conta-se que nas guerras napoleônicas, Wellington, desfalcado de tropa, pediu homens à Inglaterra. O governo passou o pente fino nos marginais, bêbados, ladrões, piratas e os remeteu a esse general. “Não sei que efeito farão ao inimigo, por Deus Nosso Senhor, pois que a mim fazem medo”, teria dito o general ao vê-los. Com essa gente venceu ele Napoleão, em Waterloo. O mesmo podemos dizer dos nossos, pois no passado expulsamos os holandeses de Pernambuco, os franceses do maranhão e os castelhanos para muito além de Tordesilhas. Prosseguindo em minha investigação sinto uma repentina emoção ao cruzar com um conhecido! Estivera no Rio, onde em um dos Ministérios contemplei em bronze o busto de Floriano Peixoto. Pois o desconhecido a meu lado, frontalmente ou de perfil, era a réplica do busto em bronze que vi no Ministério. Verdaderamente, o Marechal de Ferro é, como tem sido apontado, figura típica do caboclo brasileiro. (MAGALHÃES, 2004. p. 40)

Magalhães considera assim, o aspecto ambiental para a formação do indivíduo e, no caso brasileiro, ressalta como positiva a questão da miscigenação, citando momentos históricos politicamente evocados como a gênese da nação, como a Batalha de Guararapes que uniu as “três raças” em torno de um ideal comum: a expulsão dos holandeses. Dessa forma expressa sua

visão sobre a mestiçagem e a influência do lugar sobre o indivíduo.

AS LAVRINHAS DE SÃO SEBASTIÃO

Responsável por organizar a documentação das terras de Lavrinhas para a venda, e deslumbrado com o potencial do latifúndio, Magalhães apresenta-se como um possível candidato à aquisição e explica-nos o motivo pelo qual os proprietários passam a dispor das terras:

SO senhor Freimund Brokes, de Blumenau, Santa Catarina, neto de Fritz Muller (um dos fundadores dessa cidade e grande sábio), comprou essas terras há poucos anos, daqueles que por sucessão e herança ali mourejavam, para estabelecer um núcleo de colonização germânica. Sobrevindo a Grande Guerra e o colapso da Alemanha, o proprietário, desconcertado, tratou de vestir a noiva, abrindo um retiro e rasgando estradas, à espera de algum candidato. (MAGALHÃES, 2004. p.25)

A aquisição das terras de Lavrinhas era o grande empreendimento de Magalhães, em sua correspondência, e motivo de sua vinda a Goiás. Em sua chegada a Roncador, lhe são repassadas as primeiras informações sobre a população do latifúndio:

O coronel Sampaio recebeu-nos na casa grande da fazenda, cercada de muros de pedra de tapiocanga e os pastos fechados por vales à moda antiga. Esse patriarca lembrava Prudente de Moraes, alto, magro, de nariz adunco. Estava assentado sobre a mesa de jantar, encostado à parede, trazia lenço amarrado e chapéu sobre a cabeça, nos ombros um cobertor de baieta e na mão um chicote. Dessa eminência, dava ordens como as de um capitão de navio. Na ocasião, explicou, estava perrengue, convalescendo da gripe espanhola. Traziam-lhe mezinha que tomava fazendo caretas. “Estou com a boca ruim”, dizia. Homem prático e conhecedor de todos os recantos de Goiás, achou feliz e exequível a nossa iniciativa em Lavrinhas, mas preveniu-me contra os habitantes e os perigos da feitiçaria, pelo que Lavrinhas se torna célebre. (MAGALHÃES, 2004.p.40-41)

Sobre a população de Lavrinhas, Magalhães afirma que:

O pessoal de Lavrinhas, segundo as informações que tenho, é folgado, vive dançando e ensaiando batuque para a festa de São Sebastião, que atrairomeiros de longe. Essa festa é realizada na época das águas; na seca são os folguedos da festa itinerante (cavallhada) da bandeira do Divino, a folia. Dura geralmente de três meses para mais. Terminada, voltam a seus lares exaustos e inutilizados por muito tempo, pelos excessos praticados nessa religiosa peregrinação. E, assim, sobre um torrão fértil lhes negreja a miséria. De quem é a culpa? (MAGALHÃES, 2004. p. 88)

Nessa passagem parece fazer uma crítica velada à política e ao coronelismo em Goiás: à política, por concentrar investimentos no sul e não prover melhorias ou construção de estradas que incentivassem uma produção comercial e por proteger os grandes proprietários em seus abusos. Ao coronelismo devido a esses mesmos abusos acobertados pela política e por ver em qualquer tentativa de desenvolvimento comercial uma afronta ao poder do domínio local, e quando não, uma concorrência comercial a ser eliminada.

Continua na próxima edição...



João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO



ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOGADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@terra.com.br



ciência & saúde

OBESIDADE

Paulo Ricardo Arantes de Brito | Colaborador

A obesidade é uma doença muito presente que causa vários transtornos nas pessoas tanto na estética quanto na funcionalidade do organismo. É uma doença multifatorial, ou seja, não tem uma causa específica como a maioria das doenças. No entanto, alguns fatores podem contribuir para seu desenvolvimento.

A obesidade é o acúmulo de gordura no corpo causado por vários fatores sendo eles genéticos, distúrbios alimentares, distúrbios psicológicos, causando possivelmente doenças hormonais, inflamação das articulações, doenças coronarianas e ultimamente muito ligado aos distúrbios cancerígenos do corpo.

Alguns fatores podem estar associados à obesidade como: compulsão alimentar e distúrbios decorrentes do

estresse podem ter relação direta com o desenvolvimento da obesidade. Afinal, muitas pessoas encontram um "refúgio" quando comem determinados alimentos que podem não ser tão saudáveis.

Outro fator pode ser o **sedentarismo pois se** não há movimentação do corpo com exercícios físicos e atividades, o gasto de energia adquirida da alimentação é baixo. Dessa forma, a ela pode ser estocada e se transformar em gordura.

Os fatores genéticos, em que uma pessoa pode herdar a disposição para obesidade, ou seja, pode passar de "pai/mãe para filho". Um exemplo como o do metabolismo mais lento, pode dificultar o emagrecimento e isso pode ser uma característica que esteja nos genes de uma família. Problemas com a tireoide também podem ser herdados

e geram alterações de peso que levam a obesidade, dependendo da gravidade.

A obesidade é preocupante pois é uma doença que causa várias consequências para os pacientes como Hipertensão arterial, aumento do colesterol e triglicérides, diabetes, apneia do sono, acúmulo de gordura no fígado, Infarto do miocárdio, Acidente vascular cerebral.

Além disso o excesso de gordura pode trazer ainda prejuízo para relações interpessoais, profissionais pois essas doenças causa nas pessoas depressão, ansiedade entre outros fatores.

Dentre as análises feitas pelo médico estão: estilo de vida, padrão de alimentação, genética familiar (condições que podem ser passadas de pai para filho), fatores psicológicos e outros.

A melhor forma de tratamento deve ser feita através de uma equipe multidisciplinar, pois além do uso de medicamentos deve ser levado em conta o tratamento psicológico para eventuais distúrbios de ansiedade, melhoria de autoestima e também através e uma atividade física regular com um personal trainer, que fara um diagnóstico

complexo e diferente para cada pessoa este profissional da saúde analisará os possíveis fatores relacionados ao aumento de peso, a fim de buscar o tratamento mais indicado para cada caso. A alimentação estará devida procurar um nutricionista ajustando os alimentos pertinentes ao tratamento.



sensibilização

O DESPRENDIMENTO DO SER HUMANO PARA A PRÁTICA DO BEM!

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

Para atingir um **desenvolvimento pleno**, o ser humano deve agir em três linhas de ação: **intelectual, manual e espiritual**. A **intelectual** desperta a curiosidade mental para a leitura, estudo, pesquisa, observação da natureza... A **manual** se relaciona ao uso das mãos, como ferramenta para criar: artesanato, ofícios, artes, construção, cultivo de plantas, criação de animais... A **espiritual** deriva da prática de atos almejados pela consciência, como: ser honesto nos negócios, no trabalho, no lar em família, ser fiel aos princípios e valores legais, praticar as virtudes...

O **trabalho manual, físico**, eleva o poder da criatividade e da imaginação, harmoniza a mente e também desabrocha os talentos ocultos. Ao exercitar qualidades nobres que o trabalho proporciona, ele também cria suporte para o indivíduo saber como tratar as pessoas, respeitar e reconhecer os valores de cada um.

Felora Daliri estudiosa do tema, afirma que o ser humano *"deve esforçar para se desprender dos interesses mesquinhos e egoísticos, para ser mais justo e sereno"* e acrescento **"ser justo e perfeito"**. Seus desejos devem ser dirigidos para ganhos duradouros como busca de conhecimentos, criações artísticas, altruísmo, atitudes dignas e sublimes... onde o **ganho material não deve ser o centro de suas buscas, embora faça parte de suas metas**. Investir nisso é o mais difícil, pois a pessoa presa ao seu ego não sabe como aplicar estas qualidades em sua vida.

Assim, **como pode ser desprendido? Para que serve o desprendimento?** Se a pessoa for desprendida, não é gananciosa, não vai passar por cima de tudo e de todos, burlar os conceitos e as leis

para atender seus interesses. *O respeito, o compromisso, a disciplina, a cooperação, a parceria, a caridade e ainda a liberdade, igualdade e fraternidade*, dentre outros valores, tornam-se desafiadores para as pessoas pensarem em desprendimento, tanto no ambiente de trabalho ou maçônico, como fora dele.

Em qualquer ambiente *o ser humano deve investir nestas três linhas de ação para ter saúde mental, equilíbrio, firmeza no trabalho e na vida, e até mesmo conseguir, com contentamento, a verdadeira prosperidade, ser feliz e também "tornar feliz a humanidade, pelo amor, pela fé, pelo aperfeiçoamento dos costumes e pela tolerância"*. Para isso deve *organizar a sua vida* de modo que possa exercitar a sua mente, a sua aptidão física e os anseios da sua alma, priorizando o seu esforço conforme suas carências, naquilo que o trabalho do dia a dia lhe exigir.

Desprendimento é o ato ou efeito de desprender, de desapego a coisas materiais e preocupações egoísticas, de abnegação, de altruísmo e filantropia. Conceitos que vem de encontro ao papel do homem maçom. Ser desprendido é a pessoa que foi desamarrada, foi solta, tornou-se independente... É também, ser indiferente mas indiferente a bens materiais, roupas de grife, carro da moda, desprovido de vaidades, gastar pouco mas bem, viver feliz e compartilhar, não destruir ninguém, "ser brisa suave", viver para o outro...

O maçom tem **compromisso com a sociedade na construção de um mundo melhor e na busca da felicidade**. Isso o leva a uma atitude de desprendimento, onde, para realizar seus desejos deve se desprender deles, abandoná-los e aí se entregar ao desconhecido. Esse exercício

é aterrador e difícil, já que o desprendimento exige de cada um uma entrega total ao futuro e às incertezas que ele carrega. Quando nossos desejos são direcionados para bens materiais, muito valorizados pela sociedade, temos nossas expectativas frustradas, pela busca de satisfação de **desejos vazios de significado**. Devemos então **focar ações** não na conquista material pura e simples, mas **no significado interior** que elas encerram e no valor que representam para quem são dirigidas (sociedade, pessoas, instituições, desprovidos da sorte, viúvas, irmãos, familiares...). Flexibilidade, predisposição para colaborar, responsabilidade, compromisso e abertura para coisas novas são **atitudes a serem cultivadas** para atrair e realizar aquilo que desejamos ou que esperamos de nós. Ao perceber as necessidades alheias devemos deixar de lado o orgulho, a vaidade, o egoísmo e tratar as pessoas, não como coisas que se apanham ou abandonam conforme o interesse. **Temos muito a oferecer**, como: afeto, compreensão, ânimo, sorriso cotidiano, além de obras de caridade, auxílio as necessidades, um bom conselho, fazer um bom uso dos bens materiais que o GADU.: nos colocou às mãos... é hora do desapego, da renúncia, do engajamento, da generosidade, do perdão, da serenidade... **do desprendimento efetivo**. Faça seu trabalho com simplicidade, mas unindo vontade e interesse!

O trabalho maçônico desperta esse desprendimento positivo e solidário em prol do nosso semelhante. Por maior que sejam todas as coisas da terra, "são ridiculamente pequenas e insuficientes em comparação com o bem imenso e infinito que podemos proporcionar". Meus irmãos, **"o desprendimento nasce do amor ao GADU.: e ao mesmo tempo, possibilita que esse amor cresça e viva. Ele não habita numa alma cheia de bugigangas!"** Por isso *é preciso um firme trabalho de vigilância e de limpeza interior*, ordenando os afetos do nosso coração para trilharmos um caminho mais seguro e assim *"tornar mais feliz a humanidade"*. **O desprendimento é essencial para uma vida mais feliz**. Daí a importância de não perder o foco do crescimento interior e de buscar

o conhecimento para ter uma vida mais equilibrada.

Ter **foco no crescimento interior** dá ao maçom a chance de se inserir em objetivos, projetos ou planos que favoreçam a vida de forma mais justa e perfeita, com rumos mais claros e definidos, permitindo retornar aos trilhos sempre que ocorrer uma tempestade a nos afastar do caminho certo. Podemos desfrutar de grandes realizações em benefício do ser humano, desde que tenhamos plena presença e dedicação nas ações desenvolvidas, o que exige grande desprendimento pessoal.

Mais do que outras virtudes, **o desprendimento**, conforme o frade dominicano Von Hochheim, **é "maior virtude que a humildade, que a misericórdia e inclusive o amor"**, *que considero como valores centrais na conduta e comportamento do homem maçom*. Corremos o perigo do desvio das aparências e termos as nossas ações e propósitos mal interpretados, daí o cuidado de não provocar indignação nos menos favorecidos, pois nem sempre o sentido da vida, com dignidade para todos, é colocada em evidência.

Não podemos perder de vista que **o GADU.: "faz justiça aos oprimidos, dá alimento aos famintos, liberta os cativos, ergue os caídos, ama o que é justo e confunde os caminhos dos que são maus"**. Ele faz *"acontecer a vida de modo especial para aqueles que abrem seus corações e seus bens dando sentido e valor ao desprendimento"*. **Viver é exercício de desprendimento!**

Meus irmãos, onde há partilha e cooperação há espaço para acontecer a prática da dignidade humana, já que o desprendimento é uma disposição interna que nos permite aplicar com mais sabedoria os recursos em nossas mãos. Um exemplo disso veio do Japão, onde "idosos" japoneses num gesto de desprendimento se ofereceram para limpar Fukushima!"

Lembrem-se: **"Acredite no poder de sua luz. Veja sempre o que há de positividade nas coisas! Você não precisa de muito para construir um mundo melhor! Não espere, ponha em prática!"**

Sejamos desprendidos! Cultivemos o desprendimento em todas as ações!



opinião

LEMBRANÇAS MAÇÔNICAS DA CIDADE DE GOYAZ – VIII

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

Com a abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831, se forma em Cuiabá, província do Mato Grosso, dois grupos político: os Liberais, brasileiros representados pela *Sociedade dos Zelosos da Independência*.

O jornal *A Matutina Meiapontese*, de Pirenópolis, no número 489, dia 13 de novembro de 1833, noticiava a fundação da *Sociedade dos Zelosos da Independência no Mato Grosso* e estampava seu estatuto onde ideais moderados e exaltados mesclavam-se. O objetivo dessa sociedade era exposta no artigo I do seu estatuto: "O fim desta sociedade é procurar ligar pelos mais estreitos laços os verdadeiros brasileiros, habitantes da Província de Mato Grosso, por meio da instrução nos seus deveres; e de mútua coadjuvação para assegurar a Independência do Brasil, e fazer resistência legal à tirania onde quer que esta se achar."

O outro grupo são os Conservadores – representados pela *Sociedade Filantrópica* – formado principalmente por portugueses que defendiam a volta de D. Pedro I.

Os dois grupos estavam representado na Loja Maçônica Razão nº 4, a primeira Loja no território de Mato Grosso, fundada em 1830. Por algum tempo, dentro do princípio de fraternidade maçônica,

conseguiram conviver, mas a agressividade era cada vez maior.

A rebelião se desenvolveu especialmente em Cuiabá e adjacências. Na noite de 30 de maio de 1834 a revolta eclodiu num tumulto generalizado, com saques e depredações. A violência não se limitou a ataques a prédios comerciais, residências e assassinatos, mas também à mutilação dos corpos. Portugueses eram degolados, mulheres e filhas violentadas, de maneira cruel e desumana. Orelhas eram decepadas e exibidas como troféus.

Os envolvidos, de ambos os lados eram amigos de longa data, tinham relações de parentesco e muitos eram irmãos de Maçonaria. Temos o exemplo do Coronel João Poupino Caldas – liberal, governador da província do Mato Grosso de 28 de maio à 22 de setembro de 1834 – que avisou ao seu cunhado, o goiano radicado no Mato Grosso, Capitão André Gaudie Ley, militar, conservador, ex-presidente da província por 2 vezes entre 1831 e 1833, e irmão de Maçonaria, para que fugisse pois ia começar a revolução.

Fugindo da violência e perseguições, um grupo de Maçons da Loja Razão nº 4, entre os quais André Gaudie Ley, foram refugiar-se na Cidade de Goiás, capital da província de Goiás, onde em

1835, fundaram a Loja *Azylo da Razão*. Já em 1836, André Gaudie Ley, estava de volta em Cuiabá.

O jornal *Poliathéia*, traz a relação de seus fundadores. De acordo com a ata de fundação, a Loja foi fundada no 1º dia do 6º mês do ano de 5835 da Verdadeira Luz (21 de agosto de 1835). Em 1861, o Grande Oriente do Brasil publicou pela primeira vez o Quadro de Lojas e nele a Loja *Azylo da Razão*. Eis a ata (ortografia original):

A G. do S. Arch. do Universo

Os II. MM. abaixo assignados a todos os Nos. Charis. II. esp. pela Superf. do Globo desejo S. F. U.

Ao 1º dia do 6º mez do anno da V. L. 5835 a Or. da Cid de Goyaz Cap. da Provin. em um lugar vedado nos olhos dos Profs. achando-se os II. Seneca, Bion, Suilly, Feneon e Confucio MM. e Salonan App. filhos todos do Aug. Quad. Razão do Or. do cuiba, da qual se desligarão pelos motivos que fisesão publico a 20 do 9º mez do anno de 5834, como consta de um manifesto que dirigirão a todos os MM. do Brasil, convencionaão se unanimemente mediante a proteção do Gr. Arch. do Uni. a instalar huma loja Maçônica debaixo do distinctivo nome AZILO DA RAZÃO, no Or. desta Cidade de Goyaz com o protesto de impetrar carta de Filiação no G. O. do Bra. logo que desaparessa o scisma que tem presentemente dividido os M.M. Brasileiros e assim se instalou neste mesmo ato a R. Loja Maçônica Azilo da Razão no Ori. de Goyaz, e para poder entrar em seos A. trabalhos se nomeou por aclamação para Ven. Int. o I. Seneca MM. e tomando este assento no Trono foi igualmente nomeado por aclamação Sect. Int. o Int. Bion MM. que tomou o competente assento e passando-se a eleição de Ven. e

mais officiaes e Dig. por escrutino secreto forão eito com unanimidade para Ven. I. Seneca MM., para 1º Veg. o I. Salomão App., para 2º Veg. o I. Sully MM. para Orador e interino Thez. o I. Confucio, para Secret. e Int. M. de Ceri. o I. Bion MM. para 1º Esp. e 2º Esp. Int. Fenelon MM.

O I. Ven. prestou o Joram. na forma do estilo e progressivamente os mais II. a exceção do I. Salomão nomeado 1º Veg. em razão de lhe faltarem os graos de Comp. e MM. para poder exercer o emprego, cuja matéria sendo posta pelo I. Ven. em discussão sem ella foi resolvido unanimemente que atentas as recomendáveis qualidades que ornão o I. eleito sua idade Maçônica e serviços e mesmo à falta de obreiros, se lhe conferissem com dispensa de propostas os Gra. de Comp. e MM. os quaes neste acto recebeu com as solenidades do costume, e prestando o juramento emprego recebeu das mãos do I. Ven. o 2º malhete, e tomou seu lugar.

O I. Orad. reciou huma oração analuga ao Aug. acto da Instalação, e finda esta se derão os mútuos aplausos teplicados, e os abraços fraternaes, do que tudo para a todo o tempo, constar se lavrou a presente ata de Instalação e eleição, que assinarão o I. Ven. fundadores. Eu o I. Bion MM. Secret. que a escrevi.

O I. Seneca – MM. Ven./ O I. Confucio – MM. Ord. e Thez. Int./ O I. Sully – MM. 2º Veg./ O I. Bion – MM. Sect. e Int. Mest. de Ceri./ O I. Fenelon – MM. 1º Esp. e Int. 2º Esp.

A Loja Maçônica *Azylo da Razão* é a primeira fundada em Goiás. Hoje detém o número 167, porque só foi registrada 30 anos após sua fundação.



sinalização

O DONO DA HOSPEDARIA

Antônio Victor | Colaborador

Um casal me bate à porta numa noite singular. Já levanto e me pergunto: A essa hora, quem será? – De Nazaré proviemos para o recenseamento. Forasteiros aqui somos em busca de alojamento. Sou trabalhador honesto, por abrigo peço auxílio para mim e para ela, que, olhai, espera um filho. Sou José, um carpinteiro, e esta jovem, Maria. Se possível, dai-nos pouso hoje em vossa hospedaria. Respondi, não tenho como, está cheia a estalagem, mas podereis abrigar-vos e descansar da viagem aqui numa estrebaria, entre mansos animais. Isso posso oferecer-vos, que melhor não posso mais. O casal agradeceu-me, para lá se dirigiu. Começava ali a história que o mundo inteiro ouviu. Naquela noite uma estrela reluziu no Oriente e reis vieram de longe adorar o Onipotente,

que em trajes de humildade, para glória imorredoura, não encontrando palácios, nasceu numa manjedoura. Inocente, eu não sabia do destino, desses traços. E o casal depois partia com seu rebento nos braços. Mal me lembro aqueles rostos, não lhes prestei atenção. A vida tem dessas coisas, tanta urgência e tudo em vão. Passaram os anos, e o mundo refez toda a sua história por aquele que nascera para Deus, em honra e glória. Também eu hoje carrego minha cruz da consciência: Vi nascer na manjedoura o Senhor da Onipotência. Por que não dei minha cama? Por que não me apresentei como alguém que teve a honra de hospedar em casa um Rei? E se Jesus retornasse na aparência de um irmão, será que lhe abriria dessa vez o coração? Na manjedoura da alma, quanto amor e quanta luz! No meu coração mesquinho entra e dorme, meu Jesus!



conto

GHANDI

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador – Contribuição*

Quando Gandhi estudava Direito na Universidade de Londres tinha um professor chamado Peters, que não gostava dele, mas Gandhi não baixava a cabeça.

Um dia o prof. estava comendo no refeitório e sentaram-se juntos.

O professor disse:

– Sr. Gandhi, você sabe que um porco e um pássaro não comem juntos?

Ok, professor, já estou voando... e foi para outra mesa.

O professor aborrecido resolve vingar-se no exame seguinte, mas ele responde, brilhantemente, todas as perguntas.

Então resolve fazer a seguinte pergunta:

– Sr. Gandhi, indo o senhor por uma rua e encontrando uma bolsa, abre-a e encontra a Sabedoria e um pacote com muito dinheiro.

Com qual deles ficava?

Gandhi respondeu...

– Claro que com o dinheiro, Professor!

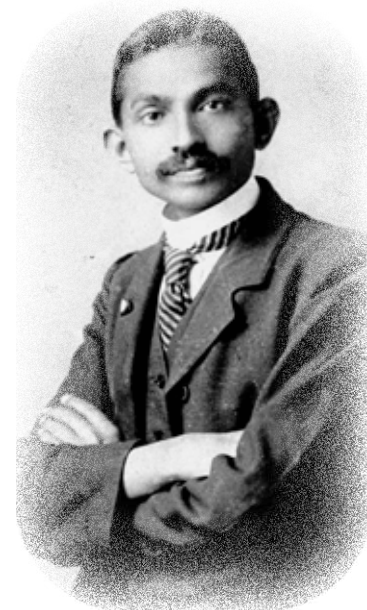
– Ah! Pois eu no seu lugar Gandhi, ficaria com a sabedoria.

– Tem razão professor, cada um ficaria com o que não tem!

O professor furioso escreveu na prova "IDIOTA" e lhe entregou.

Gandhi recebeu a prova, leu e voltou e disse:

– Professor o senhor assinou a prova, mas não deu a nota!



Moral da historia:

Semeia a Paz, Amor, compreensão. Mas trata com firmeza quem te trata com desprezo. Ser gentil não é ser capacho, nem saco de pancadas...



E-books disponíveis no portal da AGML. Acesse pelo link: <https://agml.com.br> ou pelo aplicativo do QR Code

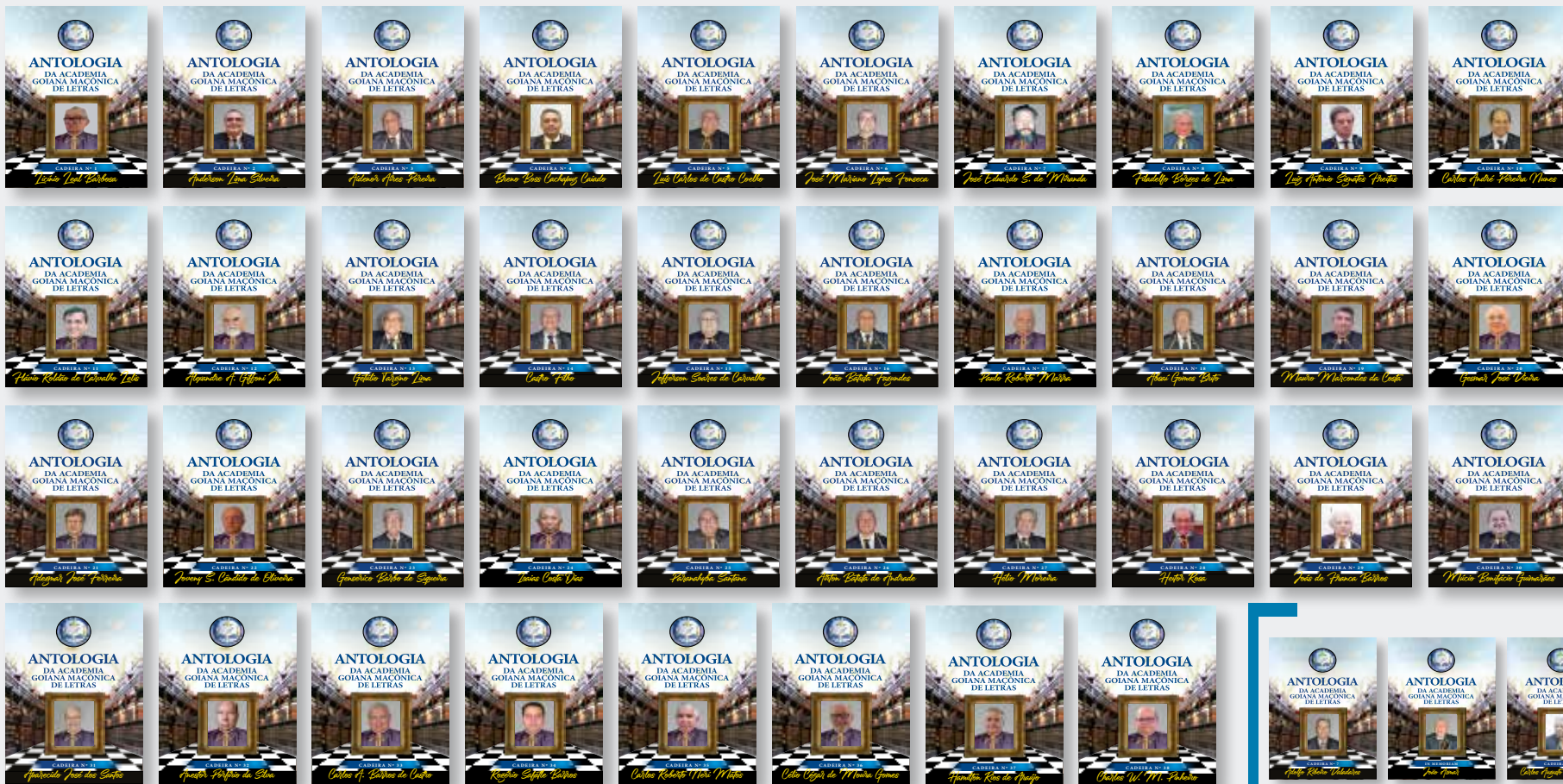


Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

Antologia dos Confrades escritores da AGML



[Publicações In memoriam]

solenidade de posse SECRETÁRIO GERAL ADJUNTO DA CMSB É O MAIS NOVO INTEGRANTE DA AGML

A Academia Goiana Maçônica de Letras, que tem como Potências parceiras a Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, Grande Oriente do Brasil-GO e Grande Oriente de Goiás-COMAB, realizou ontem (13) a noite sua quarta e última reunião ordinária do ano. Além dos assuntos administrativos, apresentação da proposta de planejamento para

o exercício de 2024 e mensagens de natal, aconteceu a posse do Irmão Tito Souza do Amaral, ex-Grão-Mestre da GLEG e atual Secretário Geral Adjunto da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB), como o mais novo membro da AGML. A cerimônia foi acompanhada pelos confrades da Academia e vários convidados.



memória SEMENTEIRAS DO BEM

Absai Gomes Brito

| Cadeira nº 18

Um exemplo a ser seguido: o irmão Barbosa Nunes, que em vida permanentemente plantou sementes de Fraternidade, Concórdia e Harmonia. Neste ano vamos seguir o seu exemplo e como Obreiros da Arte Real vamos cada de nós agir como sementeiras do bem, da equidade e justiça.





registro ABIN



confraria celestial



Mas – o que é um pormenor de ausência.

Faz diferença? “Choras os que não devias chorar.

O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta”– KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita.

A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!”– desfere então o salmo. As pessoas

não morrem, ficam encantadas. [GUIMARÃES ROSA]



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Licínio Leal Barbosa	
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimadasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoraire@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luis Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	filadelfoborgesdelima@gmail.com
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com
10	Carlos André Pereira Nunes	carlsoandre@carlsoandre.com.br

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
11	Flávio Roldão de Carvalho Leis	flavio.roldao@ifg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	ebastião de Oliveira Castro Filho	castrofilho.o@gmail.com
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	mauromarcondes.costa@gmail.com
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	José Ferreira	degmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	jaqueline5oficio@gmail.com
23	Genserico Barbo de Siqueira	irtid.anapolis@gmail.com
24	Isaias Costa Dias	isaiascdmc@hotmail.com
25	Paranahya Santana	paranasan@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
26	Aírtton Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	drhmoreira@gmail.com
28	Heitor Rosa	heitorrosas@gmail.com
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Carlos Roberto Neri Matos	carlosmerim@gmail.com
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br